

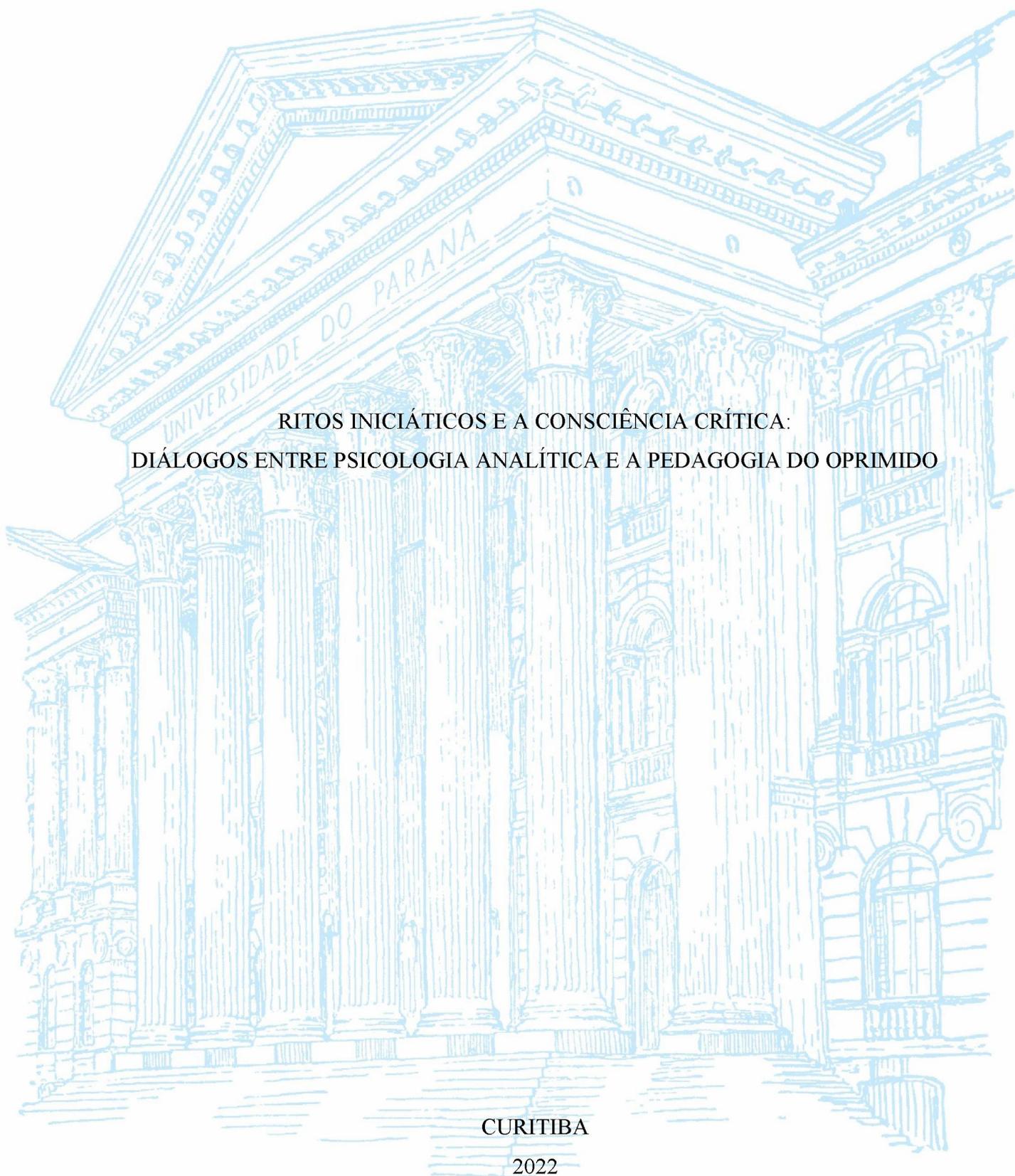
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

ANDREW OMAR SOARES

RITOS INICIÁTICOS E A CONSCIÊNCIA CRÍTICA:
DIÁLOGOS ENTRE PSICOLOGIA ANALÍTICA E A PEDAGOGIA DO OPRIMIDO

CURITIBA

2022



ANDREW OMAR SOARES

RITOS INICIÁTICOS E A CONSCIÊNCIA CRÍTICA:
DIÁLOGOS ENTRE PSICOLOGIA ANALÍTICA E A PEDAGOGIA DO OPRIMIDO

Dissertação apresentada ao curso de Pós-Graduação em Psicologia, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Psicologia Clínica.

Orientador: Prof. Dr. Carlos Augusto Serbena

Coorientador: Prof. Dr. Walter Melo Junior

CURITIBA

2022

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELO SISTEMA DE BIBLIOTECAS/UFPR –
BIBLIOTECA DE CIÊNCIAS HUMANAS COM OS DADOS FORNECIDOS PELO AUTOR

Fernanda Emanoéla Nogueira – CRB 9/1607

Soares, Andrew Omar

Ritos iniciáticos e a consciência crítica : diálogos entre psicologia analítica e a Pedagogia do Oprimido. / Andrew Omar Soares. – Curitiba, 2022.

Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Setor de Ciências Humanas da Universidade Federal do Paraná.

Orientador : Prof. Dr. Carlos Augusto Serbena

Coorientador : Prof. Dr. Walter Melo Junior

1. Ritos de iniciação. 2. Psicologia junguiana. 3. Política e Cultura.
4. Freire, Paulo, 1921-1997. Pedagogia do Oprimido. 5. Zoja, Luigi, 1944-
I. Serbena, Carlos Augusto, 1968-. II. Melo Junior, Walter. III. Título.

CDD – 150.1954



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO PSICOLOGIA -
40001016067P0

ATA Nº259

ATA DE SESSÃO PÚBLICA DE DEFESA DE MESTRADO PARA A OBTENÇÃO DO GRAU DE MESTRE EM PSICOLOGIA

No dia vinte e nove de novembro de dois mil e vinte e um às 09:00 horas, na sala da plataforma digital Google Meet <https://meet.google.com/eno-ibtk-wgs>, conforme recomendações da Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós Graduação (PRPPG), foram instaladas as atividades pertinentes ao rito de defesa de dissertação do mestrando **ANDREW OMAR SOARES**, intitulada: **Ritos Iniciáticos e a consciência crítica: Diálogos entre psicologia analítica e a pedagogia do oprimido**, sob orientação do Prof. Dr. CARLOS AUGUSTO SERBENA. A Banca Examinadora, designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação PSICOLOGIA da Universidade Federal do Paraná, foi constituída pelos seguintes Membros: CARLOS AUGUSTO SERBENA (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ), CLARISSA DE FRANCO (UNIVERSIDADE METODISTA DE SÃO PAULO), MARIA DO DESTERRO DE FIGUEIREDO (FAE - CENTRO UNIVERSITÁRIO), PAULO AFRANIO SANT'ANNA (UNIVERSIDADE FEDERAL DOS VALES DO JEQUITINHONHA E MUCURI). A presidência iniciou os ritos definidos pelo Colegiado do Programa e, após exarados os pareceres dos membros do comitê examinador e da respectiva contra argumentação, ocorreu a leitura do parecer final da banca examinadora, que decidiu pela APROVAÇÃO. Este resultado deverá ser homologado pelo Colegiado do programa, mediante o atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca dentro dos prazos regimentais definidos pelo programa. A outorga de título de mestre está condicionada ao atendimento de todos os requisitos e prazos determinados no regimento do Programa de Pós-Graduação. Nada mais havendo a tratar a presidência deu por encerrada a sessão, da qual eu, CARLOS AUGUSTO SERBENA, lavrei a presente ata, que vai assinada por mim e pelos demais membros da Comissão Examinadora.

Observações: (1) Registrada, pelos quatro membros da Banca, a mudança de nível de Mestrado para Doutorado, com indicação de manutenção da pesquisa na temática. Tanto eu como orientador, como o coorientador igualmente concordamos com a mudança de nível.

CURITIBA, 29 de Novembro de 2021.

Assinatura Eletrônica
01/12/2021 08:57:15.0
CARLOS AUGUSTO SERBENA
Presidente da Banca Examinadora

Assinatura Eletrônica
01/12/2021 08:33:59.0
CLARISSA DE FRANCO
Avaliador Externo (UNIVERSIDADE METODISTA DE SÃO PAULO)

Assinatura Eletrônica
01/12/2021 09:26:14.0
MARIA DO DESTERRO DE FIGUEIREDO
Avaliador Externo (FAE - CENTRO UNIVERSITÁRIO)

Assinatura Eletrônica
02/12/2021 08:16:01.0
PAULO AFRANIO SANT'ANNA
Avaliador Externo (UNIVERSIDADE FEDERAL DOS VALES DO
JEQUITINHONHA E MUCURI)

Praça Santos Andrade, 50, 2o andar - CURITIBA - Paraná - Brasil
CEP 80060-010 - Tel: (41) 3310-2644 - E-mail: pgpsicologia@ufpr.br

Documento assinado eletronicamente de acordo com o disposto na legislação federal Decreto 8539 de 08 de outubro de 2015.

Gerado e autenticado pelo SIGA-UFPR, com a seguinte identificação única: 131859

Para autenticar este documento/assinatura, acesse <https://www.prppg.ufpr.br/siga/visitante/autenticacaoassinaturas.jsp>
e insira o código 131859



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO PSICOLOGIA -
40001016067P0

TERMO DE APROVAÇÃO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação PSICOLOGIA da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da Dissertação de Mestrado de **ANDREW OMAR SOARES** intitulada: **Ritos iniciáticos e a consciência crítica: Diálogos entre psicologia analítica e a pedagogia do oprimido**, sob orientação do Prof. Dr. CARLOS AUGUSTO SERBENA, que após terem inquirido o aluno e realizada a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua APROVAÇÃO no rito de defesa.

A outorga do título de mestre está sujeita à homologação pelo colegiado, ao atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca e ao pleno atendimento das demandas regimentais do Programa de Pós-Graduação.

CURITIBA, 29 de Novembro de 2021.

Assinatura Eletrônica
01/12/2021 08:57:15.0
CARLOS AUGUSTO SERBENA
Presidente da Banca Examinadora

Assinatura Eletrônica
01/12/2021 08:33:59.0
CLARISSA DE FRANCO
Avaliador Externo (UNIVERSIDADE METODISTA DE SÃO PAULO)

Assinatura Eletrônica
01/12/2021 09:26:14.0
MARIA DO DESTERRO DE FIGUEIREDO
Avaliador Externo (FAE - CENTRO UNIVERSITÁRIO)

Assinatura Eletrônica
02/12/2021 08:16:01.0
PAULO AFRANIO SANT'ANNA
Avaliador Externo (UNIVERSIDADE FEDERAL DOS VALES DO
JEQUITINHONHA E MUCURI)

Agradecimentos

Dedico este trabalho ao meu pai, José Cláudio Soares, que fez sua última passagem durante a realização desta obra. A ele devo tudo o que sou, me proporcionando o estudo que nunca pode ter, sempre assistindo minhas palestras e acreditando em mim.

Agradeço à Juliana Rangel Alves de Souza pelo nascimento de nossa família linda durante o mestrado, me apoiando academicamente e emocionalmente sempre, principalmente durante meu luto e nos momentos de maior dificuldade.

Agradeço aos meus familiares por sempre acreditarem em mim e acompanharam meu trabalho, em especial minha mãe Aparecida Leduíno Rosa Soares pelas orações e conforto nos momentos difíceis.

Agradeço ao meu orientador, Prof. Carlos Augusto Serbena, e coorientador, Prof. Walter Mello Junior, pela dedicação de ambos na orientação do meu trabalho, pela amizade e pelo exemplo de vida que vocês são pra mim.

Agradeço aos meus amigos Ana Carolina Bernardo Nascimbem, Gisele Tiemi de Assis Sugawara, Iva Fischer, Larissa Roberta Vicentini, Luis Paulo Tomasini e Ricardo Costa Otávio pelo carinho, força, ajuda prática e incentivo em dar seguimento à minha carreira acadêmica. Esse trabalho não seria possível sem vocês.

Agradeço à condução dos meus guardiões e guias espirituais que me mantiveram de pé e confiante em todo o processo, mesmo quando a pandemia começou e as incertezas sobre o futuro apenas aumentavam. Agradeço a Cabana da Floresta da Borboleta Azul por ter me aberto o horizonte da minha relação com a espiritualidade e a importância dos processos iniciáticos.

Agradeço aos integrantes da banca, Profa. Clarissa de Franco, Profa. Maria do Desterro de Figueiredo e Prof. Paulo Afrânio Sant'Anna por aceitarem o convite para composição da banca e avaliação do meu trabalho.

Agradeço as duas gestões do Departamento de Saúde da Prefeitura de Miracatu que permitiram a conciliação entre o meu trabalho com meus estudos do mestrado. Agradeço em especial minha coordenadora Raquel de Souza Barbosa, que sempre foi muito solícita e parceira na mediação de todo esse processo.

Agradeço a todos os meus pacientes e aqueles que direta ou indiretamente me apoiaram nessa trajetória que extrapolou muito o âmbito acadêmico, tornando-se um ritual de passagem significativo em minha vida.

“Os impérios não padecem de falta de propósito no momento em que são criados. É quando já se estabeleceram que os objetivos se perdem e são substituídos por rituais vagos”

Frank Herbert
(Messias de Duna, p. 61)

RESUMO

Os ritos iniciáticos possuem a importante função de inscrever psicologicamente os sujeitos na cultura, representando um ponto de convergência importante entre a dimensão psíquica individual e a vida pública e política (psicopolítica). Verificamos o crescimento no Brasil de estudos em psicologia analítica acerca da temática política a partir de uma revisão de literatura em bases de dados nacionais sobre o assunto (período de 1986 à 2019). Os trabalhos mais relevantes sobre o assunto atualmente são os que abordam o conceito de complexo cultural. Entre as principais lacunas, encontramos poucos trabalhos que abordem autores brasileiros e que discutam os ritos iniciáticos em sua dimensão psicopolítica. A fim de abordar essa última temática, optamos pelo estudo em profundidade do livro “Nascer Não Basta: Iniciação e Toxicodependência” de Luigi Zoja a partir de uma análise crítica focada no conceito de ritos iniciáticos. Buscamos evidenciar problemas de fundamentação teórica na obra, principalmente o uso a generalizações excessivas, falhas metodológicas e interpretações hoje desatualizadas em psicologia analítica. Entre as críticas mais pertinentes salientamos um olhar saudosista e romantizado acerca dos ritos iniciáticos e dos supostos elementos arquetípicos e inatos reprimidos na vivência contemporânea. A fim de abordar o simbolismo dos ritos iniciáticos de modo atual e respeitando as especificidades da cultura brasileira, optamos pela utilização do método de humanização proposto pela Pedagogia do Oprimido de Paulo Freire. Consideramos que tal método, do ponto de vista teórico, pode ser considerado um processo análogo a uma iniciação laica, sendo capaz de constelar o simbolismo da morte e renascimento. Tal metáfora manifesta-se na morte da consciência oprimida e ingênua para o nascimento da consciência crítica. A fim de fundamentar essa hipótese, realizamos um estudo teórico/conceitual onde elencamos as passagens na obra em que o autor literalmente associa sua proposta pedagógica como um processo de morte e renascimento. Para além disso demonstramos como a pedagogia do oprimido compreende em um nível não dogmático as três características básicas dos ritos iniciáticos perdidos na modernidade (sacralidade, irreversibilidade e falta de alternativas segundo Zoja). Por fim, procuramos demonstrar como os ritos iniciáticos possibilitam um eixo profícuo de interação entre a psicologia analítica e a pedagogia freiriana, abordando possibilidades de expansão desse diálogo.

Palavras-chave: Psicologia analítica, Ritos iniciáticos, Pedagogia do oprimido, Paulo Freire, Luigi Zoja, Política

ABSTRACT

Initiation rites have the important function of psychologically inscribing people in culture, representing an important point of convergence between the individual psychic dimension and public and political life (psychopolitical). We verified the growth of analytical psychology studies in Brazil about the political theme based on a literature review in national databases on the subject (period from 1986 to 2019). Currently, the most relevant works on the subject are those that address to the cultural complex concept. Among the main gaps, we find few works that address Brazilian authors and that discuss initiation rites in their psychopolitical dimension. To address this last theme, we opted for an in-depth study of the book “*Drugs, Addiction, and Initiation: The Modern Search for Ritual*” by Luigi Zoja based on a critical analysis centered on the concept of initiation rites. We seek to highlight theoretical foundation problems in the work, especially excessive generalizations use, methodological flaws and currently outdated interpretations in analytical psychology. Among the most pertinent criticisms, we highlight a nostalgic and romanticized look at the initiation rites and the supposed archetypal and innate elements repressed in contemporary life. In order to address the symbolism of initiation rites in a current way and respecting the Brazilian cultural specificities, we chose to use the method of humanization proposed by Paulo Freire's *Pedagogy of the Oppressed*. We consider that such method, from a theoretical point of view, can be considered a process analogous to a lay initiation, being able to constellate the death and rebirth symbolism. Such metaphor manifests itself in the oppressed and naive conscience death for the critical conscience birth. In order to support this hypothesis, we carried out a theoretical/conceptual study where we listed the passages in the work in which the author literally associates his pedagogical proposal as a death and rebirth process. Furthermore, we demonstrate how the pedagogy of the oppressed comprehend on a non-dogmatic level the three basic initiatory rites characteristics lost in modernity (sacredness, irreversibility and lack of alternatives according to Zoja). Finally, we seek to demonstrate how initiation rites enable a fruitful interaction axis between analytical psychology and Freire's pedagogy, addressing possibilities for expanding this dialogue.

Keywords: Analytical Psychology, Initiation Rites, Pedagogy of the Oppressed, Paulo Freire, Luigi Zoja, Politics

LISTA DE FIGURAS

CAPÍTULO 1

FIGURA 1 - FLUXOGRAMA DO PROCEDIMENTO DE PESQUISA DAS OBRAS INCLUÍDAS NA PESQUISA.....	26
FIGURA 2 - NÚMERO DE OBRAS POR ANO.....	28

LISTA DE TABELAS

CAPÍTULO 1

TABELA 1 - PALAVRAS-CHAVE UTILIZADAS.....	25
TABELA 2 - OBRAS MAIS CITADAS (PESQUISA POR CITAÇÕES NO GOOGLE ACADÊMICO).....	27
TABELA 3 - OBRAS QUE DERIVARAM MAIOR NÚMERO DE TRABALHOS RELEVANTES (PESQUISA POR CITAÇÕES NO GOOGLE ACADÊMICO).....	33

ANEXOS

TABELA 4 - OBRAS POR CATEGORIA E SUBCATEGORIA TEMÁTICA.....	40
TABELA 5 - OBRAS POR SUBCATEGORIA TEMÁTICA.....	41
TABELA 6 - RELAÇÃO DE OBRAS CATALOGADAS E CLASSIFICADAS.....	42

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	12
1.1	OBJETIVOS.....	16
1.1.1	Objetivo geral.....	16
1.1.2	Objetivos específicos.....	16
1.2	MÉTODO.....	16
2	CAPÍTULO 1 – PSICOLOGIA ANALÍTICA E POLÍTICA: UMA REVISÃO DE LITERATURA.....	18
	INTERCAPÍTULO.....	47
3	CAPÍTULO 2 – ANÁLISE CONCEITUAL E CRÍTICA DO LIVRO “NASCER NÃO BASTA: INICIAÇÃO E TOXICODEPENDÊNCIA”.....	49
	INTERCAPÍTULO.....	72
4	CAPÍTULO 3 – RITOS INICIÁTICOS E O MÉTODO DE HUMANIZAÇÃO: DIÁLOGOS ENTRE PSICOLOGIA ANALÍTICA E A PEDAGOGIA DO OPRIMIDO.....	74
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	94
	REFERÊNCIAS.....	98

1 INTRODUÇÃO

Os ritos de passagem, em especial os ritos iniciáticos, são elementos fundamentais na construção do laço social e consequente inscrição dos sujeitos na vida coletiva. Apesar disso, são poucos os trabalhos em psicologia analítica que abordam a dimensão coletiva e política dos ritos iniciáticos. A ênfase desses trabalhos tende a ser algum aspecto clínico relevante, como a toxicomania (Zoja, 1992), e que pressupõe o fim dos ritos iniciáticos tradicionais, seguindo a linha de reflexão teórica proposta por Mircea Eliade (1958/2000). Os trabalhos mais recentes em psicologia analítica sobre política, por outro lado, tendem a privilegiar o estudo dos diferentes complexos culturais, como eles são ativados e quais suas consequências para a vida coletiva.

Consideramos, entretanto, que o debate sobre os ritos iniciáticos na cultura contemporânea pode oferecer recursos profícuos na compreensão das dinâmicas psicológicas da vida política (ou psicopolítica¹, conforme Alschuler, 2006, p.2). Nosso trabalho tem por fio condutor o estudo da intersecção entre sujeito e cultura, individual e coletivo, metaforizados pelos ritos iniciáticos.

A psicologia clínica, em especial a de orientação junguiana, debruça-se sobre a vida coletiva e política cada dia mais. Torna-se impossível e indesejável, nos dias de hoje, uma prática clínica desconectada do mundo e da vida pública. Os próprios pacientes possuem diversos sofrimentos ético-políticos relevantes que demandam acolhimento, incluindo a ansiedade ambiental (Samuels, 2002, p.27). “Os terapeutas podem ignorar a desmoralização no reino da política e continuar a se focar na transformação pessoal. Ou podem tentar transformar a preocupação individual em preocupação social e política, contribuindo, assim, para a revitalização da política” (Samuels, 2002, p.15). No caso dos usuários do Sistema Único de Saúde a realidade de vulnerabilidade psicossocial impõem-se de forma ainda mais drástica, exigindo do profissional de psicologia o desenvolvimento de habilidades clínicas totalmente diversas das utilizadas no contexto da clínica particular.

No Brasil, um dos países de maior desigualdade social do mundo, apenas recentemente a dimensão política tem ganhado maior destaque nos debates em psicologia analítica. Autores nacionais relevantes para o debate social, como Paulo Freire e Milton Santos são raramente citados. Andrew Samuels (& Rubedo, 2003) salienta a importância da

¹ O conceito de psicopolítica que utilizaremos difere radicalmente do conceito proposto por Byung Chul-Han (2020) que refere-se a uma nova política neoliberal que visa o controle das mentes. Descreveremos psicopolítica dentro da conceituação de Alschuler (2006, p.2), onde as psicologias psicodinâmicas são utilizadas para promover compreensões sobre como interagem diferentes agentes políticos, visando compreender sua consciência política.

psicologia analítica brasileira tornar-se capaz de produzir conteúdo pertinente e de acordo com suas características locais:

Neste século, o Brasil será uma das principais áreas de crescimento da psicologia analítica (como é oficialmente conhecida a análise junguiana). No entanto, seria trágico se o tipo de psicologia desenvolvido no Brasil viesse simplesmente imitar os padrões dos antigos centros estabelecidos na Europa e Estados Unidos. Ao invés disso, esperamos que a emergência do Brasil no mundo enquanto criador de novas formas culturais (e não simplesmente como importador de formas culturais) tenha continuidade neste emocionante campo da análise junguiana. (Samuels & Rubedo, 2003, p. 1)

O primeiro capítulo desta dissertação trata-se de uma revisão de literatura em bases de dados nacionais com a finalidade de promover um panorama sobre as produções em psicologia analítica e o campo amplo da política no Brasil. Utilizamos a expressão “campo amplo da política” em diversos momentos a fim de frisar que estamos discutindo política enquanto o conjunto das práticas públicas que independem de manifestações institucionais formais. Não estamos, portanto, apenas nos restringindo à políticas de Estado, apesar do papel fundamental destas na vida pública. Este capítulo é basilar deste trabalho, pois oferece um mapa dos temas e conceitos mais trabalhados assim como as lacunas dessas produções em psicologia analítica.

Realizamos esta pesquisa especificamente sobre política pois nosso enfoque, ao analisar os ritos iniciáticos para a psicologia analítica, é o processo de inscrição da psique individual em sua *pólis* ou meio social. Não encontramos trabalhos pertinentes que abordassem os ritos iniciáticos nessa dimensão durante a revisão de literatura, de modo que utilizamos autores clássicos nessa temática (Zoja, 1992, Tacey, 1997, Van Genep, 1909/2013) a fim de suprir essa lacuna.

No segundo capítulo abordaremos os ritos iniciáticos na perspectiva da psicologia analítica. Realizaremos isso a partir da análise crítica da obra *Nascer Não Basta: Iniciação e Toxicoddependência* de Luigi Zoja (1992) por ser uma das obras mais clássicas e influentes sobre o assunto. Devemos destacar, a título de nota, que Zoja (1992) antecipa e vai ao encontro de diversas discussões realizadas por Byung-Chul Han (2021) em seu mais recente livro “*O Desaparecimento dos Rituais*”, como, por exemplo, a ausência de limites e pausas no capitalismo contemporâneo e suas consequências nos processos de subjetivação.

Em seu trabalho, Zoja (1992) considera que a clínica da dependência química pela perspectiva junguiana passa pelo problema da ausência contemporânea de ritos iniciáticos e suas consequentes experiências simbólicas de morte e renascimento. O autor considera a

morte como um dos maiores “reprimidos culturais de nosso tempo” (Zoja, 1992, p. 75). Por consequência, sua manifestação simbólica a partir dos ritos iniciáticos também é reprimida, gerando a impossibilidade do nascimento simbólico na cultura, como ocorre nas sociedades tribais e tradicionais. A morte e renascimento simbólica, nessa perspectiva, tornou-se uma experiência particular a ser trabalhada de modo introspectivo ou no processo analítico.

Para Zoja (1992, p. 131) o toxicômano busca inconscientemente no uso da droga uma experiência de morte e renascimento que é frustrada pela ausência de ritualísticas que ofereçam o contorno adequado para a experiência de morte e renascimento simbólicos. A cultura do consumismo também é lida por ele como um relevante sintoma social análogo a toxicomania, tendo em vista que representa o desejo inconsciente de um acúmulo incessante de libido e vida, negando a morte, a restrição e a moderação:

Esse desenvolvimento [da toxicomania] insere-se na nossa cultura não só porque faltam ritmos rituais no sentido próprio, mas porque tudo, e em particular as relações com os objetos, está permeado de um pseudo-ritual, o consumismo, que justamente prevê não a satisfação da necessidade, e sim a sua metástase. (Zoja, 1992, p. 112).

Apesar de sua importância para o estudo dos ritos iniciáticos na cultura contemporânea e sua importância para a psicologia analítica, consideramos que a obra precisa ser utilizada com cautela. A obra possui 36 anos desde sua publicação original, o que lhe confere certas limitações em discussões conceituais e análises de fenômenos recentes, como o crescimento da visibilidade dos movimentos LGBTQIA+ e outros movimentos de minorias. Para além disso, não existe consenso teórico sobre as teses basilares do Zoja (1992), no caso o fim dos ritos iniciáticos tradicionais em nossa cultura. Existem problemas metodológicos como a generalização indutivista de fenômenos observados em um único estudo de caso; leitura excessivamente biológica do conceito de arquétipo; tendência a um negativismo e pessimismo a priori acerca das mudanças contemporâneas; e uma romantização de experiências compreendidas como arcaicas no que chamaremos de quixotismo em psicologia analítica, em referência a obra clássica de Miguel de Cervantes (1605/2013).

O último e terceiro capítulo de nosso trabalho é uma resposta às críticas que fizemos a Zoja (1992) no segundo capítulo. Nosso objetivo é demonstrar que existem práticas coletivas análogas aos ritos iniciáticos que visam a inscrição na *pólis* dos sujeitos, para além do processo excessivamente introspectivo e analítico. Utilizaremos como eixo central para essa discussão a *Pedagogia do Oprimido* de Paulo Freire (1968/2011), que vai exatamente abordar uma inscrição crítica na cultura a partir da humanização e do diálogo.

A escolha de Paulo Freire foi feita devido a relevância e atualidade do autor pernambucano. O autor é um dos 3 autores mais citados do mundo em ciências sociais pelo Google Acadêmico (Green, 2016, maio 12), encontramos em nossa pesquisa apenas referências internacionais que realizam a conexão entre Paulo Freire e a psicologia analítica (Alschuler, 2006; Watkins & Shulman, 2008). Num país marcado pela desigualdade social como o Brasil, autores como Freire incidem diretamente sobre as marcas que as relações de opressão produzem nas diferentes instituições brasileiras, inclusive na escola.

Consideramos, portanto, o método de desenvolvimento da consciência crítica para superação das condições de opressão criado por Freire (1968/2011) como chave hermenêutica necessária para o projeto de construção de uma psicologia analítica brasileira, conforme proposto por Samuels (& Rubedo, 2003, p. 1). Freire é um dos autores que contribuem para a ampliação do nosso olhar à realidade sociocultural brasileira.

Optamos pelo uso dos ritos iniciáticos como eixo simbólico a fim de possibilitar o diálogo entre essas duas teorias. Zoja (1992) considera que *Nascer não Basta*, ou seja, a inscrição na cultura acontece por um processo de morte e renascimento imprescindível para que os sujeitos possam morrer para nascer em suas próprias vidas. Freire (1968/2011) vai ao encontro de Zoja (1992) propondo um método de humanização, garantindo as pessoas a vocação ontológica de serem, em oposição a negação da vida promovida pela opressão.

Nossa proposta, em outras palavras, é que na contemporaneidade, a metáfora de morte e renascimento encarna-se no desenvolvimento da consciência crítica conforme proposto por Freire. Uma vez conscientizados e introduzidos na práxis libertadora, não é mais possível o retorno a condição anterior de consciência oprimida. A transformação é radical, irreversível, sem espaço para ambiguidades e mobilizada por fortes sentimentos de amor, esperança e fé no ser humano. Talvez a “retrotopia” (tendência contemporânea do retorno melancólico ao passado conforme Bauman, 2017) possa então ser superada, assim como leituras excessivamente pessimistas acerca dos nossos desdobramentos contemporâneos frente a expansão do neoliberalismo e da crise socioambiental (Bauman, 2001, 2017; Han, 2020, 2021)

Acreditamos que a obra de Freire (1968/2011), junto com outros autores correlatos como Leonardo Boff (2009) podem responder aos anseios por uma nova cultura espiritual coletiva que nos guie para além do individualismo e possibilite que nosso olhar seja ampliado para toda a sociedade. Talvez este seja um dos caminhos possíveis para a reimaginação do conceito de Self como uma forma de interiorização da comunidade (Hillman, 1993).

We must see the rebuilding of our spiritual culture as a matter of utmost urgency, and avoid the dead-end of perfunctory ceremonialism. We do not engage in this resacralising project for personal enjoyment but for the survival of society itself. (Tacey, 1997, p. 129)².

1.1 OBJETIVOS

1.1.1 Objetivo geral

Verificar, do ponto de vista teórico, se o processo de desenvolvimento da consciência crítica proposto pela pedagogia do oprimido (Freire, 1968/2011) pode promover transformação psicológica análoga aos ritos iniciáticos pela perspectiva da psicologia analítica.

1.1.2 Objetivos específicos

- Mapear as principais temáticas dos estudos sobre psicologia analítica e o campo amplo da política.
- Analisar criticamente a compreensão sobre ritos iniciáticos em psicologia analítica de autores clássicos, em especial Luigi Zoja (1992)
- Construir aproximações entre a perspectiva da psicologia analítica e da pedagogia do oprimido utilizando os ritos iniciáticos como metáfora norteadora.

1.2 MÉTODO

Essa dissertação foi escrita no modelo escandinavo, onde cada capítulo é um artigo completo em si e a união destes compõem o todo da dissertação. Todos os capítulos possuem suas próprias referências e ao final elencamos todas as referências utilizadas na dissertação completa. As referências seguem as normas da *American Psychological Association* (APA). A fim de tornar a leitura mais agradável e explicitar as diferentes conexões entre os capítulos utilizaremos intercapítulos entre os artigos. O objetivo de cada intercapítulo é demonstrar, de forma sucinta, como os capítulos/artigos são amarrados em um todo coerente e esmiuçar discussões e eventuais lacunas nos artigos que demandariam digressões excessivas. Os

² “Devemos ver a reconstrução da nossa cultura espiritual como uma questão de extrema urgência e evitar o beco sem saída do cerimonialismo superficial. Não estamos envolvidos neste projeto de ressacralização para nossa satisfação pessoal, mas para a sobrevivência da própria sociedade.” (tradução livre)

capítulos de introdução e de considerações finais também visam dissolver a sensação de fragmentação proporcionada pela separação dos capítulos em artigos.

O primeiro capítulo é uma revisão de literatura sobre o tema psicologia analítica e o campo amplo da política em bases de dados nacionais. Devido a amplitude do tema, utilizamos operadores booleanos para realizar pesquisas cruzadas entre diversas palavras-chave a fim de ampliar a pesquisa. Também realizamos pesquisas a partir das citações no Google Acadêmico dos trabalhos mais atuais encontrados ou com mais de dez citações a fim de aumentar a capilaridade do estudo.

O segundo capítulo é uma análise crítica da obra *Nascer Não Basta: Iniciação e Toxicod dependência* de Luigi Zoja (1992), ao qual usamos os seguintes critérios como parâmetros da análise: qualidade da fundamentação teórica; pertinência nas comparações entre a clínica individual e a sociedade; ocorrência de interpretações a priori; casos de generalizações excessivas; pontos desatualizados da obra.

O terceiro capítulo realiza um exercício dialógico entre o conceito de ritos iniciáticos para a psicologia analítica (Zoja, 1992) e o método de conscientização (Freire, 1968/2011) em busca de uma síntese. Destacamos os pontos de contato e divergência encontrados, sempre que possível com citações literais das referenciadas, fundamentando textualmente nossas argumentações.

Nas considerações finais realizamos a síntese dos três capítulos, salientando possíveis desdobramentos para pesquisas futuras a respeito da interlocução entre psicologia analítica, pedagogia freiriana e os ritos iniciáticos.

2 CAPÍTULO 1

PSICOLOGIA ANALÍTICA E POLÍTICA: Uma revisão de literatura

ANALYTICAL PSYCHOLOGY AND POLITICS: a literature review

RESUMO

Atualmente é notável o crescimento do interesse acerca do tema política junto à comunidade de pesquisadores em psicologia analítica no Brasil e no mundo. Realizamos uma revisão integrativa de literatura em bases de dados brasileiras a fim de mapear as principais contribuições da psicologia analítica no campo da política no período de 1986 à 2019. Os temas mais relevantes encontrados foram: Conceito de complexo cultural; Revisão dos conceitos de anima e animus; Reformulações de proposições teóricas compreendidas como estruturalmente racistas; Posições políticas de C. G. Jung e seu diálogo com outros autores. Entre as lacunas encontradas, observamos escassez de trabalhos que dialoguem com autores brasileiros, obras que abordem o uso do conceito de sincronicidade no contexto político e que discutam os ritos iniciáticos.

Palavras-chave: Psicologia analítica. Jung. Política. Revisão de literatura.

ABSTRACT

Currently, the growing interest on the political issue among the analytical psychology research community in Brazil and the world is remarkable. We conducted an integrative literature review in Brazilian databases to map the main contributions of the analytical psychology field in the politics theme from 1986 to 2019. The most relevant topics found are: The concept of cultural complex; Review of anima and animus concepts; Reforms in theoretical proposals understood as structurally racist; C. G. Jung's political positions and his dialogue with other authors. Among the gaps found, we observed a scarcity of works that dialogue with Brazilian authors, works that address the synchronicity concept use in the political context and discuss the initiation rites.

Keywords: Analytical psychology. Jung. Politics. Literature review.

2.1 INTRODUÇÃO

Atualmente podemos observar um crescimento exponencial no interesse acadêmico sobre o tema política, em especial frente ao quadro de crise político econômica mundial. Vladimir Safatle (Teoria & Debate, 2019, abril 24), entretanto, considera que esta narrativa de uma grande crise mundial encoberta o funcionamento normal do neoliberalismo contemporâneo. Tal discurso teria por finalidade justificar medidas de austeridade contra a classe média e a população mais pobre, visando a redução dos direitos sociais para potencializar meios de exploração em massa. A crise político-econômica torna os contornos das democracias neoliberais cada vez mais estreitos e opressivos. O casamento entre liberalismo e democracia estaria em seu fim, a partir da aproximação progressiva com modelos que combinam alta produtividade e forte controle estatal, o “capitalismo de rosto asiático” (Zizek, 2015, Fevereiro 5).

Outro fator importante na composição do quadro sociopolítico atual são as progressivas conquistas de direitos adquiridas por movimentos de minorias, em especial movimentos feministas, LGBTQIA+, étnico/raciais e de grupos de refugiados (Solano, org, 2018). Tais conquistas, somadas ao acirramento das condições de vida a nível mundial, favoreceram a reação e o crescimento de grupos de extrema-direita. Por consequência, passamos a conviver com a radicalização e a polarização política, assim como notícias frequentes de confrontos violentos entre diferentes grupos sociais.

O contexto de polarização política, ou ativação do complexo cultural (Kimbles, 2013), favorece narrativas messiânicas a partir da eleição de um grupo de inimigos a serem destruídos para uma mítica reconstituição do bem. Essa polarização é essencial para a instauração da banalização do mal (Arendt, 1999). Tal prática, considerada uma das principais raízes do modus operandi autoritário, consiste na justificação institucional e social de práticas desumanas contra grupos tidos como inimigos. É a gradual redução do valor da vida humana em prol de ideais e objetivos abstratos que supostamente serão atingidos após a destruição dos adversários.

Por política nos referimos a tudo que se refere à vida coletiva e dos embates sociais. O termo política é “derivado do adjetivo originado de *pólis* (*politikós*), que significa tudo o que se refere à cidade e, conseqüentemente, o que é urbano, civil, público, e até mesmo sociável e social, (...) arte ou ciência do Governo.” (Bobbio, Matteucci & Pasquino, 1998, p. 954). O conceito moderno de política está intimamente ligado ao conceito de poder, principalmente ao poder de coação física e direta exercido pelo Estado (Bobbio et al., 1998 pp. 955). Em conjunto ao poder político, que distingue fortes e fracos, encontramos o poder econômico, que

distingue ricos e pobres, e o poder ideológico, que distingue sábios e ignorantes. (Bobbio et al., 1998, pp.957). O conceito de política pode ser definido a partir de vários pontos de partida para além do apresentado, como suas instituições, seus recursos, seu processo e sua função. (Schmitter, 1965, p. 47). Inclusive podemos encontrar o contraponto de que a função da política não é a coerção, mas a “resolução não-violenta dos conflitos” (Schmitter, 1965, p. 54) com a política se tornando a arte de conflitar e solucionar conflitos de forma não violenta, sem gerar possíveis efeitos que desagreguem a coletividade e o Estado (Schmitter, 1965, p. 55).

Entre as contribuições originais que a psicologia analítica oferece sobre a compreensão das dinâmicas psicológicas da vida política (psicopolítica) é como esta pode funcionar de modo análogo às religiões, já que ambas provocam vivências que geram sentido existencial amplo no presente (experiências numinosas) assim como uma projeção finalista (teleológica) rumo a uma vida melhor no futuro, seja num ‘paraíso’ ou numa utopia específica (Jung, 1958/2013). Por numinosas nos referimos a vivências da dimensão do sagrado que promovem intensa sensação de sentido existencial que prescindem à explicação racional (Otto, 1917/2007). Elegemos, portanto, a psicologia analítica como referencial teórico principal por sua centralidade epistemológica nas experiências numinosas e como estas podem interferir direta ou indiretamente em nossa compreensão dos fenômenos políticos. Em suma, nos interessa compreender como e quando a política e as vivências religiosas se coadunam do ponto de vista psicológico.

No interior da psicologia analítica, a preocupação com questões de ordem política não é recente (Samuels, 2002, 1995; Odajnyk, 1976; Alschuler, 2006; Dias & Gambini, 1999; Jung, 1958/2013). Quanto aos trabalhos sobre política de Carl Gustav Jung, fundador da psicologia analítica e principal base teórico-conceitual desta abordagem, é notório que foi um autor que valorizou menos este aspecto, dando ênfase em suas reflexões para a dimensão individual. Tal postura é justificada pela necessidade de consolidação da psicologia como ciência autônoma e não subordinada a outras disciplinas, como a sociologia ou a psiquiatria da época (Shamdasani, 2005).

Em sua obra, Jung não definiu nitidamente sua concepção de política e não escreveu textos explícitos sobre o assunto, abordando-o de forma implícita ou tangencial (Odajnyk, 1976, pp. 14-15). Acreditava na necessidade de direitos humanos básicos para a garantia de uma vida em liberdade e que possibilitasse o processo de individuação. No entanto, acredita que esses direitos serão efetivamente garantidos devido ao aumento da sabedoria das pessoas individuais que compõem a sociedade, e não a partir de uma política de Estado (Odajnyk, 1976, p.10). Para o autor, apenas a realidade individual é factual, enquanto a concepção de

sociedade é uma abstração da realidade (Jung, 1958/2013, p. 17). Nesse aspecto, Jung faz crítica ao racionalismo científico e ao materialismo, por negligenciarem a individualidade em prol de uma razão genérica, expressa por uma média numérica, sem correspondência direta com a experiência factual e subjetiva. Porém, o autor não nega a importância de criar generalizações e abstrações, pois considera necessário usar as abstrações (conhecimento) em uma relação dialética com a realidade factual e diretamente observável do indivíduo (compreensão) (Jung, 1958/2013, p.15).

Para o autor, os movimentos totalitários soviéticos seriam a manifestação extrema da diluição da subjetividade no racionalismo científico. Nesse regime, toda subjetividade estaria subordinada a uma razão de Estado genérica e racionalmente justificável, sufocando qualquer traço de individualidade. Ao reprimir a religião, tal regime inconscientemente insuflaria no próprio Estado, em seus heróis e sua história, características numinosas, promovendo sua mitificação e, conseqüentemente, ascensão do fanatismo político (Jung, 1958/2013, p. 22). A religião, enquanto elemento de conexão profunda consigo mesmo e com a dimensão metafísica, serviria como uma defesa do indivíduo frente a desagregação psíquica da sugestão coletiva (Jung, 1958/2013, p. 20). Cabe destacar que Jung (1958/2013, pp. 20-21) distingue religião de confissão, sendo a primeira a relação individual com o sagrado e a segunda a relação com a instituição religiosa e a comunidade de fiéis. Quando a confissão se sobrepõe à religião, o processo de massificação é análogo ao criticado anteriormente, pois ocorre o mesmo processo de exclusão da subjetividade em prol daquilo que é estabelecido coletivamente como inquestionável (o que ocorre nos fundamentalismos religiosos, por exemplo).

Isso explica por que Jung colocou-se de forma contrária a todo tipo de “ismo” (liberalismo, comunismo, etc.), pois considerava que todo grupo tende a afastar os indivíduos de si e de suas necessidades internas (função religiosa) para projetar no grupo e na sua identidade com ele expectativas de autorrealização. Esse movimento é compreendido como um movimento contrário ao da individuação, que consiste, em muitos aspectos a “fidelidade à sua própria lei” (Jung, 1954/2013, p. 185) em detrimento da lei externa. Jung identifica as grandes personalidades históricas como capazes de sustentarem sua individualidade movidas por um “deus” ou um “*daimon*” que as leva para fora dos limites seguros estabelecidos pela coletividade (Jung, 1954/2013, pp. 186-187).

Em seu Memorando a Unesco: Técnicas de mudança de atitude a serviço da paz mundial (Jung, 1957/2012, pp. 194-202), Jung considera que uma cultura de paz só pode ser desenvolvida por pessoas engajadas no processo de individuação. Pessoas com tal

engajamento seriam capazes de reconhecer como os processos políticos estão intimamente relacionados a sua própria subjetividade e forma de colocar-se no mundo, adotando, portanto, uma perspectiva de autorrevisão de suas motivações pessoais (análise). Este processo teria por finalidade evitar projeções de conteúdos internos em outras pessoas, assim como desenvolver força suficiente para sustentar a individualidade frente as forças regressivas da sugestão coletiva. Tal tarefa seria realizada por um grupo de líderes que se submetessem ao processo analítico. Esse número de pessoas poderia aumentar eventualmente pela sugestão coletiva produzida pelo exemplo desses líderes na coletividade pouco diferenciada. Jung, no entanto, desacreditava na possibilidade de uma individuação geral da população, assumindo que uma parcela significativa da população não terá capacidade de desenvolver sua individualidade, permanecendo então refém das flutuações coletivas, no entanto estimuladas moralmente pelo bom exemplo desses líderes.

A partir do exposto acima, consideramos que Jung possuía uma visão aristocrática e elitista da vida política. Podemos especular, no entanto, que ele reviu seu posicionamento em relação ao “homem comum” ao fim da vida devido a publicação de *Homem e Seus Símbolos* (Jung, 1964/2008). Conforme destacado na introdução (Jung, 1964/2008, pp.7-12) Jung recebe diversas cartas de pessoas comuns após sua entrevista para a emissora BBC e sonha que conduz uma palestra em uma praça onde é compreendido por uma multidão. Estes dois fatores teriam influenciado decisivamente a publicação deste seu último livro, que é destinado ao grande público e não à especialistas. Podemos supor a partir disto que Jung revê seu posicionamento aristocrático em relação a quem é capaz de assimilar seu trabalho, pois dedicou sua última obra às pessoas simples. Por consequência, é provável que o pensamento político do autor também tenha sofrido certa deselitização antes de seu falecimento.

Apesar de Jung recusar filiações políticas e ideológicas, podemos considerar que sua visão política possui pontos de contato com correntes de pensamento liberais e anarquistas devido sua ênfase grande na liberdade individual. No pensamento liberal, Jung aproxima-se do Liberalismo ético (Bobbio et al., 1998, p.689) devido sua aproximação com Kant e, conseqüentemente, Rousseau. Essa corrente do liberalismo tende a uma neutralidade da vida política em prol de uma ênfase na vida particular e na conduta individual, com o Estado como instância mediadora com o menor nível possível de interferência. Essa leitura também tem o risco de promover uma aristocratização da vida política (Bobbio et al., 1998, p.694). Como essa concepção leva em consideração, em grande medida, o posicionamento ético, estará em oposição ao Liberalismo utilitarístico (Bobbio et al., 1998, p. 689) que dá ênfase ao livre mercado como meio de regulação aos impulsos individuais. Da mesma forma que Jung não

considerava que uma mudança política verdadeira poderia ser feita por uma política de Estado, mas sim pelo aumento da consciência de seus cidadãos (Odajnyk, 1976, p.10), podemos considerar que essa crítica estende-se a noção de livre mercado irrefreado a partir de sua crítica ao consumismo e suas consequências ecológicas.

Quanto ao anarquismo, Jung teve contato com essa corrente de pensamento político a partir de Otto Gross, um psicanalista de orientação política anarquista. Jung chegou a relatar que o considerava seu “irmão gêmeo” (Bair, 2006, pp. 182-193) e foi uma das pessoas que influenciaram sua vida e seu trabalho. Não é possível, no entanto, definir com clareza a influência de Gross e de seu ideário anarquista na vida e obra de Jung. O anarquismo, em poucas palavras, seria uma retomada de valores iluministas e do liberalismo clássico que foram perdidas e distorcidas com motivação ideológica durante a ascensão do capitalismo industrial (Chomsky, 2011, p. 70). Entre esses valores destacamos a desconfiança para com hierarquias, que não são consideradas como dadas a priori e devem, portanto, justificar o motivo de sua existência em diferentes momentos a partir do questionamento sistemático daqueles que estão em posição subordinada. Nessa leitura, caso estas hierarquias não possam justificar-se, devem ser desmanteladas para dar lugar a outras formas de organização que visem sempre o maior nível possível de liberdade e a igualdade.

Aproximações com tal postura em Jung são observáveis em seu processo de ruptura com Freud (Jung, 1961/2016, pp. 155-175.) e no seu desejo que “ninguém se torne ‘junguiano’” (Shamdasani, 2005, pp. 372-373). Sua ênfase na individualidade e, conseqüentemente, desenvolvimento de uma personalidade autônoma (Jung, 1954/2013) dificilmente podem ser vinculados a um respeito acrítico por figuras de autoridade. Tal tendência à heterodoxia no interior da psicologia analítica pode ser verificada inclusive nos desdobramentos contemporâneos da teoria, o que inclui críticas severas ao próprio Jung (Samuels et al., 2018). Trabalhos que aprofundem os possíveis pontos de contato entre a obra de Jung e as diferentes escolas de filosofia política são, portanto, desejáveis.

A breve discussão apresentada aqui sobre o pensamento político de Jung visa apenas introduzir as raízes de discussões mais amplas e contemporâneas sobre o tema no interior da psicologia analítica que pretendemos abordar. Este campo de estudo está em constante revisão e transformação, de modo que diversos autores pós-junguianos divergem de Jung, propondo revisões teórico-conceituais em sua obra assim como a atualização de conceitos para melhor adequação à realidade contemporânea. Tais revisões estendem-se aos posicionamentos políticos historicamente atribuídos à Jung. Abordar o tema ‘psicologia analítica e política’ é, conseqüentemente, uma tarefa complexa e sujeita a diversas variáveis, de modo que optamos

pelo mapeamento dos estudos mais recentes a fim de obtermos um panorama do campo. Estudos de mapeamento visam fornecer subsídios para novas pesquisas a partir do levantamento de indicadores e referências teóricas que apontem caminhos e lacunas a serem exploradas futuramente (Vosgerau & Romanowski, 2014, pp.165-175). O objetivo deste trabalho é, portanto, compreender e classificar, em linhas gerais, as principais discussões que ocorrem no Brasil sobre o tema em questão. Realizamos este mapeamento por meio de uma Revisão Integrativa (RI) de literatura a partir das bases de dados nacionais.

2.2 MÉTODO

Optamos pela RI neste trabalho por ser “um tipo de revisão da literatura que reúne achados de estudos desenvolvidos mediante diferentes metodologias, permitindo aos revisores sintetizar resultados sem ferir a filiação epistemológica dos estudos empíricos incluídos” (Soares et al., 2014, p. 336). Tal escolha foi feita pois as produções em psicologia analítica não possuem viés metodológico único, embora possuam unidade hermenêutica. Alguns trabalhos pertinentes ao tema da pesquisa foram encontrados de modo assistemático e, portanto, não foram computados nos resultados. Optamos, entretanto, por inclui-los na discussão e considerações finais.

A seleção dos trabalhos pertinentes à pesquisa seguiu o formato de seleção em RI proposto por Soares et al. (2014), mas com alterações. Os trabalhos foram primeiramente selecionados pelo título e, em seguida, selecionados pelo resumo. Os critérios de seleção foram:

Título: Referências explícitas ou implícitas à psicologia analítica e conceitos relacionados no título; publicações em revistas e periódicos específicos dessa abordagem; textos produzidos por autores amplamente reconhecidos dentro da abordagem. Todos os resultados de pesquisa que foram detectados com alguma referência à psicologia analítica tiveram seus resumos analisados a fim de verificar relação com a temática da pesquisa.

Resumo: Confirmação da psicologia analítica como referencial teórico da pesquisa ou uso desta como referência teórica secundária; Verificação do grau de relevância do tema política ou correlatos no texto.

TABELA 1 – PALAVRAS-CHAVE UTILIZADAS

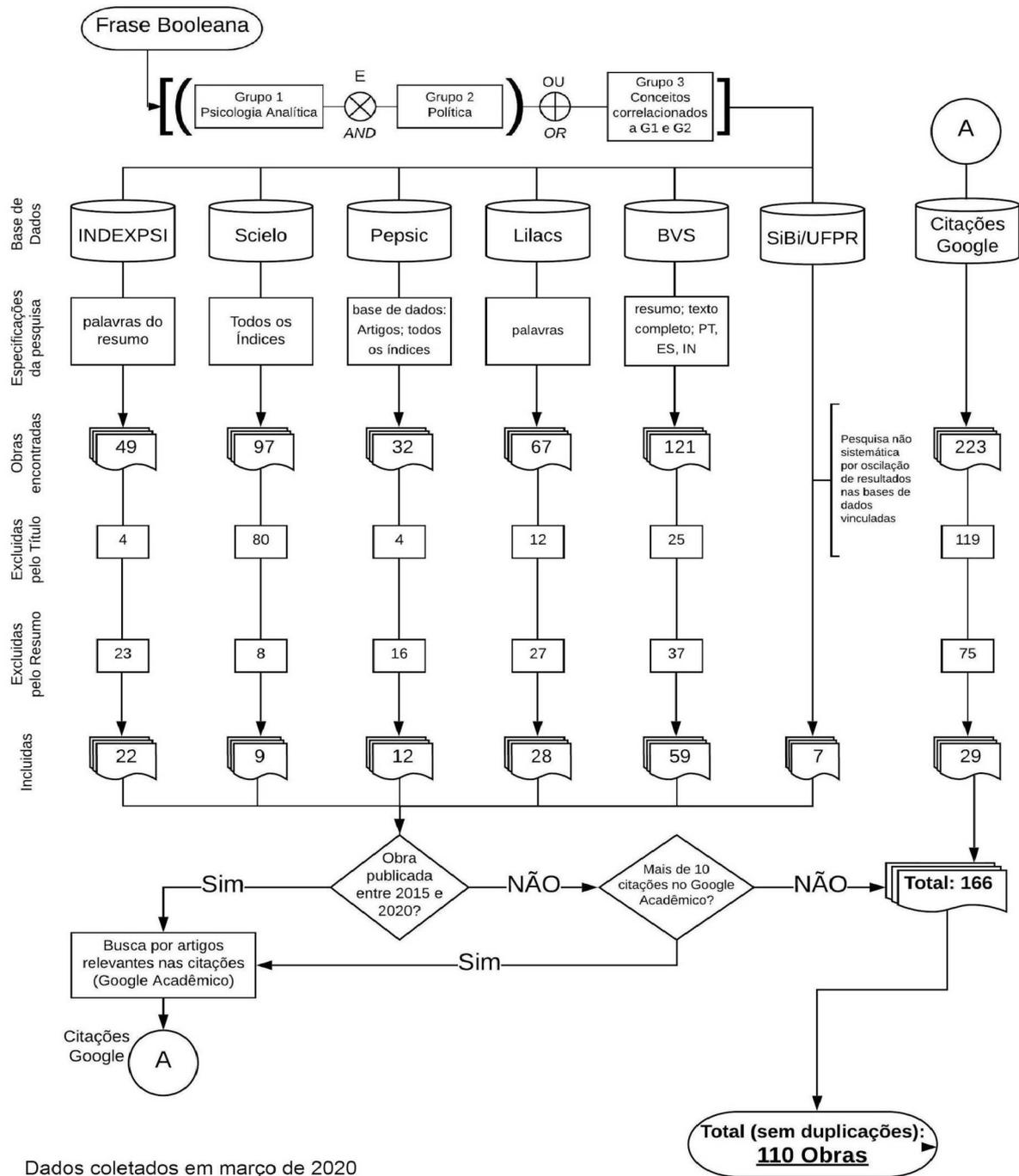
Língua	Primárias (grupo 1)	Secundárias (grupo 2)	Isoladas (grupo 3)
Português	Anima; animus; hillman; “inconsciente coletivo”; jung; jungian*; junguian*; “psicologia arquetípica”	politic*; gênero; poder; eleição; democra*; ditadura; nazis*; fascis*; autoritari*; anarquís*; comunis*; marx*; soci*	“inconsciente cultural”; “complexo cultural”; “arquetipo da alteridade”
Inglês	“analytical psychology”; “archetypal psychology”; “collective unconscious”; jungian*	gender; power; election; dictatorship; authoritarian*; anarch*; communis*	“cultural complex”; “alterity archetype”; “cultural unconscious”
Espanhol	"inconsciente colectivo"		“complejo cultural”; “arquetipo de la alteridad”

Obs: Palavras com mesma grafia em duas ou mais línguas não foram repetidas por motivo de síntese

Optamos pela utilização de operadores booleanos e diversas palavras-chave não cadastradas na Descritores em Ciências da Saúde (DeCS) da Biblioteca Virtual em Saúde (BVS) para ampliar o número de resultados pertinentes, conforme descrito acima na Tabela 1. Utilizamos recurso de truncamento a fim de obter mais resultados com base nos radicais das palavras-chave (jung* a fim de encontrar não só a palavra Jung, mas também ‘junguiano’, ‘junguiana’ por exemplo). O fato de ‘política’ ser um tema excessivamente abrangente tornou necessária a pesquisa a partir de palavras que derivam desse tema, de tal modo que a inclusão ou exclusão de determinados trabalhos possui certo grau de indeterminação, já que se enquadram com dificuldade nos critérios de inclusão e exclusão estabelecidos.³

3 . Exemplo de Frase booleana utilizada: (("psicologia analítica" OR jung OR junguian* OR jungian OR anima OR animus OR "inconsciente coletivo" OR "psicologia arquetípica" OR hillman OR "analytical psychology" OR jungian* OR "archetypal psychology" OR "collective unconscious" OR "inconsciente colectivo") AND (politic* OR genero OR democra* OR ditadura OR nazis* OR fascis* OR autoritari* OR anarquís* OR comunis* OR marx* OR sociolog* OR antropolog* OR "ciências sociais" OR alteridade OR gender OR dictatorship OR authoritarian* OR initiation OR anarch* OR communis* OR anthropolog* OR "social sciences" OR alterity OR "ciencias sociales" OR dictadura OR alteridad)) OR "inconsciente cultural" OR "complexo cultural" OR "arquetipo da alteridade" OR "cultural complex" OR "alterity archetype" OR "cultural unconscious" OR "complejo cultural" OR "arquetipo de la alteridad"

FIGURA 1 – FLUXOGRAMA DO PROCEDIMENTO DE PESQUISA DAS OBRAS INCLUÍDAS NA PESQUISA



Os trabalhos recolhidos das bases de dados foram catalogados em planilha eletrônica com informações como nome da obra, autores, palavras-chave, resumo entre outras. Para avaliar a relevância deles e incluir novos trabalhos, calculamos a quantidade de citações registradas no Google Acadêmico dos trabalhos catalogados pelo método citado (conforme descrito na Figura 1). Entretanto, é importante frisar que o processo de catalogação é uma

redução que simplifica os artigos trabalhados. Algumas obras abordam diversos assuntos, dificultando a escolha de uma temática principal e sua divisão em categorias e subcategorias dentro do formato pretendido por este trabalho.

Os trabalhos foram classificados em categorias temáticas que emergiram da leitura dos resumos. Priorizamos nas classificações a temática central do texto, e não os conceitos utilizados como ferramentas de análise. A saber, para um panorama mais refinado, devido à transversalidade do tema, também foram utilizadas subcategorias. Por exemplo, a subcategoria ‘brasileira’ foi utilizada junto às categorias ‘cultura’, ‘política’ e ‘literatura’.⁴

2.3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

O estudo catalogou 87 trabalhos na pesquisa por base de dados. Na pesquisa por citações no Google Acadêmico dessas referências, catalogamos mais 23 trabalhos, totalizando 110 trabalhos diferentes (trabalhos duplicados não foram contabilizados). Foram encontradas 58 obras em inglês, 51 obras em português e apenas uma obra em espanhol. Os autores com mais obras catalogadas são: Carlos A. B. Byington (9); Andrew Samuels (4); Jan Wiener (4); Vladimir Tsivinsky (3).

TABELA 2 – OBRAS MAIS CITADAS (PESQUISA POR CITAÇÕES NO GOOGLE ACADÊMICO)

Título	Autor primário	Ano	Nº de citações
A collective unconscious reconsidered: Jung's archetypal imagination in the light of contemporary psychology and social science.	Hunt, Harry T.	2012	36
The self in cyberspace. Identity formation in postmodern societies and Jung's Self as an objective psyche	Roesler, Christian	2008	30
Tipos psicológicos junguianos e escolha profissional: uma investigação com policiais militares da cidade de São Paulo	Zacharias, José Jorge de Moraes.	1994	28
Cultura hip hop: um lugar psíquico para a juventude negro-descendente das periferias de São Paulo	Scandiucci, Guilherme	2006	14
Shifting shadows: shaping dynamics in the cultural unconscious	Kaplinsky, Catherine	2008	13
Arendt, Jung e Humanismo: um olhar interdisciplinar sobre a violência / Arendt, Jung and Humanism: an interdisciplinary approach to violence	Xavier, Marlon	2008	12
A identidade pós-patriarcal do homem e da mulher e a estruturação quaternária do padrão de alteridade da consciência pelos arquétipos da anima e do animus	Byington, Carlos Amadeu B.	1986	12

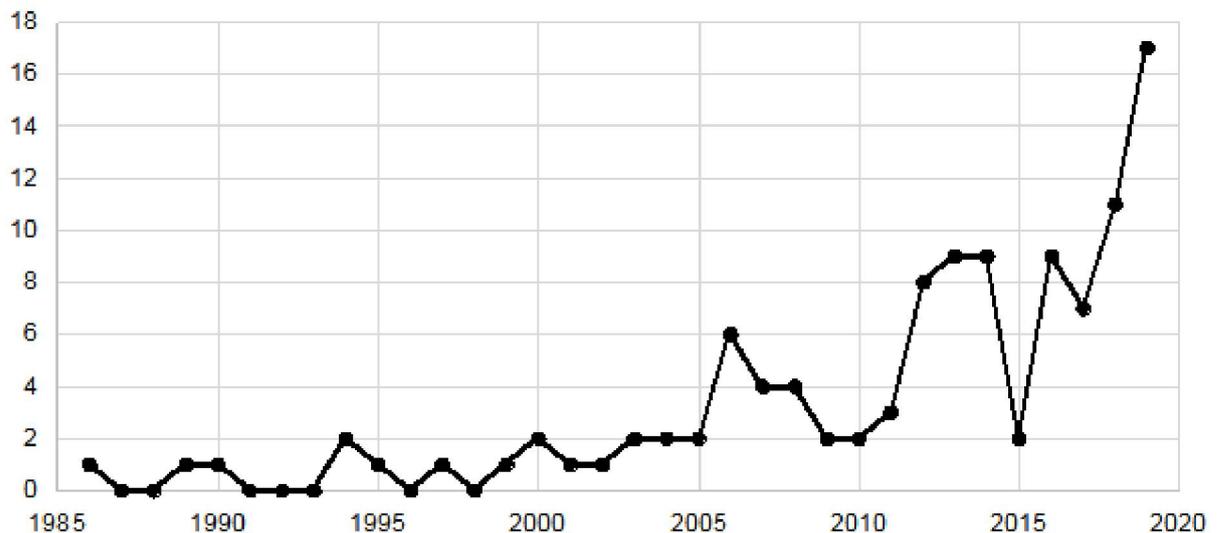
⁴ O número de obras classificadas por categoria pode ser encontrado no Anexo 1. A relação completa de obras classificadas encontra-se no Anexo 2.

A base de dados BVS foi a que apresentou maior quantidade de resultados relevantes (53 resultados) seguido pelo procedimento de pesquisa por citações do Google (29 resultados), conforme apresentado na Figura 1. Isto demonstra que esse procedimento de pesquisa tem capacidade real de ampliar a capilaridade do estudo, abrangendo obras não detectadas por outros procedimentos de pesquisa.

O predomínio de trabalhos de língua inglesa, mesmo a pesquisa sendo focada em bases de dados nacionais, é um indício de que o tema política vem sendo pouco explorado no Brasil ou que a quantidade de publicações em psicologia analítica na língua inglesa, de forma geral, é superior às publicações brasileiras. O fato de ter sido encontrada apenas uma obra relevante em espanhol indica que as bases de dados pesquisadas não contemplam uma grande quantidade de revistas relevantes sobre psicologia analítica nesta língua.

Há oscilações sazonais na quantidade de trabalhos sobre a temática política por ano (Figura 2). Apesar disso, é importante destacar que o aumento no número de publicações cresceu consideravelmente de 2006 até 2019 com redução significativa apenas nos anos de 2009, 2010 e 2015. Tal crescimento é indicativo de aumento no interesse acadêmico sobre o tema. Cabe destacar, porém, que o fenômeno de informatização e disseminação científica via internet é recente, sendo esperado que artigos mais antigos possuam menor número de resultados.

FIGURA 2 – NÚMERO DE OBRAS POR ANO



O fato de Carlos Byington ser o autor com maior número de publicações relevantes na pesquisa se deve a fatores como: 1. Foi um dos autores mais profícuos em publicações no campo da psicologia analítica no Brasil; 2. A diversidade de temas abordados pelo autor em suas obras é grande, com trabalhos distribuídos na pesquisa em 8 categorias diferentes (alteridade, cultura, Jung, política, família, ética/moral, arte e gênero) 3. A Psicologia

Simbólica Junguiana criada por ele é uma abordagem dialética entre indivíduo e cultura, o que inclui a dimensão política (Byington, 2019b); 4. O conceito de Arquétipo da Alteridade (Byington, 2019a), assim como sua Teoria Arquetípica da História (Byington, 2016) são construções teóricas de teor psicopolítico; 5. As bases de dados pesquisadas são brasileiras, portanto, é esperado uma quantidade maior de pesquisas nacionais.

Apesar de ser um autor amplamente conhecido em seu trabalho sobre psicologia analítica e política, Andrew Samuels possui poucos resultados, com trabalhos focados na discussão das perspectivas políticas de Jung e racismo (Samuels, 2019, 2018). Apresenta também um trabalho discutindo o futuro da psicologia analítica com base nos desafios políticos contemporâneos (Samuels, 2017). A quantidade reduzida de trabalhos deste autor provavelmente é devido ao uso de base de dados brasileiras.

Jan Wiener enfoca nas obras catalogadas aspectos da análise, como os impactos das burocracias e políticas internas das instituições de formação (Wiener, 2017). Fala também dos desafios na formação de analistas e no exercício da análise em contextos culturais e políticos diferentes do país de origem (Wiener, 2019). Suas obras são focadas em suas experiências pessoais enquanto analista.

Vladimir Tsivinsky dará enfoque a diferentes aspectos do complexo cultural russo. Em um estudo de caso (Tsivinsky, 2016), num conto de fadas (Barba Azul) (Tsivinsky, 2019) e na metáfora da Utopia (Tsivinsky, 2014).

Nas obras por categoria temática, a categoria “Jung” é a com maior número de resultados (25 obras). Ao analisarmos suas subcategorias, podemos destacar 3 tendências de estudo que se referem especificamente ao autor: Seu diálogo com outros autores de relevância para o tema política, como Hannah Arendt, Durkheim, Lévi-Strauss, Bauman, Foucault, entre outros (12 obras); A relação de Jung com o nazismo (6 obras); considerações de Jung, na maioria delas polêmicas, sobre outras raças e etnias, como as pessoas negras e judeus (7 obras). O fato de termos detectado 13 obras que dizem respeito especificamente sobre os posicionamentos políticos de Jung, inclusive do ponto de vista biográfico, indica que a comunidade junguiana ainda busca defender-se das acusações de que Jung seria partidário do nazismo assim como tenha feito declarações antissemitas e racistas. A obra mais exemplar, nesse sentido é a recente escrita coletiva *Open Letter from a group of Jungians on the question of Jung's writings on and theories about 'Africans'* (Samuels et al., 2018). O texto é uma retratação pública da comunidade junguiana acerca de comentários e teorizações de cunho racistas praticadas pelo autor e perpetuados de forma acrítica por instituições de formação analítica. Tal publicação indica que a comunidade junguiana caminha para um

consenso em reconhecer que Jung e sua teoria possuem elementos racistas que estão sendo revistos e resolvidos por formulações teóricas de seus sucessores.

Quanto ao diálogo com outros autores, cabe destacar que não foram encontradas na RI publicações que dialogam com autores nacionais. No entanto, encontramos de forma não sistematizada trabalhos importantes que realizam paralelos epistemológicos significativos entre Jung e autores de franco diálogo com o campo da política, como Paulo Freire, Albert Memmi, Ignacio Martín-Baró e Frantz Fanon (Alschuler, 2006; Watkins & Shulman, 2008).

Alschuler (2006, pp. 11-22) realiza um paralelo entre o processo de individuação na psicologia analítica e o desenvolvimento da consciência na leitura de Paulo Freire. O autor, analisando Jung a partir da perspectiva freiriana, levanta a hipótese de que Jung possuía uma alta capacidade de diferenciação da dimensão individual assim como de seus conteúdos inconscientes porém uma ‘consciência ingênua’ no que se refere a compreensão dos fenômenos sociais (Alschuler, 2006, p. 22). Tal consideração é feita devido a limitação de Jung compreender a vida política em sua dinâmica para além do indivíduo, colocando excessivo peso na capacidade individual, o que caracteriza a consciência ingênua segundo Paulo Freire.

Em termos junguianos, a consciência ingênua seria equivalente ao sujeito em estado de inflação egoica. Portanto, na leitura social de Jung, segundo Alschuler, a dimensão individual é muito inflada, enquanto as determinações sociais e desigualdades estruturais são invisibilizadas, o que dá certo tom meritocrático ao seu trabalho. A ‘consciência crítica’ (outro conceito freiriano) se desenvolve a partir do momento em que o indivíduo compreende que os problemas políticos e sociais fazem parte do funcionamento normal da sociedade como ela foi estruturada, logo a transformação social é impossível de ser realizada apenas no âmbito individual (Alschuler, 2006 pp. 20-21; Freire, 1968/2011).

Podemos considerar que Jung subordina a dimensão social à dinâmica individual. Desse modo, quanto menos diferenciados os indivíduos em uma coletividade, mais sujeitos às flutuações do inconsciente coletivo e de comportamentos de massa eles estarão. Jung, portanto, não naturaliza a dimensão social como supõem alguns autores (Peterson, 2018; Estes, 1999; Johnson, 1987). Nessa leitura, a maior parte de nossas atribuições sociais e papéis desempenhados por nós são, em sua maioria, predisposições herdadas geneticamente e sustentadas por arquétipos e padrões instintivos. Os modos de subjetivação e espaços sociais são compreendidos como inatos, de modo que as disfuncionalidades são resultados do afastamento da pessoa de características essenciais dadas a priori.

Tal equívoco tem correlação com a naturalização do conceito de arquétipo, que na realidade trata-se de um devir, e não uma essência imutável como os instintos. O conceito de arquétipo em Jung é uma construção teórica que sofreu pressão para a vinculação com o substrato biológico devido peculiaridades históricas do período de formulação dessa teoria. A psicologia, enquanto ciência moderna, estava ainda muito próxima da filosofia e da metafísica, logo tentar localizar o arquétipo e relacioná-lo ao conceito de instinto foi uma estratégia para a manutenção da relevância do conceito em um meio refratário a qualquer tipo de consideração aparentemente metafísica (Shamdasani, 2005, pp. 183-290). A naturalização do social é uma característica da ‘consciência mágica’ (Freire, 1968/2011), estágio primário e anterior às consciências ingênua e crítica respectivamente, tendo em vista que esta compreende o mundo humano e social como dado imutável e para além da vontade e ação dos atores sociais.

Sobre a crítica de Alschuler (2006, pp. 12-13) à Jung, consideramos importante também destacar que a obra do autor se trata de uma compensação às tendências teóricas dominantes de sua época:

Na opinião de Jung, seu trabalho proporcionava o que faltava no Ocidente. Em outras ocasiões, ele se expressou com mais veemência a respeito de como fora recebido. Em 1958, disse para Aniela Jaffé que a falta de receptividade demonstrada para seu trabalho não era surpresa, pois sua obra era uma compensação. Tinha dito coisas que ninguém queria ouvir. Diante disso, considerava maravilhoso o tanto de sucesso que seu trabalho tinha conseguido obter, e que não poderia ter esperado mais. (Shamdasani, 2005, pp. 375).

Nesse sentido, um fator importante na compreensão do autor é observar com quem ele dialoga em suas diferentes obras e com qual espírito do tempo, pois Jung tenderá a enfatizar elementos inconscientes e egodistônicos dos seus interlocutores e da cultura ocidental. O foco do autor no indivíduo acontece, em grande medida, para compensar a tendência dominante em sua época a olhar apenas para os movimentos de massa e da consciência coletiva. A isso podemos somar a tendência extrovertida da cultura ocidental ao qual Jung tentará compensar com um chamado a interiorização antes da ação por motivos óbvios (bombas nucleares, guerra fria entre outros fatores).

O movimento natural do ponto de vista da enantiodromia (conceito central na psicologia analítica que representa o movimento pendular, oscilante e compensatório da psique) (Samuels & Rubedo, 2003, p. 31) é um retorno ao debate entre indivíduo X coletividade no campo junguiano a fim de possibilitar o desenvolvimento dialético desse par de opostos – o que Samuels (1995; 2002), Hillman & Ventura (1995) desenvolveram

posteriormente. Portanto, manter uma cristalização da postura de Jung acerca da relação indivíduo X sociedade é anacrônico e contrária a natureza dialógica da teoria em prol de uma leitura egossintônica que inviabiliza a efetiva integração entre consciente e inconsciente. Segundo Hillman & Ventura (1995), por exemplo, a psicoterapia teria contribuído com o processo de empobrecimento da vida coletiva ao estimular a introversão e elaboração em excesso, diminuindo o dinamismo dos conflitos sociais. “As emoções são principalmente sociais. A palavra vem do latim *ex movere*, mover para fora. As emoções conectam com o mundo. A terapia introverte as emoções, chama-as de medo, ansiedade. Você as pega de volta; trabalha-as interiormente.” (Hillman & Ventura, 1995, p. 21).

A segunda categoria com maior número de resultados é ‘Cultura’ (16 obras). Se unida a categoria ‘Complexo Cultural’ (8 obras), totalizaria 24 obras que abordam cultura de diferentes formas. Os trabalhos culturais em sua maioria trabalham a análise simbólica de elementos específicos de determinada cultura à luz da psicologia analítica. Já os trabalhos focados no conceito de complexo cultural trabalharão com eventos históricos e coletivos que interferem na estruturação da subjetividade de um dado local ou de algum indivíduo em específico quando em estudos de caso. O conceito de complexo cultural (Kimbles, 2013) trata-se da transposição do conceito de complexo de tonalidade afetiva para o campo da cultura. Os complexos culturais são estruturados a partir de traumas coletivos relacionados a um dado grupo. Esses traumas (como escravidão, perseguição racial, étnica ou religiosa) comumente geram uma cisão cultural entre dois grupos numa dinâmica de nós e eles (Kimbles, 2013, p. 159), numa identificação de si e de seu grupo com o polo positivo do complexo e a projeção da sombra (elementos negativos em si) no grupo oposto. Tal cisão pode atingir níveis patológicos a ponto de culminar em processos genocidas, como o holocausto indígena brasileiro.

Das contribuições nacionais importantes acerca desse conceito (pesquisa assistemática) destacamos trabalhos que abordam a importância do resgate da alma ancestral brasileira perdida no processo de invisibilização sistemática das culturas de matriz africana e indígenas (Dias & Gambini, 1999; Boechat, org., 2014; Oliveira, org., 2018)). Tal processo de negação de nossa própria história, repleta de diversas formas de violência para com esses povos, geram uma ferida na alma coletiva (complexo cultural) que impossibilita uma real integração cultural e a consolidação de uma cultura brasileira. A reparação efetiva dos danos culturais e psicológicos a esses povos é elemento essencial para a cura dessa neurose coletiva (Dias & Gambini, 1999).

A terceira categoria com mais resultados é ‘Política’ (15 trabalhos). Além de reflexões sobre a situação política de determinados contextos locais à luz da psicologia analítica, existem trabalhos conceituais que aprofundam a relação entre psique e sociedade. Constatou-se que o estudo da correlação entre psicologia analítica e política é pouco consolidado no campo junguiano, ganhando maior relevância a partir dos desdobramentos políticos contemporâneos.

A quarta categoria mais relevante é ‘Gênero’ (12 obras). É possível destacar a tendência a reenquadramentos de questões relativas ao conceito binário de *anima* e *animus*, principalmente pela influência de desdobramentos do pós-patriarcado, da igualdade entre os sexos e dos estudos sobre as subjetividades LGBTQIA+. Tal reenquadramento tem como fator importante o fim de uma leitura essencialista de *anima* e *animus*, que proporciona uma visão estereotipada e inatista dos casos, principalmente aqueles que envolvem as mulheres e a dimensão do feminino.

Quanto às subcategorias temáticas consideramos importante destacar ‘etnicidade e raça’ que transversaliza diferentes categorias temáticas, desde os trabalhos sobre Jung até questões referentes à formação de analistas negros e a alteridade na interação com grupos de etnia cigana. As subcategorias ‘brasileira’ e ‘afro-brasileira’ também possuem resultados relevantes que abrangem estudos culturais, artísticos e literários.

TABELA 3. OBRAS QUE DERIVARAM MAIOR NÚMERO DE TRABALHOS RELEVANTES (PESQUISA POR CITAÇÕES NO GOOGLE ACADÊMICO)

Título	Autor primário	Ano	Obras incluídas
Shifting shadows: shaping dynamics in the cultural unconscious	Kaplinsky, Catherine	2008	6
J. Rasche & T. Singer (eds). Europe’s Many Souls: Exploring Cultural Complexes and Identities. New Orleans: Spring Journal Books, 2016. Pp. xiii + 435. Pbk. £23.95.	Wright, Susanna	2019	5
Political and clinical developments in analytical psychology, 1972-2014: subjectivity, equality and diversity-inside and outside the consulting room	Samuels, Andrew	2014	5
A identidade pós-patriarcal do homem e da mulher e a estruturação quaternária do padrão de alteridade da consciência pelos arquétipos da anima e do animus	Byington, Carlos Amadeu B.	1986	3
Da cultura ao inconsciente cultural: psicologia e diversidade étnica no Brasil contemporâneo	Araujo, Fernando Cesar de	2002	3

Na pesquisa por citações do Google Acadêmico os trabalhos com mais de 20 citações tiveram obras derivadas (as obras nas quais seus trabalhos foram citados) de baixa relevância

para o tema política ou não eram obras de psicologia analítica (Tabela 2). Dos cinco trabalhos que derivaram mais obras relevantes (Tabela 3), três são sobre o conceito de complexo cultural, o que é um indicador que este conceito é, atualmente, um dos principais pilares dos trabalhos envolvendo psicologia analítica e o campo amplo da política. Byington (2019a) trabalhará questões de gênero a partir do seu conceito de Arquétipo da Alteridade, no entanto é um conceito que teve baixa aderência da comunidade junguiana para fundamentar trabalhos sobre a temática política. Samuels fará uma análise dos desdobramentos da psicologia analítica assim como uma crítica às conceituações do Jung acerca dos “Africanos” (Samuels, 2019), sendo uma obra que desenvolve e comenta a Carta Aberta (Samuels et al., 2018).

Entre a literatura encontrada de forma assistematizada é importante citarmos Tacey (1997) e Zoja (1992), que tecem considerações sobre o impacto que a cultura contemporânea promove à dinâmica psíquica dos indivíduos com o fim dos ritos iniciáticos tradicionais. Estes promoviam senso permanente de pertencimento coletivo e, ao mesmo tempo, subsídios psíquicos para uma vida orientada para a sociedade, em oposição à vida infantil que é ego centrada e focada, primordialmente, na satisfação das próprias necessidades. Nesse sentido, a adolescência é compreendida como uma extensão demasiadamente longa do processo de morte da personalidade infantil para o renascimento ritual na vida adulta que era oferecido tradicionalmente pela iniciação, gerando ansiedade, sentimento de inadequação e crises de identidade (Tacey, 1997, p. 128). A psicoterapia torna-se, segundo os autores, um dos poucos espaços disponíveis para a realização de um processo análogo à iniciação. A ausência dos ritos iniciáticos em nossa cultura acarretariam uma série de consequências psíquicas que estão para além das crises na adolescência, como a toxicomania, a criminalidade e o suicídio (Zoja, 1992, pp. 32-35).

Apesar das tentativas de revitalização das iniciações à masculinidade tradicionais e patriarcais, Tacey (1997, pp. 101-104) salienta que estas estão em declínio. As iniciações proporcionam uma forte identidade grupal capaz de reduzir a ansiedade existencial, fornecendo firme senso de propósito, onde o sujeito morre simbolicamente para a vida infantil para renascer para a cultura, tornando-se uma encarnação dela mesma enquanto seu representante. No entanto esse forte contexto restringe em excesso a liberdade individual do iniciado que, a partir da iniciação, passa a ser um guardião dos mistérios e tabus do grupo. Tal iniciação no contexto contemporâneo não é desejável pois é incompatível com a complexidade de nossa sociedade. Uma saída pela via introvertida - internalizando e buscando, na proteção do contexto clínico, realizar esse processo de entrada na vida adulta - é vista como um processo, apesar de positivo, excessivamente individual. Tacey (1997, pp. 129-

130) em especial considera urgente que passemos a desenvolver uma nova “cultura espiritual” a fim de possibilitar essa entrada em uma realidade cultural maior por via da iniciação. O crescimento de movimentos fundamentalistas e de forte teor patriarcal podem em parte ser lidos como resultantes da incapacidade de nossa sociedade produzir uma cultura espiritual que consiga abarcar a complexidade contemporânea, de modo que busquemos formas obsoletas e antiquadas de manifestação dessa necessidade arquetípica (Tacey, 1997, p.110-113).

Uma adequada atenção às questões contemporâneas acerca dos ritos iniciáticos é, portanto, um fator relevante na compreensão e combate às diferentes formas de autoritarismo e violência por motivação política. Em estudo posterior consideraremos como o desenvolvimento da consciência crítica (Freire, 1968/2011; Alschuler, 2006) pode compensar a rigidez psíquica promovida pelo fundamentalismo e realizar função análoga aos ritos iniciáticos, promovendo bases psicológicas mais condizentes com as necessidades contemporâneas.

2.4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dos trabalhos analisados, podemos considerar que existem algumas linhas de pesquisa/reflexão mais relevantes atualmente em relação às análises políticas em psicologia analítica:

Complexo cultural: Conceito mais amplamente discutido em grande parte dos textos;

Fenômenos culturais contemporâneos ou localizados (inconsciente cultural): Estudos sobre a influência da tecnologia e do ciberespaço na subjetividade assim como sobre fenômenos locais de uma dada cultura que podem ser trabalhados a partir do conceito de inconsciente cultural ou não.

Jung e revisão de seus posicionamentos políticos: Debates sobre a influência cultural nas construções teóricas de Jung e que levaram a posicionamentos atualmente considerados antiquados e que precisam de revisão para se adequarem ao contexto contemporâneo. O teor do que e como deve ser revisto pode variar muito de autor para autor.

Jung em diálogo com outros autores das ciências humanas e sociais: Destacamos aqui também a lacuna de debates que envolvam autores nacionais.

Gênero: Debates sobre reenquadramentos dos conceitos de anima e animus frente as alterações promovidas pela Teoria Queer e pelo Feminismo na leitura contemporânea e pós-patriarcal do que é ser mulher, homem ou pessoa não-binária.

Devido às limitações metodológicas do trabalho, os resultados da pesquisa podem representar apenas uma leitura parcial do estado da arte sobre a temática “Psicologia Analítica

e Política” no Brasil. São desejáveis, portanto, pesquisas adicionais. Por fim, entre as lacunas mais significativas identificadas durante a RI podemos destacar a escassez de trabalhos que dialoguem com autores nacionais relevantes. Outra temática importante a ser explorada são as conexões entre o conceito de sincronicidade e a vida política de forma mais ampla na contemporaneidade. Sincronicidades são coincidências psicologicamente significativas para quem as vivencia, não possuindo conexão causal evidente (Samuels & Rubedo, 2003, pp. 101-102). Ferramentas oraculares como I Ching (1924/2006) e os diferentes estudos astrológicos foram importantes instrumentos para tomada de decisões políticas pautadas pela sincronicidade e que se tornaram formas questionáveis de tomada de decisões com a secularização do Estado e conseqüente laicidade. Como elemento cultural rejeitado, tendem a um retorno regredido e de maneira arcaica, observável principalmente nos grupos vinculados ao fundamentalismo religioso. A título de nota, incluímos durante a pesquisa palavras-chave referentes ao conceito de ritos iniciáticos e ao autor Paulo Freire. Porém, como encontramos apenas uma obra relevante, ocultamos o detalhamento desse procedimento por motivo de síntese.

Destacamos ainda a ausência de trabalhos que abordem a inscrição dos sujeitos na cultura para a construção da sociabilidade, como fazem os ritos iniciáticos. As crises contemporâneas (ecológica, social e de sentido) mostram a profunda dualidade e cisão entre o indivíduo e a sociedade, assim como os problemas gerados pelo individualismo moderno que considera o indivíduo como átomo social. Faltam elementos e práticas que vinculem as pessoas a algo que as transcenda, como a sociedade e a cultura, o que é realizado, entre outros modos, pelos ritos de iniciação. Os impactos da ausência de ritos iniciáticos em nossa cultura promovem o declínio da dimensão do sagrado responsável pela conexão da pessoa ao mundo (Tacey, 1997). Entretanto deve-se salientar que a retomada contemporânea de ritos iniciáticos tradicionais seria um recurso ineficiente e uma defesa contra a instabilidade existencial gerada pela ausência de ritos iniciáticos mais adequados às demandas psíquicas contemporâneas (Tacey, 1997, pp 127-130). Podemos especular que a fetichização da mercadoria, das marcas, da tecnologia, os fundamentalismos e as ideologias políticas e a disseminação de diversas práticas esotéricas seriam indicadores da necessidade de construção de ritos e práticas análogas aos ritos iniciáticos, porém condizentes com nossa realidade atual.

2.5 REFERÊNCIAS

Alschuler, L. R. (2006). *The psychopolitics of liberation: Political consciousness from a jungian perspective*. Nova York-N.Y: Palgrave Macmillan

- Arendt, H. (1999). *Eichmann em Jerusalém: um relato sobre a banalidade do mal*. São Paulo-SP: Companhia das Letras
- Bobbio, N; Matteucci, N. & Pasquino, G. (1998). *Dicionário de política* (Vol. 1) (11. ed.). Brasília-DF: Universidade de Brasília.
- Boechat, W. (org.). (2014). *A alma brasileira: luzes e sombra*. Petrópolis-RJ: Vozes
- Byington, C. A. B. (2019a). A democracia e o arquétipo da alteridade. *Junguiana*, 37(1), 135-150. Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-08252019000100006&lng=pt&tlng=pt.
- Byington, C. A. B. (2019b). Futebol: a grande paixão do povo brasileiro. Um estudo da Psicologia Simbólica Junguiana. *Junguiana*, 37(1), 231-240. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-08252019000100012&lng=pt&tlng=pt.
- Byington, C. A. B. (2016). Uma explicação arquetípica da crucificação de Jesus pela teoria arquetípica da história. *Junguiana*, 34(2), 37-48. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-08252016000200005&lng=pt&tlng=pt.
- Chomsky, N. (2011). *Notas sobre o anarquismo*. São Paulo-SP: Hedra.
- Dias, L. & Gambini, R. (1999). *Outros 500: uma conversa sobre a alma brasileira*. São Paulo-SP: Senac
- Estes, P. C. (1999). *Mulheres que correm com os lobos: Mitos e histórias do arquétipo da mulher selvagem*. Rio de Janeiro-RJ: Rocco
- Freire, P. (2011). *Pedagogia do oprimido* (50. ed.). Rio de Janeiro-RJ: Terra e Paz (Trabalho original publicado em 1968)
- Hillman, J. & Ventura, M. (1995). *Cem anos de psicoterapia – e o mundo está cada vez pior*. São Paulo-SP: Summus
- Johnson, R. A. (1987). *We: a chave da psicologia do amor romântico*. São Paulo-SP: Mercury
- Jung, C. G. (2012). A vida simbólica. In *Obras completas de C. G. Jung* (Vol. 18/2). Petrópolis-RJ: Vozes. (Trabalho original publicado em 1957)
- Jung, C. G. (2013). Presente e futuro. In *Obras completas de C. G. Jung* (Vol. 10/1). Petrópolis-RJ: Vozes. (Trabalho original publicado em 1958)
- Jung, C. G. (2013). O desenvolvimento da personalidade. In *Obras completas de C. G. Jung* (Vol. 17). Petrópolis-RJ: Vozes. (Trabalho original publicado em 1954)
- Jung, C. G. (2016). *Memórias, sonhos e reflexões* (30. ed.). Rio de Janeiro-RJ: Nova Fronteira. (Trabalho original publicado em 1961)
- Jung, C. G., Henderson, J. L., Von Franz, M. L., Jaffé, A., Jacobi, J., & Freeman, J. (2008). *O homem e seus símbolos*. Rio de Janeiro-RJ: Nova Fronteira. (Trabalho original publicado em 1964)
- Kimbles, S. L. (2013). The cultural complex and the myth of invisibility. In T. Singer (Ed.) *The vision thing: myth, politics and psyche in the world* (Cap. 10, pp. 157-169). London/New York: Routledge Taylor & Francis Group,
- Odajnyk, V. W. (1976). *Jung and Politics: The Political and Social Ideas of C. G. Jung*. New York: New York University Press
- Oliveira, H. (org) (2018). *Desvelando a alma brasileira: psicologia junguiana e raízes culturais*. Petrópolis-RJ: Vozes
- Otto, R. (2007). *O sagrado: os aspectos irracionais na noção do divino e sua relação com o racional*. Petrópolis-RJ: Vozes (Trabalho original publicado em 1917)
- Peterson, J. B. (2018). *12 Regras para a Vida: Um antídoto para o caos*. Rio de Janeiro: RJ: Alta Books Editora.
- Samuels, A. (2019). Open Letter from a Group of Jungians on the Question of Jung's Writings On and Theories About "Africans": Notes on the Open Letter Published in The

- British Journal of Psychotherapy in November 2018, *Jung Journal*, 13:1, 27-34, <https://doi.org/10.1080/19342039.2019.1560790>
- Samuels, A. et. al. (2018). Open Letter From A Group of Jungians on The Question of Jung's Writings on And theories About 'Africans'. *British Journal of Psychotherapy*, 34: 673-678. <https://doi.org/10.1111/bjp.12408>
- Samuels, A. (2018). Jung and "Africans": a critical and contemporary review of some of the issues. *International Journal of Jungian Studies*, 10(2), 122–134. <https://doi.org/10.1080/19409052.2018.1454647>
- Samuels, A. (2017). The future of Jungian analysis: strengths, weaknesses, opportunities, threats ('SWOT'). *Journal of Analytical Psychology*, 62: 636– 649. <https://doi.org/10.1111/1468-5922.12351>
- Samuels, A. & Rubedo. (2003). *Dicionário crítico de análise junguiana*. Rio de Janeiro: Autor
- Samuels, A. (2002). *A política no divã: cidadania e vida interior*. São Paulo-SP: Summus
- Samuels, A. (1995). *A psique política*. Rio de Janeiro: Imago
- Schmitter, P. C. (1965). Reflexões sobre o conceito de política. *Revista de Direito Público e Ciência Política*, VIII(2), 45-60. Recuperado de <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/rdpcp/article/viewFile/59651/57996>
- Shamdasani, S. (2005). *Jung e a construção da psicologia moderna: O sonho de uma ciência*. Aparecida-SP: Idéias & Letras
- Soares, C. B., Hoga, L. A. K., Peduzzi, M., Sangaleti, C., Yonekura, T. & Silva D. R. A. D. (2014). Revisão integrativa: conceitos e métodos utilizados na enfermagem. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, 48(2), 335-345. <https://doi.org/10.1590/S0080-6234201400002000020>
- Solano, E. (org) (2018). *O ódio como política: A reinvenção das direitas no Brasil*. São Paulo-SP: Boitempo
- Tacey, D. J. (1997). *Remaking men: Jung, spirituality and social change*. London: Routledge
- Teoria & Debate (2019, abril 24). *Vladimir Safatle - neoliberalismo e profascismo: o caso brasileiro* [Ficheiro em vídeo]. Recuperado de <https://www.youtube.com/watch?v=sm9SMUDa-7w>
- Tsivinsky, V. (2019). No one here gets out alive: the Bluebeard story in therapy and in the culture. *Journal of Analytical Psychology*, 64: 485– 497. <https://doi.org/10.1111/1468-5922.12516>.
- Tsivinsky, V. (2016). Malchish-Kibalchish: cultural factors in a clinical case. *Journal of Analytical Psychology*, 61: 450– 464. <https://doi.org/10.1111/1468-5922.12242>.
- Tsivinsky, V. (2014). The spatial metaphor of Utopia in Russian culture and in analysis. *Journal of Analytical Psychology*, 59: 47-59. <https://doi.org/10.1111/1468-5922.12054>
- Vosgerau, D. S. R., & Romanowski, J. P. (2014). Estudos de revisão: implicações conceituais e metodológicas. *Revista Diálogo Educacional*, 14(41), 165-189. <http://dx.doi.org/10.7213/dialogo.educ.14.041.DS08>
- Watkins, M & Shulman, H. (2008). *Em Direção às Psicologias da Libertação*, Londres: Palgrave Macmillan. Recuperado de: <https://mary-watkins.net/books/>
- Wiener, J. (2019). Models for training in Developing Groups: importing the traditional into unfamiliar cultures. *Journal of Analytical Psychology*, 64: 443– 461. <https://doi.org/10.1111/1468-5922.12513>.
- Wiener, J. (2017). Bureaucracy and creativity: do they make companionable bedfellows? *Journal of Analytical Psychology*, 62: 660– 669. <https://doi.org/10.1111/1468-5922.12354>.
- Wilhelm, R. (2006). *I Ching: o livro das mutações*. São Paulo-SP: Pensamento (Trabalho original publicado em 1924)

- Zizek, S. (2015, Fevereiro 5). O vínculo já rompido entre a democracia e a economia de mercado. Artigo de Slavoj Žižek. *Instituto Humanitas Unisinos*. Recuperado de <http://www.ihu.unisinos.br/noticias/539629-o-vinculo-ja-rompido-entre-a-democracia-e-a-economia-de-mercado-artigo-de-slavoj-iek>
- Zoja, L. (1992). *Nascer não basta: Iniciação e toxicodependência*. São Paulo-SP: Axis Mundi

ANEXOS

TABELA 4. OBRAS POR CATEGORIA E SUBCATEGORIA TEMÁTICA

<u>Categoria</u>	<u>Subcategoria</u>	<u>Obras</u>
Alteridade	conceitos em p. analítica	4
	etnicidade e raça	1
	TOTAL	5
Análise (treinamento, instituições, etc)	choque cultural	2
	etnicidade e raça	1
	contemporaneidade	1
	TOTAL	6
Arte	contemporaneidade	1
	outras culturas	1
	afro-brasileira	1
	TOTAL	3
Complexo Cultural	outras culturas	2
	russo	4
	sul-africano	1
	Paulistana	1
	TOTAL	8
Cultura	afro-brasileira	2
	americana	1
	brasileira	2
	conceitos em p. analítica	3
	contemporaneidade	1
	outras culturas	3
	Paulistana	1
	sul-africano	3
	TOTAL	16
	Ética/Moral	TOTAL
Família	conceitos em p. analítica	2
	LGBTQIA+	1
	paternidade	2
	TOTAL	5

<u>Categoria</u>	<u>Subcategoria</u>	<u>Obras</u>
Gênero	anima/animus	2
	etnicidade e raça	1
	feminino	3
	LGBTQIA+	3
	pós-patriarcado	3
	TOTAL	12
Jung	etnicidade e raça	7
	nazismo	6
	outros autores	12
	TOTAL	25
Literatura	afro-brasileira	1
	brasileira	1
	TOTAL	3
Política	americana	1
	brasileira	2
	capitalismo	3
	conceitos em p. analítica	5
	feminino	1
	outras culturas	1
	refugiados	2
	TOTAL	15
Saúde	SUS	2
	conceitos em p. analítica	2
	TOTAL	5
Tecnologia	contemporaneidade	2
	TOTAL	2
Violência	TOTAL	3

TABELA 5. OBRAS POR SUBCATEGORIA TEMÁTICA

<u>Subcategoria</u>	<u>Categoria</u>	<u>Obras</u>	<u>Subcategoria</u>	<u>Categoria</u>	<u>Obras</u>
afro-brasileira	Arte	1	feminino	Gênero	3
	Cultura	2		Política	1
	Literatura	1		TOTAL	4
	TOTAL	4	LGBTQIA+	Família	1
americana	Cultura	1		Gênero	3
	Política	1		TOTAL	4
	TOTAL	2	nazismo	Jung	6
anima/animus	Gênero	2		TOTAL	6
	TOTAL	2	outras culturas	Arte	1
brasileira	Cultura	2		Complexo Cultural	2
	Literatura	1		Cultura	3
	Política	2		Política	1
	TOTAL	5		TOTAL	7
capitalismo	Política	3	outros autores	Jung	12
	TOTAL	3		TOTAL	12
choque cultural	Análise (treinam...)	2	paternidade	Família	2
	TOTAL	2		TOTAL	2
conceitos em p. analítica	Alteridade	4	paulistana	Complexo Cultural	1
	Cultura	3		Cultura	1
	Família	2		TOTAL	2
	Política	5	pós-patriarcado	Gênero	3
	Saúde	2		TOTAL	3
	TOTAL	16	refugiados	Política	2
contemporaneidade	Análise (treinam...)	1		TOTAL	2
	Arte	1	russo	Complexo Cultural	4
	Cultura	1		TOTAL	4
	Tecnologia	2	sul-africano	Complexo Cultural	1
	TOTAL	5		Cultura	3
etnicidade e raça	Alteridade	1	TOTAL	4	
	Análise (treinam...)	1	SUS	Saúde	2
	Gênero	1		TOTAL	2
	Jung	7			
	TOTAL	10			

TABELA 6. RELAÇÃO DE OBRAS CATALOGADAS E CLASSIFICADAS

	Título	Autor(Es)	Local Da Publicação	Ano	Categorias Temáticas	Subcategorias
	Português					
1	Uma explicação arquetípica da crucificação de Jesus pela teoria arquetípica da história.	Byington, Carlos Amadeu B.	Junguiana [online]. vol.37, n.1, pp. 261-274. ISSN 0103-0825. e Junguiana [online]. Vol.34, n.2, pp. 37-48. ISSN 0103-0825.	2019/2016	Alteridade	conceitos em P. Analítica
2	Futebol: a grande paixão do povo brasileiro. Um estudo da Psicologia Simbólica Junguiana	Byington, Carlos Amadeu B.	Junguiana [online]. Vol.37, n.1, pp. 231-240. ISSN 0103-0825.	2019	cultura	brasileira
3	Psique e ética em C. G. Jung: o lugar do irracional na constituição do etos	Carvalho, Antonio Gregory Rocha; Freire, José Célio	Psicol. USP vol.30 São Paulo Epub Apr 18, 2019	2019	Ética/Moral	
4	Ampliação simbólica da obra The Hollow Men: Um ensaio sobre o vazio	Barbosai, Anna Beatriz Sanchez; Marmirolliii, Fábio Augusto Do Prado; Moreira, Fernanda Gonçalves	Junguiana vol.37 no.2 São Paulo jul./dez.	2019	Literatura	
5	The place of care adolescents using psychoactive substances, according to their perspective	Tristão, Kelly Guimarães; Avellar, Luziane Zacché	Estud. psicol. (Campinas) vol.36 Campinas Epub Oct 28, 2019	2019	Saúde	SUS
6	A cidade dos homens: tragédia de um Édipo suspenso	Velázquez, Carlos; Campos, Marília Romero	Psicol. clín.; 30(1): 81-93,	2018	Política	conceitos em P. Analítica
7	A metamorfose de Adelina Gomes: gênero e sexualidade na psicologia analítica de Nise da Silveira	Magaldi, Felipe.	Sex., salud soc. (Rio J.); (30): 119-140, graf	2018	gênero	feminino
8	Expressões da sexualidade: um olhar junguiano	Aufranc, Ana Lia B.	Junguiana [online]. Vol.36, n.1, pp. 37-48. ISSN 0103-0825.	2018	gênero	anima/animus
9	Eu sou por que nós somos: religião e identidade em um romance afro-brasileiro.	Moura, Ana Paula Lima	Universidade Estadual do Ceará	2018	Literatura	Afro-brasileira
10	O CAPSII como lugar de cuidado para crianças e adolescentes em uso de substâncias psicoativas	Tristão, Kelly Guimarães	PPGP - Teses de doutorado	2018	Saúde	SUS
11	Rodolfo Kusch y Carl Gustav Jung: aportes para una comprensión simbólica de la cosmovisión andina	Mercado, Javier	Cuad. Fac. Humanid. Cienc. Soc., Univ. Nac. Jujuy no.52 San Salvador de Jujuy dic.	2017	Jung	outros autores
12	Corrupção no Brasil: uma visão da psicologia analítica	Novaes, Camila Souza	Junguiana [online]. Vol.34, n.2, pp. 5-17. ISSN 0103-0825.	2016	Política	brasileira
13	Um muro para a alma a cidade de São Paulo e suas pizações à luz da psicologia arquetípica.	Scandiucci, Guilherme	TESE USP/IP/SBD	2014	cultura	paulistana
14	Um olhar da psicologia analítica sobre a arte contemporânea	Wahba, Liliana Liviano; Colonnese, Luisa Rosenberg	Junguiana;32(1):31-38, jan.-jun.	2014	Arte	contemporânea de
15	All Flesh Must Be Eaten : análise simbólica do fenômeno zumbi	Guimarães, Luciana Guerrieri Barbosa Viana	TEDE PUC/SP	2014	cultura	contemporânea de
16	A identidade brasileira e o complexo de vira-lata: uma interpretação da psicologia simbólica junguiana	Byington, Carlos Amadeu B.	Junguiana;31(1):71-80, jan.-jun	2013	cultura	brasileira
17	Amizade em um mundo interconectado	Aufranc, Ana Lia B.	Junguiana;31(2):43-51, jul.-dez.	2013	tecnologia	contemporânea de
18	Los Caprichos, de Francisco Goya: manifestações da sombra coletiva espanhola	Nunes, Cristina Accioly	TEDE PUC/SP	2013	Arte	Outras culturas
19	O fio de Ariadne: uma leitura do inconsciente cultural brasileiro registrado pela literatura	Assis, Luciana Ornelas Martins Lattes	Universidade Federal de Juiz de Fora	2013	Literatura	brasileira
20	Anima e animus na contemporaneidade	Fillus, Michel Alexandre	Junguiana;30(2):39-46, jun.-dez	2012	gênero	anima/animus
21	Imagens da paternidade: indícios de lugares ocupados pelo pai na psique de homens e meninos na	Covelo, Glaucya Hannah	TESE USP/IP/SBD	2012	Família	paternidade

	contemporaneidade					
22	Tradução, diversidade e hospitalidade no processo de individuação	Bernardi, Carlos	Junguiana;30(1):45-52, jan.-jun.	2012	Alteridade	conceitos em P. Analítica
23	Resgate da relação cuidador-paciente em diferentes momentos e contextos históricos com reflexões atuais da Psicologia da Saúde e da Psicologia Analítica	Souza, Kátia Ovídia José De; Pegoraro, Renata F.	Bol. - Acad. Paul. Psicol. [online]. vol.30, n.1, pp. 68-89. ISSN 1415-711X.	2010	Saúde	conceitos em P. Analítica
24	Da metamorfose dos deuses: capitalismo e arquétipo no século XXI	Pereira, Henrique De Carvalho	Estud. pesqui. psicol. [online]. Vol.9, n.2, pp. 376-388, set.	2009	Política	Capitalismo
25	Arendt, Jung e Humanismo: um olhar interdisciplinar sobre a violência	Xavier, Marlon	Saúde Soc; 17(3): 19-32, jul.-set.	2008	Jung	outros autores
26	O rio da alma: reflexões da ecologia arquetípica sobre o complexo cultural paulistano	Hirata, Ricardo Alvarenga	Bol. psicol; 57(127): 165-182, jul.-dez.	2007	complexo cultural	paulistana
27	Os erros políticos de Jung	Valente, Vera Lúcia Colson	Junguiana(25):125-131,	2007	Jung	Nazismo
28	Paternidade e subjetividade masculina em transformação: crise, crescimento e individuação. Uma abordagem junguiana	Almeida, Maria Beatriz Vidigal Barbosa De	TESE USP/IP/SBD	2007	Família	paternidade
29	Um olhar psicopedagógico para a relação professor-aluno atravessada por mitos culturais: implicações na prática educacional	Arbex, Cláudia	Constr. psicopedag; 15(12): 72-87, dez.	2007	gênero	Pós-patriarcado
30	Cultura hip hop: um lugar psíquico para a juventude negro-descendente das periferias de São Paulo	Scandiucci, Guilherme	Imaginário [online]. vol.12, n.12, pp. 225-249. ISSN 1413-666X.	2006	cultura	Afro-brasileira
31	Devir cigano - o encontro cigano-não cigano (Rom-Gadjé) como elemento facilitador do processo de individuação	Silva, Valeria Sanchez	TEDE PUC/SP	2006	Alteridade	etnicidade e raça
32	Identidade feminina no cenário político brasileiro: análise de uma expressão contemporânea do mito de Lilith	Coelho, Leila Machado	TESE Univ. São Marcos	2006	Política	feminino
33	Uma leitura simbólica do espírito empreendedor	Salem, Carlos Eduardo Alves De Lima	TEDE PUC/SP	2006	Política	Capitalismo
34	Violência Agora	Vergueiro, Paola Vieitas; Marques, Gustavo Orlandeli; Siqueira, Guilherme Tavares De	Psicol. rev;15(1):59-75, mai.	2006	Violência	
35	Fenômeno religioso: uma perspectiva antropológica e psicológica	Aranha, Maurício	Ciênc. cogn; 6(1): 44-50, nov.	2005	Jung	outros autores
36	Reflexões sobre agressão e violência: da biologia à cultura	Oliveira, Maria Paula Magalhães Tavares De	Junguiana(23):59-66	2005	Violência	
37	Jung à época do nazismo: um capítulo na história das instituições psiquiátricas	Grinberg, Luiz Paulo	Junguiana(22):59-67	2004	Jung	Nazismo
38	Jó, Gaia e a política do bode expiatório	Hirata, Ricardo	Junguiana(21):21-31	2003	Política	conceitos em P. Analítica
39	Psiquiatria e política: a psicopatia individual e coletiva no nacional socialismo. Um estudo da Psicologia Simbólica	Byington, Carlos Amadeu B.	Junguiana(21):47-62	2003	Jung	Nazismo
40	Da cultura ao inconsciente cultural: psicologia e diversidade étnica no Brasil contemporâneo	Araujo, Fernando Cesar De	Psicologia: ciência e profissão - vol.22, n.4, pp. 24-33	2002	cultura	Afro-brasileira
41	O feminino como arauto do sentimento: a nova função no mundo	Luzes, Eleanor Madruga	Arq. bras. psicol. (Rio J. 1979);53(1):58-71, jan.-mar	2001	gênero	feminino
42	A dinâmica do coração do herói-dever, heroína-acolhimento para o herói-heroína-amante-amado	Alvarenga, Maria Zelia De	Junguiana;(18):133-151,	2000	gênero	Pós-patriarcado
43	O trabalho simbólico e o Self da empresa. Introdução ao estudo do trabalho pela psicologia simbólica	Byington, Carlos Amadeu B.	Junguiana(18):153-164	2000	Política	conceitos em P. Analítica
44	A família como dimensão do Self: um estudo da dinâmica do Self familiar pela Psicologia Simbólica	Byington, Carlos Amadeu B.	Junguiana(17):57-88, jan.-dez.	1999	Família	conceitos em P. Analítica

45	Ética e Psicologia: uma metodologia para o estudo científico da Ética pela Psicologia Simbólica	Byington, Carlos Amadeu B.	Junguiana(15):102-121, jan.-dez	1997	Ética/Moral	
46	Jung, Rousseau: a questão do mal	Maroni, Amnésis	Junguiana(13):36-44, jan.-dez	1995	Jung	outros autores
47	A missão de Seu Grabriel e o arquétipo do chamado	Byington, Carlos Amadeu B.	Junguiana(12):110-133, jan.-dez	1994	Arte	Afro-brasileira
48	Tipos psicológicos junguianos e escolha profissional: uma investigação com policiais militares da cidade de São Paulo	Zacharias, José Jorge De Morais.	TESE USP/IP/SBD	1994	Política	brasileira
49	O inconsciente em Jung e em Lévi-Strauss	Paredes, Alberto Sanches	Junguiana(8):100-110, jan.-dez	1990	Jung	outros autores
50	Corpo sofrido e mal-amado: as experiências da mulher com o próprio corpo	Penna, Lucy.	São Paulo; Summus. 253 p. ilus, tab.	1989	gênero	feminino
51	A identidade pós-patriarcal do homem e da mulher e a estruturação quaternária do padrão de alteridade da consciência pelos arquétipos da anima e do animus	Byington, Carlos Amadeu B.	Junguiana(4):5-69, jan.-dez.	1986	gênero	Pós-patriarcado
Espanhol						
52	La Psique Latinoamericana: Breve Ensayo Hermenéutico Desde Freud y Jung	Gissi, Jorge	Psykhe v.13 n.1 Santiago mayo	2004	cultura	Outras culturas
Inglês						
53	'Just black sometimes': analytic tools applied at the frontlines of social upheaval, part 1.	Tyminski, Robert	J Anal Psychol; 63(5): 619-640,	2018	Política	Refugiados
54	'You were not born here, so you are classless, you are free!' Social class and cultural complex in analysis	Kiehl, Emilija	J Anal Psychol; 61(4): 465-80, Sep.	2016	Política	Capitalismo
55	"Dubula ibhunu" (shoot the boer): A psycho-political analysis of farm attacks in South Africa	Pretorius, Joelian	Psychol. Soc. n.47 Durban	2014	cultura	Sul-africano
56	*Race and sex in a lifetime	Meador, Betty De Shong	J Anal Psychol; 55(2): 228-33, Apr.	2010	Política	conceitos em P. Analítica
57	A case of undeclared debt? Claude Lévi-Strauss' ambiguities and paradoxes toward analytical psychology	Serina, Florent	J Hist Behav Sci. 54: 163-177.	2018	Jung	outros autores
58	A collective unconscious reconsidered: Jung's archetypal imagination in the light of contemporary psychology and social science.	Hunt, Harry T.	J Anal Psychol; 57(1): 76-98, Feb.	2012	Jung	outros autores
59	Bureaucracy and creativity: do they make companionable bedfellows?	Wiener, Jan.	J Anal Psychol; 62(5): 660-669,	2017	análise (trein...)	
60	Caught between cultures: cultural norms in Jungian psychodynamic process	Heyer, Gretchen	J Anal Psychol; 57(5): 629-44, Nov.	2012	Jung	outros autores
61	Cultural unconscious in research: integrating multicultural and depth paradigms in qualitative research.	Yakushko, Oksana; Miles, Peki; Rajan, Indhushree; Bujko, Biljana; Thomas, Douglas	J Anal Psychol; 61(5): 656-675	2016	cultura	conceitos em P. Analítica
62	Diffusing the clash of otherness in projective and complex-discharging fields	Madden, Kathryn	C. J Relig Health; 50(3): 543-9, Sep.	2011	Política	conceitos em P. Analítica
63	Entertaining the stranger	Saban, Mark	J Anal Psychol; 56(1): 92-108, Feb.	2011	Alteridade	conceitos em P. Analítica
64	Faint voices from Greenwich Village: Jung's impact on the first American avant-garde	Sherry, Jay	J Anal Psychol; 56(5): 692-707, Nov.	2011	cultura	americana
65	Family myth, the symbolic realm and the ancestors.	Rytovaara, Marica	J Anal Psychol; 57(5): 615-28, Nov.	2012	Família	conceitos em P. Analítica
66	Gender legacies of jung and freud as epistemology in emergent feminist research on late motherhood	Barone-Chapman, Maryann	Behav Sci (Basel); 4(1): 14-30, Mar.	2014	gênero	LGBTQIA+
67	II Spatial metaphors and somatic communication: the embodiment of multigenerational experiences of helplessness and futility in an obese patient	Austin, Sue	J Anal Psychol; 58(3): 327-346, Jun.	2013	Saúde	

68	Is it a war against terrorism or a war for terrorism?	Ginach, Michal	Rev. latinoam. psicopatol. fundam. vol.9 no.2 São Paulo Apr./June	2006	Política	Outras culturas
69	J. Rasche & T. Singer (eds). Europe's Many Souls: Exploring Cultural Complexes and Identities. New Orleans: Spring Journal Books, 2016. Pp. xiii + 435. Pbk. £23.95.	Susanna Wright	Journal of Analytical Psychology. Sep, Vol. 64 Issue 4, p613-616. 4p.	2019	complexo cultural	Outras culturas
70	Jung's views of Nazi Germany: the first year and Jung's transition.	Schoenl, William; Schoenl, Linda	J Anal Psychol; 61(4): 481-96	2016	Jung	Nazismo
71	Malchish-Kibalchish: cultural factors in a clinical case	Tsivinsky, Vladimir	J Anal Psychol; 61(4): 450-64, Sep.	2016	complexo cultural	russo
72	Models for training in Developing Groups: importing the traditional into unfamiliar cultures.	Wiener, Jan.	J Anal Psychol; 64(4): 443-461	2019	análise (trein...)	choque cultural
73	No one here gets out alive: the Bluebeard story in therapy and in the culture.	Tsivinsky, Vladimir.	J Anal Psychol; 64(4): 485-497	2019	complexo cultural	russo
74	Open Letter from a group of Jungians on the question of Jung's writings on and theories about 'Africans'	Diversos	Journal of Analytical Psychology. Jun, Vol. 64 Issue 3, p361-366. 6p.	2019	Jung	etnicidade e raça
75	Political and clinical developments in analytical psychology, 1972-2014: subjectivity, equality and diversity-inside and outside the consulting room	Samuels, Andrew	J Anal Psychol; 59(5): 641-660, Nov.	2014	Jung	etnicidade e raça
76	Professional relationships in dangerous times: C. G. Jung and the Society for Psychotherapy	Lammers, Ann C.	J Anal Psychol; 57(1): 99-119, Feb.	2012	Jung	Nazismo
77	Projected fantasies and the political process: toward understanding why Hillary lost	Kibel, Howard D.	Int J Group Psychother; 62(1): 91-119, Jan.	2012	Política	americana
78	Race, power and intimacy in the intersubjective field: the intersection of racialised cultural complexes and personal complexes.	Calland, Ruth.	J Anal Psychol; 64(3): 367-385	2019	análise (trein...)	etnicidade e raça
79	Reconceptualizing the Archetypal Trickster in Audre Lorde's Zami: A New Spelling of My Name	Saber, Yomna	J Lesbian Stud; 19(4): 484-500	2015	gênero	LGBTQIA+
80	Representations and symbols of Kuafu's myth in Analytical Psychology and Chinese culture: History vs. contemporary, consciousness vs. unconscious, collective vs. Individual.	Shen, Heyong; Zhang, Yancui; Wu, Bo; Guo, Ruitong	Culture & Psychology. Sep, Vol. 25 Issue 3, p397-414. 18p.	2019	cultura	Outras culturas
81	Saying goodbye to the hero: Jung, Liber Novus and conversion from addiction	Addenbrooke, Mary	J Anal Psychol; 60(3): 371-389, Jun.	2015	Saúde	conceitos em P. Analítica
82	Secular and religious: the intrinsic doubleness of analytical psychology and the hegemony of naturalism in the social sciences	Main, Roderick	J Anal Psychol; 58(3): 366-386, Jun.	2013	Jung	outros autores
83	Shifting shadows: shaping dynamics in the cultural unconscious	Kaplinsky, Catherine	J Anal Psychol; 53(2): 189-207, Apr.	2008	complexo cultural	Sul-africano
84	Standing in the gap: reflections on translating the Jung-Neumann correspondence	Mccartney, Heather	J Anal Psychol; 61(2): 172-82	2016	Jung	outros autores
85	Supervising away from home: clinical, cultural and professional challenges.	Abramovitch, Henry; Wiener, Jan.	J Anal Psychol; 62(1): 88-106,	2017	análise (trein...)	choque cultural
86	The cultural significance of synchronicity for Jung and Pauli	Main, Roderick	J Anal Psychol; 59(2): 174-180, Apr.	2014	Jung	outros autores
87	The masculine principle in lesbian families: a Jungian understanding	Weston, Amy	J Lesbian Stud; 12(2-3): 179-89.	2008	Família	LGBTQIA+
88	The role of heroic doubling in ideologically motivated state and terrorist violence.	Griffin, Roger	Int Rev Psychiatry; 29(4): 355-361,	2017	Violência	
89	The self in cyberspace. Identity formation in postmodern societies and Jung's Self as an objective psyche	Roesler, Christian	J Anal Psychol; 53(3): 421-36, Jun.	2008	tecnologia	contemporaneidade
90	The spatial metaphor of Utopia in Russian culture and in analysis	Tsivinsky, Vladimir	J Anal Psychol; 59(1): 47-59, Feb.	2014	complexo cultural	russo
91	Transgenderism and transformation: an attempt at a Jungian understanding.	Marsman, Michael A.	J Anal Psychol; 62(5): 678-687,	2017	gênero	LGBTQIA+

92	When culture fails: coping with cultural trauma.	Gailiene, Danute.	J Anal Psychol; 64(4): 530-547	2019	complexo cultural	russo
93	Wiki-analysis: speed, adaptation and subjectivity in a liquid world.	Bisagni, Francesco.	J Anal Psychol; 63(5): 599-618	2018	Jung	outros autores
94	'Just black sometimes', part 2: reflections on an adolescent's journey	Tyminski, Robert	J Anal Psychol; 64(3): 386-405	2019	Política	Refugiados
95	"The heart has its reasons": transpersonal experience as higher development of socialpersonal intelligence, and its response to the inner solitude of consciousness	Hunt, Harry T.	The Journal of Transpersonal Psychology, , Vol. 48, No. 1	2016	cultura	conceitos em P. Analítica
96	The Dialogical Jung: Otherness within the Self	Smythe, William E.	Behav. Sci., 3(4), 634-646	2013	Alteridade	conceitos em P. Analítica
97	Suppose Freud had chosen Orestes instead	Clark, Margaret	Journal of Analytical Psychology,54,233-252	2009	cultura	conceitos em P. Analítica
98	Kinship libido in the Xhosa tale, Hunger Moon: a cross-cultural analysis using jungian theory and Ubuntu	Vos, Elane De	Dissertação Ph.D	2014	cultura	Sul-africano
99	The siren of Syzygy: a textual hermeneutic study of the embrace of the anima/animus in yucatec maya culture as seen through the myth of La Xtabay	Romans, Dorothy Jennifer	ProQuest Dissertations Publishing	2013	cultura	Outras culturas
100	'What it is to be a man': Beyond Stereotypes of African American Masculine Identities in Selected Works by Toni Morrison.	Kaye, Stacey Alexis	University of KwaZulu Natal	2013	gênero	etnicidade e raça
101	A Conversation between Like-Minded Colleagues and Friends: Alan Vaughan and Andrew Samuels: Questing for New Jungian Paradigms on Ethnicity, Racism, and Culture within the Individuation of Analytical Psychology	Vaughan, Alan G.	Jung Journal, 12:2, 118-137,	2018	cultura	Sul-africano
102	Jung and 'Africans': a critical and contemporary review of some of the issues	Samuels, Andrew	International Journal of Jungian Studies, vol 10	2018	Jung	etnicidade e raça
103	The future of Jungian analysis: strengths, weaknesses, opportunities, threats ('SWOT')	Samuels, Andrew	Journal of Analytical Psychology,62,5,636-649	2017	análise (trein...)	contemporaneidade
104	Open Letter from a Group of Jungians on the Question of Jung's Writings On and Theories About "Africans" Notes on the Open Letter Published in The British Journal of Psychotherapy in November 2018	Samuels, Andrew	Jung Journal, 13:1, 27-34,	2019	Jung	etnicidade e raça
105	Ireland and the Cultural Complex: A Collective Transfiguration of Soul	Kirgin, Kathleen Ann	ProQuest Dissertations Publishing, 13815145.	2019	complexo cultural	Outras culturas
106	The analyst as a citizen in the world	Singer, Thomas	Journal of Analytical Psychology,64,2,206-224	2019	análise (trein...)	
107	Paradoxical affinities: otherness and ambivalence as creative pathways	Wiener, Jan	Journal of Analytical Psychology,63,3,382-392	2018	Jung	etnicidade e raça
108	Inching towards wholeness: C.G. Jung and his relationship to Judaism	Zemmelman, Steve	Journal of Analytical Psychology,62,2,247-262	2017	Jung	etnicidade e raça
109	Jung's Evolving Views of Nazi Germany: From the Nazi Takeover to the End of World War II	Schoenl, W; Schoenl, L	livro	2016	Jung	Nazismo
110	Jung's Fantasies of Africa and Africa's Healing of Analytical Psychology	Brooke, Roger	International Journal of Jungian Studies, Vol 11, 140-159	2019	Jung	etnicidade e raça

INTERCAPÍTULO

Durante a pesquisa sobre psicologia analítica e política, observamos a ausência de autores nacionais assim como de textos que abordassem os ritos iniciáticos e sua importância para reflexões sobre a dimensão política e cultural destes. O capítulo anterior, portanto, serve principalmente como respaldo empírico para justificar a realização dos capítulos seguintes, tendo em vista que demonstra a escassez de trabalhos pertinentes sobre as temáticas que propomos.

Do ponto de vista ideal, seria importante uma segunda revisão sobre o conceito de ritos iniciáticos para a psicologia analítica a fim de subsidiar ainda mais os capítulos seguintes. Tal pesquisa não foi realizada devido as limitações de prazo para o encerramento da pesquisa e por não termos encontrado durante a revisão de literatura nenhuma pesquisa significativa que fizesse correlação entre ritos iniciáticos e política, mesmo sendo uma das palavras-chave utilizadas na pesquisa original.⁵ Nosso propósito inicial era o estudo aprofundado do campo da psicologia analítica e política, no entanto, devido a amplitude do tema, optamos pela utilização dos ritos iniciáticos como recorte, se modo que a questão política, embora importante e relevante para o desenvolvimento do nosso trabalho, permanece como pano de fundo.

Apesar do conceito de *complexo cultural*, assim como o conceito de *inconsciente cultural* estarem em franco crescimento nos estudos sobre psicologia analítica e política, optamos por não utilizar esses conceitos. Um dos motivos dessa opção é para prezarmos pelo ineditismo conceitual de nossa obra, já que são temas extensivamente abordado por diferentes autores (Singer & Kimbles, ed., 2004). Optamos também por um eixo simbólico, no caso a morte e renascimento, para abordar os fenômenos psicopolíticos, em vez de um eixo conceitual, o que empobreceria as possibilidades de amplificação simbólica do trabalho.

O motivo mais determinante para não termos utilizado este conceito, no entanto, é por considerarmos que eles estabelecem uma ruptura entre sujeito, natureza e cultura que não está presente na obra junguiana. Nesse sentido, podemos nos questionar qual complexo não é cultural? Como separar inconsciente “cultural” do inconsciente “natural”? Compreendemos que Jung evita intencionalmente a cisão entre natureza e cultura em sua conceituação acerca do inconsciente coletivo a fim de superar essa dicotomia clássica.

⁵ Ocultamos por motivo de síntese esta palavra-chave do Capítulo 1 assim como a palavra-chave “Paulo Freire” por não termos encontrado obras significativas

Nesse sentido, o uso dessas categorias pode representar um retrocesso epistemológico, inviabilizando sínteses mais potentes entre a dimensão biológica, psicológica e social. Torna-se um esforço de discriminar o indiscriminável (no caso o inconsciente coletivo), separando-o em dimensões passíveis de certo nível de análise isolada. Compreendemos que o inconsciente coletivo é natural e ao mesmo tempo insere-se na cultura, de modo que nossa própria compreensão de natureza modifica-se com o desenvolvimento da história. Nossas compreensões sobre o conceito de natureza são historicamente datadas, no entanto ainda precisamos de pressupostos basilares fortes e que tendam a uma leitura imanente tendo em vista nosso substrato biológico para a realização de modificações substanciais na realidade (Chomsky e Foucault, 1974/2019). Não consideramos, portanto, que a tensão clássica entre natureza e a cultura possa ser resolvida por narrativas que privilegiem análises isoladas de um desses polos. No entanto, escapa aos objetivos dessa obra aprofundar esse debate, o que justifica a não utilização desses dois conceitos ou longo do trabalho.

No próximo capítulo realizaremos a análise crítica da obra *Nascer Não Basta: Iniciação e Toxicodependência* de Luigi Zoja (1992) a fim de abordar o tema dos ritos iniciáticos em psicologia analítica. Optamos pela análise em profundidade de uma obra clássica no assunto por termos encontrado pouco material pertinente a respeito em nossa revisão de literatura. O autor também é base para a maioria dos trabalhos posteriores sobre ritos iniciáticos, de modo que encontramos poucas contribuições que repensam de modo mais profundo a forma de abordar esse assunto, com exceção de André Dantas (2019, pp. 492-501).

Nossa proposta é repensar conceitualmente assim como amplificar simbolicamente a temática dos ritos iniciáticos e da morte e renascimento. Iremos, portanto, gerar tensão frente ao que consideramos limitações na obra de Zoja (1992). Dessa tensão, iremos propor novas leituras para essa temática no capítulo 3.

3 CAPÍTULO 2

ANÁLISE CONCEITUAL E CRÍTICA DO LIVRO “NASCER NÃO BASTA: INICIAÇÃO E TOXICODEPENDÊNCIA”

CONCEPTUAL AND CRITICAL ANALYSIS OF THE BOOK “DRUGS, ADDICTION,
AND INITIATION: THE MODERN SEARCH FOR RITUAL”

RESUMO

Os ritos iniciáticos são importantes na perspectiva da psicologia analítica por representarem um processo de maturação psicológica concomitante à inscrição dos sujeitos na cultura. Isso torna os ritos iniciáticos uma importante metáfora do processo de conexão entre vida individual e coletiva (psicopolítica). Um dos clássicos em psicologia analítica sobre o assunto é o livro “Nascer Não Basta: Iniciação e Toxicodependência” de Luigi Zoja. Realizamos uma análise crítica da obra focalizando o conceito de ritos iniciáticos, destacando: fragilidades e problemas metodológicos na fundamentação teórica; transposições questionáveis entre a psicologia clínica individual e a sociedade; generalizações excessivas, afirmações a priori que superinterpretam os fenômenos observados; conteúdos em psicologia analítica considerados ultrapassados nos dias de hoje. Entre as críticas realizadas podemos destacar: falta de consenso teórico sobre o fim dos ritos iniciáticos na contemporaneidade; morte e ritos iniciáticos como reprimido cultural pode ser compreendida como uma leitura elitista e desconectada da realidade de violência e vulnerabilidade social das classes desfavorecidas; saudosismo romantizado (o que chamamos de quixotismo em psicologia analítica); indutivismo ingênuo, generalização excessiva e leitura biologizante no uso de apenas um estudo de caso para fundamentar a suposta origem arquetípica da toxicomania. Por fim, ressaltamos a relevância e atualidade da obra de Zoja, apesar de suas limitações, e destacamos algumas possibilidades de interpretação da metáfora da morte e renascimento na contemporaneidade.

Palavras-chave: Ritos iniciáticos, Psicologia analítica, Análise conceitual, Luigi Zoja

ABSTRACT

Initiation rites are important from the analytical psychology perspective because they represent a process of psychological maturation concomitant with the person's inscription in culture. This makes initiation rites an important metaphor for the connection process between individual and collective (psychopolitical) life. One of the classics in analytical psychology on the subject is the book “Drugs, Addiction, and Initiation: The Modern Search for Ritual” by Luigi Zoja. We carried out a critical analysis of the work focusing on the concept of initiation rites, highlighting: weaknesses and methodological problems in the theoretical foundation; questionable transpositions between the individual clinical psychology and society; excessive generalizations, a priori statements that overinterpret observed phenomena; contents in analytical psychology considered outdated today. Among the criticisms made, we can highlight: lack of theoretical consensus of initiatory rites end in contemporaneity; death and initiation rites as cultural repression can be understood as an elitist reading that is disconnected from the violence and social vulnerability reality of the underprivileged classes; romanticized nostalgia (what we call quixoticism in analytical psychology); naive inductivism, excessive generalization and biologizing reading in the use of just one case study to substantiate the supposed archetypal origin of drug addiction. Finally, we emphasize the relevance and actuality of Zoja's work, despite its limitations, and highlight some possibilities for interpreting the death and rebirth metaphor in contemporary times.

Keywords: Initiation Rites, Analytical Psychology, Conceptual Analysis, Luigi Zoja

3.1 INTRODUÇÃO

Os ritos são elementos importantes em nossas vidas, representando um esforço consciente no estabelecimento ou restabelecimento da ordem social, psíquica e espiritual por meio da repetição de determinados procedimentos estruturados a partir de uma tradição (Rodolpho, 2004, p. 139). Os ritos de passagem são conjuntos especiais de ritos que dramatizam a saída de uma condição para outra. Tais ritos são compostos por três tipos específicos: ritos de separação, ritos de margem e ritos de agregação (Van Gennep, 1909/2013; Rodolpho, 2004, p. 143). Os ritos de separação têm por função desconstruir a personalidade e a função social esperada pela pessoa até aquele momento, comumente envolvendo isolamento social daqueles que são submetidos ao rito ou a criação de uma organização social paralela e regida por tabus diferentes da sociedade comum. Os ritos de margem são os diversos procedimentos mágico-religiosos (Van Gennep, 1909/2013, p.31) destinados a transformar a personalidade da pessoa para que esta assuma uma nova posição social, não raramente colocando em risco à vida da mesma. Os ritos de agregação servem para acolher o iniciado em sua nova condição na coletividade.

Existem diversos tipos de ritos de passagem, como nascimento, casamento, morte entre outros. Neste trabalho pretendemos abordar, a partir de Zoja (1992), especialmente os ritos iniciáticos, que são ritos de formação.

Esta formação vai diferenciar os participantes ou o círculo dos neófitos dos ‘de fora’, daqueles exatamente não-iniciados. Numerosas iniciações contam com ritos de inscrição nos corpos de marcas, signos visíveis da formação e transformação de nova identidade (escarificações, circuncisões, modificação do formato dos dentes, perfurações no nariz ou lábios etc.) (Rodolpho, 2004, p.143).

No interior da psicologia analítica, Zoja (1992) e Tacey (1997) são dois dos principais autores a tecer considerações sobre o impacto que a cultura contemporânea promove à dinâmica psíquica dos indivíduos com a emergência da cultura secular e declínio dos ritos iniciáticos tradicionais. Ambos os autores baseiam-se na obra de Mircea Eliade (1958/2000) e que enfatiza a dessacralização da vida contemporânea: *“La originalidad del hombre moderno, su novedad en comparación con las sociedades tradicionales, radica precisamente en su determinación a considerarse a sí mismo como un ser puramente histórico, en su deseo de vivir en un cosmos básicamente desacralizado.”*⁶ (Eliade, 1958/2000, p.4).

⁶ “A originalidade do homem moderno, sua novidade em relação às sociedades tradicionais, está justamente na determinação de considerar a si mesmo um ser puramente histórico, no desejo de viver em um cosmos basicamente dessacralizado” (tradução livre)

Para além da sacralização da vida, os ritos iniciáticos promoviam senso permanente de pertencimento coletivo e, ao mesmo tempo, subsídios psíquicos para uma vida orientada para a sociedade, diferentemente da vida infantil que é compreendida como ego centrada e focada, primordialmente, na satisfação das próprias necessidades. Nesse sentido, a adolescência é lida como uma extensão demasiadamente longa de vivências análogas aos ritos de margem oferecidos tradicionalmente pela iniciação, o que gera ansiedade, sentimento de inadequação e crises de identidade (Tacey, 1997, p. 128). A psicoterapia e a vida particular tornam-se, segundo os autores, os poucos espaços disponíveis na contemporaneidade para a realização de um processo análogo à iniciação (Zoja, 1992, p. 148; Tacey, 1997, p.130). A ausência dos ritos iniciáticos em nossa cultura secularizada acarretariam uma série de consequências psíquicas que estão para além das crises na adolescência, contribuindo também com a toxicomania, a criminalidade e o suicídio (Zoja, 1992, pp. 32-35).

Reflexões mais aprofundadas sobre os impactos políticos dos ritos iniciáticos são importantes. Atualmente observamos o crescimento do interesse acerca do tema política junto à comunidade de pesquisadores em psicologia analítica no Brasil e no mundo. Entre os temas mais recorrentes encontramos: Exploração do conceito de complexo cultural; Debate e revisão dos conceitos de anima e animus; Debate e reformulações de proposições teóricas de Jung compreendidas como estruturalmente racistas; e, por fim, posições políticas de Jung e seu possível diálogo com outros autores. No entanto, existe escassez de trabalhos que dialoguem com autores brasileiros assim como que trabalhem diretamente com o conceito de ritos iniciáticos, componente central da vida política e do processo de socialização, conforme demonstrado no trabalho anterior.

Tacey (1997, p.108) ressalta, a título de exemplo, como o marxismo serviu de fator iniciático para muitas pessoas, as conectando com um propósito maior e digno de reverência e grandes sacrifícios pessoais. Porém uma das consequências indesejáveis da iniciação é justamente um enrijecimento da personalidade do sujeito a fim de que ele execute da melhor forma possível as necessidades coletivas. Os rituais de circuncisão, por exemplo, são formas simbólicas de ritualizar a castração e o fim da vida infantil. Comunicam ao iniciado que ele é parte da comunidade independente de sua vontade e o introduzem em sua cosmologia, tornando-o submisso aos tabus e costumes impostos. A insubordinação é severamente punida, podendo incluir exílio ou morte tendo em vista que a conduta individual do iniciado interfere do ponto de vista mágico-religioso em toda comunidade. A circuncisão é um modo explícito de indicar que outros ferimentos intencionais podem ser proporcionados por aqueles que zelam pela comunidade, incluindo a castração literal.

Como ilustração contemporânea do fenômeno, podemos citar a brincadeira que faz Zizek ao dizer que o culto em torno da figura de Fidel Castro, revela, no próprio trocadilho que o nome do ditador gera, a “fidelidade à castração” que o povo cubano (e a esquerda política) possui em relação ao seu regime patriarcal e autoritário, mesmo após sua morte (Zizek, 2016, novembro 29).

Seguindo o exemplo de Cuba, podemos considerar que tal fidelidade dos iniciados ao patriarca e seus ideais funciona como uma fixação dos primeiros na persona coletiva, ou seja, a incapacidade do sujeito devidamente inscrito em uma determinada cultura de conseguir descolar-se das demandas e expectativas sociais relacionadas ao seu desempenho enquanto pessoa adulta e produtiva dentro daquela referência cultural específica do que é ser adulto. Tudo que destoe ou atrapalhe a dimensão produtiva é afastado e reprimido sistematicamente por rituais e tabus aos moldes das iniciações tribais primitivas (Tacey, 1997, 101-104).

No caso de uma sociedade destituída de ritualísticas, podemos realizar um paralelo com os discursos racionalistas, mas que no fundo possuem coloração fanática e fundamentalista. Numa leitura junguiana, na expectativa de acabar com toda a metafísica e religiosidade, os movimentos de fundo materialistas acabam por tornar seus próprios ideais sagrados e inquestionáveis. Negando a importância da dimensão metafísica na constituição da subjetividade humana, terminam por atribuir valor metafísico (e inquestionável) às próprias convicções racionalmente justificadas, o que dá margem a todo tipo de violência e abuso de poder a fim de não obstruir o caminho rumo à ‘terra prometida’ pela utopia: “O Estado ocupa o lugar de Deus. Nessa perspectiva, as ditaduras socialistas são religiões, e a escravidão do Estado, uma espécie de culto.” (Jung, 1958/2013, p.22).

No entanto, Tacey (1997, pp. 101-104) salienta que as iniciações à masculinidade tradicionais e patriarcais estão em declínio, apesar das tentativas de revitalização desse tipo de experiência. As iniciações proporcionam uma poderosa identidade grupal capaz de reduzir a ansiedade existencial, proporcionando um forte senso de propósito, onde o sujeito morre simbolicamente para a vida infantil para renascer para a cultura, tornando-se uma encarnação dela mesma enquanto seu representante. No entanto, esse forte contexto restringe em excesso a liberdade individual do iniciado que, a partir da iniciação, passa a ser um guardião dos mistérios e tabus do grupo. Tal iniciação no contexto contemporâneo não é desejável pois é incompatível com a complexidade de nossa sociedade. Uma saída pela via introvertida, internalizando e buscando no contexto clínico realizar esse processo de entrada na vida adulta, é vista como um processo excessivamente individual, apesar de positivo.

Tacey (1997, pp. 129-130) em especial considera urgente que passemos a desenvolver uma nova “cultura espiritual” a fim de possibilitar essa entrada em uma realidade cultural maior por via da iniciação. O crescimento de movimentos fundamentalistas e de forte teor patriarcal podem ser lidos como resultantes, em parte, da incapacidade de nossa cultura produzir uma cultura espiritual que consiga abarcar a complexidade contemporânea, de modo que busquemos formas obsoletas e antiquadas de manifestação dessa necessidade arquetípica (Tacey, 1997, p.110-113). Uma adequada atenção às questões contemporâneas acerca dos ritos iniciáticos é, portanto, um fator relevante na compreensão e combate às diferentes formas de autoritarismo.

Apesar da importância do trabalho de Tacey (1997), elegemos o livro *Nascer Não Basta: Iniciação e Toxicodpendência* de Luigi Zoja (1992) como norteador de nossa discussão sobre os ritos iniciáticos e psicologia analítica. O livro, escrito especificamente sobre esse assunto, possui 44 citações em obras em português e 135 citações em obras em inglês pelo Google Acadêmico, o que denota sua relevância. Elegemos esta obra por ser clássica no assunto, o que possibilita uma análise pormenorizada.

Zoja (1992, p.4-5) considera a iniciação um processo de inscrição na cultura que é reprimida em nossa cultura oficial, como se permanecêssemos, portanto, num estágio de infância espiritual que tem no consumismo e na toxicomania suas facetas mais drásticas. Tais práticas, no entanto, indicam uma tentativa de recuperação do que foi culturalmente reprimido. A falta da dimensão sacral e a cobrança por desenvolvimento sempre ascendente, principalmente no âmbito profissional, são compreendidas como uma decorrência do consumismo que nega a dimensão da iniciação (e, portanto, da maturidade) em prol do que ele chama de uma “metástase psíquica” - um crescimento desenfreado e sem limites que, visando cada vez maior prazer, acaba produzindo o oposto, ou seja, a morte (Zoja, 1992, pp. 111-114). O autor compreende que a toxicomania e sua ascensão na contemporaneidade são, entre outros fatores, efeito direto da falta dos elementos iniciáticos em nossa cultura, ou seja, o forte senso de pertencimento a uma realidade maior e mais ampla e que possibilite uma vida com sentido que transcenda as próprias necessidades individuais.

Compreendemos que tal fator é importante em diferentes classes sociais, tendo em vista que o apelo ao consumo e ao individualismo também subjetiva as classes menos favorecidas. Zoja (1992 pp. 21-21) falará sobre a busca por tornar-se o herói negativo, que consiste exatamente na recusa da pessoa a inscrever-se na cultura a partir de modelos positivos, adotando então modelos de subjetivação negativos, como a figura do criminoso ou “drogado”. Nesse sentido, quanto maior a vulnerabilidade psicossocial da criança ou

adolescente, mais difícil será o acesso desta aos ideais de desempenho e consumo que lhe são inculcados pela cultura. Consequentemente, modelos alternativos, mesmo que problemáticos, são usados para a construção da persona do adolescente com a finalidade de amenizar a angústia por indefinição:

Neste sentido, acho correto encarar o comportamento do dependente de drogas que proclama “sou um drogado” não só como uma fuga rumo a um outro mundo, o mundo da droga, mas também como uma ingênua e inconsciente tentativa de conseguir uma identidade e um papel definidos, mesmo se negativamente, pelos valores correntes neste mundo. Não, portanto, como uma fuga da sociedade, como normalmente se pensa, e sim como uma tentativa desesperada de unir-se a ela, ocupando um lugar. (Zoja, 1992, p.22).

Ressaltamos ainda que Byung-Chul Han (2021) retoma e atualiza a discussão sobre os ritos em seu livro “*O Desaparecimento dos Rituais*”. Isso reforça a atualidade e relevância do tema na contemporaneidade. É possível verificar diversos pontos de convergência e hipóteses semelhantes entre os dois autores, como a afirmação que os rituais acabaram e a negação da morte no capitalismo neoliberal para a manutenção ininterrupta dos fluxos produtivos (Han, 2021, pp. 47-60).

As considerações apresentadas fornecem subsídios para salientar a importância que os ritos iniciáticos possuem para o aprofundamento no debate entre a psicologia analítica e o tema amplo da política. É também um eixo de estudo profícuo para a aproximação com diversos campos de pesquisa, como educação (Borges, 2013), psicologia dos povos indígenas e sua influência na alma brasileira (Boechat, org., 2014; Oliveira, org., 2018; Dias & Gambini, 1999), psicoterapia de grupo (Testa & Serbena, 2019), psicoterapia aliada ao uso de psicodélicos (Rodrigues, 2019) e tratamento da toxicomania (Zoja, 1992).

Apesar da centralidade de Zoja (1992) nas discussões sobre ritos iniciáticos em psicologia analítica, desconhecemos obras que ofereçam análises críticas mais aprofundadas ao seu trabalho. Tal lacuna favorece discussões assentadas em algumas perspectivas hoje consideradas antiquadas, assim como bases metodologicamente pouco confiáveis para o efetivo aprofundamento acerca da importância dos ritos iniciáticos em nossa estruturação psicológica. O objetivo deste trabalho é, portanto, realizar uma análise crítica da obra *Nascer Não Basta: Iniciação e Toxicodependência* de Luigi Zoja (1992) no que concerne sua discussão sobre os ritos iniciáticos, desse modo, fornecendo subsídios para novos olhares a esta obra clássica.

3.2 MÉTODO

Partimos do pressuposto que “a pesquisa conceitual pode ser definida como uma interpretação da teoria ou texto psicológico” (Laurenti & Lopes, 2016, p. 43). Desse modo, trabalhamos a partir da definição ao qual interpretação é a construção de um significado que emerge da relação entre leitor, texto e seu autor, e não a busca pelo significado latente do texto (Laurenti & Lopes, 2016, p.50). Nesse sentido, “o texto permanece aberto a interpretações que ultrapassem a intenção do autor, ou seja, o texto pode dizer mais do que o autor quis dizer” (Laurenti & Lopes, 2016, p.50).

Para construirmos nossa interpretação e crítica do texto *Nascer Não Basta: Iniciação e Toxicoddependência* de Luigi Zoja (1992), buscaremos amparar textualmente, ao máximo, nossas pontuações a fim de evitar uma superinterpretação, ou interpretação forçada (Laurenti & Lopes, 2016, p.51). O foco de nossa leitura, no entanto, é evidenciar lacunas, generalizações excessivas e outros os pontos que consideramos frágeis da obra de Zoja (1992) propondo, sempre que possível, releituras conceituais que possam suprimir ou minimizar essas fragilidades.

Como critérios para avaliação e crítica da obra utilizamos os seguintes parâmetros:

- Fundamentação teórica de premissas e conceitos basilares do texto, ressaltando afirmações que avaliamos carecerem de maior aprofundamento ou rigor teórico-metodológico;
- Transposições pouco fundamentadas entre elementos da dimensão clínica individual para a dimensão social;
- Tendência a leitura a priori na observação dos fenômenos, o que gera superinterpretações que buscam favorecer em demasia as teses principais da obra em detrimento de teses ou evidências contrárias;
- Generalizações excessivas ou indutivistas dos fenômenos observados pelo autor
- Afirmações que avaliamos como antiquadas frente os recentes desenvolvimentos em psicologia analítica

3.3 DISCUSSÃO

Ritos iniciáticos acabaram na modernidade

A primeira crítica ao trabalho de Zoja (1992) que realizaremos será em relação a sua concepção do fim dos ritos iniciáticos na contemporaneidade baseada em Mircea Eliade (1958/2000). Primeiramente é importante destacar que existem controvérsias a respeito deste

fim, tendo em vista que os ritos iniciáticos não deixaram totalmente de existir e ainda possuem grande importância nas mais diferentes culturas. Van Gennep (1909/2013), autor base sobre assunto no campo da antropologia, considera que as sociedades modernas permanecem ritualizadas. Roberto da Matta, importante antropólogo brasileiro que prefacia o livro de Van Gennep, considera que

o rito seria, senão a chave, um dos elementos críticos da vida social humana, conforme se coloca a discussão moderna sobre o assunto [...]. Para falar apenas em estudos de rituais tomando o caso do Brasil como base de reflexão, eu tenho tentado ampliar os achados de Van Gennep, aprofundando-os, suponho, na direção de mostrar que falar em vida social é falar de ritualização, donde minhas preocupações com o fenômeno da transformação e passagem do gesto rotineiro ao ato ritual e, também, minhas reflexões sobre os movimentos sociais coletivos, quando todo o sistema passa por um período especial, invertendo, neutralizando ou reforçando a realidade cotidiana. (Da Matta, 1977/2013, p.10)

No trabalho de Van Gennep (1909/2013), e conseqüentemente no trabalho de antropólogos posteriores acerca da questão do rito, sagrado e profano são não são lidos de modo binário. São compreendidos antes de modo relativizado a partir de jogos de contrastes entre elementos mais importantes (e conseqüentemente mais ritualizados) e elementos corriqueiros e banais. Mesmo nas ritualísticas sagradas a tendência do aparecimento de contrastes entre elementos mais importantes e menos importantes é grande (Da Matta, 1977/2013, p.16). Dentro dessa referência, sacralidade não pode ser mensurada com base nas crenças religiosas e metafísicas dos diferentes grupos, mas ao que é investido de maior ou menor significado cultural para aquele dado povo. Nessa perspectiva, o rito independe de uma dimensão efetivamente sacral, mesmo que sua execução seja imbuída de significado subjetivo análogo ao sagrado.

Admitindo que “o próprio termo ritual precisa de uma melhor conceituação” (Da Matta, 1977/2013, p.20) e o exposto acima, consideramos que Zoja (1992) pretende-se excessivamente conclusivo no que se refere ao fim dos ritos iniciáticos tradicionais. Outros trabalhos posteriores que usam o autor como base, mesmo que implicitamente (Tacey, 1997, pp. 99-130) também não desenvolvem de forma satisfatória essa concepção, trabalhando-a como um dado a priori e básico para todo o desencadeamento lógico do texto.⁷ Concordamos que o advento da laicidade do Estado torna a religião e suas ritualísticas relegadas ao âmbito comunitário. Nessa perspectiva, o afloramento do desejo de fusão simbólica e ritual entre Estado e religião são manifestações excessivamente arcaicas e fundamentalistas, pois não

⁷ Crítica análoga pode ser feita ao livro mais recente de Byung-Chul Han (2021) “*O Desaparecimento dos Rituais*”.

distinguem poder político de poder ideológico/religioso. No entanto, como elemento basilar da argumentação, consideramos que a afirmação de que os ritos iniciáticos acabaram precisa de embasamento teórico mais robusto em trabalhos como o de Zoja (1992) que pretendem defender esse ponto de vista.

Morte como reprimido cultural

Zoja (1992) considera que o principal fator que fez os ritos iniciáticos desaparecerem é a própria morte ter sido reprimida da cultura. Tal elemento manifestasse, por exemplo, na proibição dos duelos e administração da violência exclusiva pelo Estado, inclusive em “mega-duelos” desritualizados e impessoais (Zoja, 1992, p. 25-26). O autor reconhece tratar-se de uma prática incompatível com a vida contemporânea, mas considera uma forma de negação de necessidades arquetípicas da constelação do mito do herói que acarreta consequências sociais destrutivas. Ainda sobre o modelo das democracias liberais atuais o autor afirma:

Intuímos, até, que pode existir uma ligação específica entre a moderna concepção de estado de direito e a atual dificuldade de viver experiências arquetípicas, como por exemplo a experiência do heroísmo. A neurastenia e a incapacidade ansiosa de assumir responsabilidades autônomas são atribuídas pelos neoliberais ao estado assistencial, como o último e mais devastador dos seus resultados. Mas também podemos nos perguntar se essas quedas da tensão vital não podem ser relacionadas não apenas com políticas econômicas assistenciais mas também com toda a jurisdição moderna, com sua filosofia de base que garante de cima muitos direitos, impedindo-nos de lutar por eles (Zoja, 1992, p.25)

Tais passagens, demonstram que o autor possui, pelo menos nesse aspecto, leitura convergente com o modelo neoliberal e meritocrático de compreensão do papel do Estado. Tal perspectiva da morte como um “reprimido cultural” aparentemente tem como origem numa leitura elitizada e desconectada da realidade de violência e vulnerabilidade psicossocial das classes mais pobres. A perspectiva do Estado como promovendo um “excesso de direitos” também ignora toda mobilização social sistemática necessária para a garantia de direitos ao longo da história.

Partimos do princípio de que o Estado, independentemente de suas configurações, tende a proteção da propriedade privada e a manutenção de privilégios de classe, de modo que todo direito garantido representa uma conquista ativa por direitos:

Qualquer melhoria na situação da plebe, por insignificante que seja, representa o resultado de sua própria ação exercida fora das esferas parlamentares. As resoluções dos chamados representantes populares só são efetivadas quando representam o reflexo das conquistas feitas pela pressão partida de baixo, do povo em movimento.

De maneira diversa, os seus decretos e suas leis têm sido e continuarão a ser meros farrapos de papel. (Leuenroth, 1918/2002, p.16)

O não reconhecimento da opressão estrutural do sistema econômico vigente e o foco na solução individual podem indicar que Zoja (1992) nesta obra parte de uma consciência ingênua a respeito do funcionamento social (Alschuler, 2006, pp. 19-20), tornando sua perspectiva psicopolítica limitada e, pelo menos nesse aspecto, psicologizante.

O autor também esquece que a mitificação do herói persiste na contemporaneidade, mas vincula simbolicamente nos representantes eleitos do Estado assim como nos detentores dos aparatos repressivos, como policiais e militares. A constelação do arquétipo do herói nessas posições de poder, no entanto, tendem a gerar mais situações de abuso de autoridade do que efetivamente comportamentos orientados para fortalecimento das relações sociais.

Talvez seja importante nos questionarmos também qual o tipo de herói precisa ser constelado na psique coletiva. Segundo Bernardo Toro (TEDx Talks, 2021, maio 10). As presentes catástrofes socioambientais são fruto de um paradigma patriarcal, competitivo e guerreiro. Em sua perspectiva, precisamos migrar para um paradigma centrado no cuidado se desejamos sobreviver. Acreditamos que nossos modelos heroicos precisam acompanhar essa evolução.

Ritos iniciáticos como reprimido cultural

Discordamos também que os ritos iniciáticos, por terem acabado, tornaram-se necessariamente um “reprimido cultural” (Zoja, 1992, p. 5). Tal interpretação considera que a cultura ocidental eliminou gradativamente os ritos iniciáticos em favor da racionalidade, relegando a sombra essa manifestação considerada arquetípica e, portanto, fundamental. O rito iniciático, por tratar-se de um elemento basilar que foi banido da vida psíquica junto com a morte, retorna como sombra cultural a partir da toxicomania e outras sintomatologias sociais como o consumismo.

Primeiramente é importante ressaltar que o próprio modelo proposto por Carl Gustav Jung de leitura histórica (Lu, 2010 p.17) rejeita que os elementos efetivamente importantes na história sejam de origem consciente, mas sim são gestados no inconsciente

De hábito, as mudanças profundas na história são atribuídas exclusivamente a causas exteriores. Contudo, estou convencido de que as circunstâncias exteriores frequentemente são por assim dizer meras ocasiões para que se manifeste uma nova atitude perante a vida e o mundo, preparada inconscientemente desde longa data. [...] Em geral, um ou mais indivíduos dotados de intuição particularmente poderosa tomam

consciência de tais mudanças ocorridas no inconsciente coletivo e as traduzem em ideias comunicáveis. Estas ideias se propagam rapidamente, porque ocorreram grandes mudanças no inconsciente. Há uma disposição geral em aceitar as novas ideias, embora elas também encontrem uma resistência violenta. As ideias novas não são apenas inimigas das antigas; elas surgem, em geral, também sob uma forma praticamente inaceitável para a antiga atitude. (Jung, 1969/2013, pp. 268-269)

Consideramos, portanto, que a própria base epistemológica da qual Zoja (1992) se utiliza para afirmar que os ritos iniciáticos foram reprimidos, no caso a psicologia analítica criada por Jung, vai de encontro a suas afirmações. Se admitirmos a hipótese de que os ritos iniciáticos efetivamente acabaram e pretendemos nos manter fiéis à perspectiva psichistórica junguiana, precisamos admitir que este fim foi o resultado de um processo gestado no interior do inconsciente coletivo, e não uma ação intencional da consciência coletiva para reprimi-los em favor da racionalidade.

A leitura junguiana dos fenômenos históricos (mesmo com todas as suas problemáticas, conforme explicita Lu, 2010) é muito mais preocupada com os movimentos inconscientes do que os fatos conscientes. Apesar do excesso de enlevo na dimensão interna, podemos aproximar a perspectiva junguiana da concepção de poder simbólico (Bourdieu, 1989) como motor mais potente na transformação social do que os próprios fatos históricos.

Mesmo se considerarmos que Zoja (1992) compreende este processo de repressão cultural dos ritos iniciáticos como uma dinâmica oriunda do inconsciente coletivo, dificilmente essa leitura daria tanta ênfase no conceito de reprimido cultural e retorno a partir da sombra, tendo em vista que ambos os conceitos estão em correspondência direta com o campo da consciência e do complexo do ego. Tal leitura também gera como consequência uma visão saudosista por um passado onde, supostamente, estaríamos melhor conectados com essas necessidades arquetípicas. Podemos considerar, inclusive, que Zoja (1992) tem olhar pessimista para com a contemporaneidade e as novas configurações rituais por estar fixado na “antiga atitude” denunciada por Jung (1969/2013, p. 269) conforme a passagem citada.

Zoja (1992) parece diferenciar pouco a dimensão introvertida e extrovertida dos ritos iniciáticos, tratando rito externo e transformação interna como experiências coesas e coerentes, sem espaço para fissuras. No entanto, do ponto de vista cultural, os ritos são trocados ou eliminados pelo esvaziamento dos seus símbolos, de modo que a hipocrisia gradativamente substitui o sentimento sacral genuíno. Ressaltamos ainda que a manipulação com finalidades políticas do sentimento sacral é uma potente estratégia de controle coletivo, e que, portanto, não deve ser olhada de forma ingênua e desconectada de interesses políticos.

O ritual do casamento cristão, por exemplo, não entrou em decadência apenas pelo consumismo, materialismo ou fatores externos ao próprio rito. Pelo contrário, as contradições internas dessa própria modalidade de rito levaram ao fracasso do modelo, que, entre outras coisas, se baseia na transformação de mulher em propriedade do homem (Lins, 2005, p.230). A cerimônia do casamento não é apenas um rito de transformação subjetiva, mas uma forma de ampla divulgação comunitária de que a posse de uma mulher foi transferida do pai para o esposo. O sacramento de Deus é colocado então como um tabu que impede a mobilidade do formato, seja a mulher ou homem sair do relacionamento, seja alguém tentar interferir na relação (afinal ela foi publicizada e tem a benção de Deus). O enfraquecimento do rito é concomitante com o enfraquecimento do casamento arranjado por interesses familiares e, posteriormente, com a emancipação feminina e possibilidade de divórcio. Quando o desejo individual passa a ter espaço dentro da vida cotidiana e da relação conjugal, a manutenção de um relacionamento monogâmico a qualquer custo passa a não fazer mais sentido (Lins, 2005, 329-331), gerando, conseqüentemente, o esvaziamento simbólico do rito.

Consideramos, portanto, que os ritos iniciáticos não foram reprimidos, mas sim foram gradativamente migrando de uma modalidade extrovertida de manifestação para modalidades introvertidas. Isso não representa necessariamente uma “falta” na contemporaneidade, mas uma mudança qualitativa. Discordamos, portanto, de um apego a manifestação formal e imagética do rito enquanto representação necessariamente direta da necessidade fundamental humana de morte e renascimento simbólicos. Compreendemos que essa manifestação permanece ocorrendo contemporaneamente, mas de modo introvertido e sem características formais bem delineadas como antes. O autor reconhece esse fenômeno (Zoja, 1992, pp. 147-148), no entanto o considera uma manifestação antinatural e de conseqüências culturais catastróficas, comparando seu impacto ao rompimento do tabu do incesto na cultura (Zoja, 1992, p. 1).

Retomando o exemplo do casamento, atualmente podemos especular que os casais recusam o matrimônio convencional não para tornar o relacionamento mais fácil de ser rompido, numa lógica consumista como acredita Zoja (1992), mas sim pois o rito perdeu sua força simbólica, de modo que a dimensão interna da relação, ou seja, a relação em si, passa a ser o ponto central. Um exemplo formal disso é a moda do *elopement wedding* (casamento escondido), um ritual de casamento que inclui apenas o casal e o representante religioso, tentando buscar ao máximo focar a energia do rito no elemento central do casamento que é o sentimento entre o casal, e não sua manifestação tradicional de publicização na comunidade.

Podemos considerar, inclusive, que a transição para uma sacralidade sem rito externo seja uma das riquezas centrais do pensamento moderno.

Amor romântico como iniciático

Sem dúvida, o amor tem uma carga energética que pode ajudar a compensar certa unilateralidade da nossa cultura. Pode vir ao encontro de exigências de irracionalidade, de magia e de sentimento. Mas está pouco institucionalizado demais em formas culturais estáveis, está entregue demais a uma progressiva elaboração individual (Zoja, 1992, p. 144).

O autor considera que o amor romântico é um dos poucos elementos iniciáticos presentes ainda na modernidade pelo seu caráter insubstituível:

Os fenômenos com qualidades totalizantes não aceitam reduções. Não as aceita um processo total de morte e renascimento, nem o apaixonar-se, que inconscientemente se propõe o mesmo modelo. As interpretações são sentidas como insuficientes no plano lógico, aviltantes no dos valores, além de ofensivas para o sentimento (Zoja, 1992, p.141).

Apesar da notória influência da filosofia romântica e da obra de Goethe na psicologia analítica (Shamdasani, 2005), é importante destacarmos que ainda assim trata-se de uma narrativa historicamente datada sobre o amor. A tensão entre o histórico e o perene é frequente na psicologia analítica. A concepção da realização pelo amor a partir do casamento livremente escolhido e consentido entre as partes surgiu durante os séculos XV e XVI na Renascença (Lins, 2012, pp. 204-215). Inclusive Shakespeare (1597/2002) incorporou o que se tornaria o arquétipo do amor romântico, pavimentando a transição do casamento arranjado para o casamento por amor (Lins, 2012, pp. 214-215). Romeu e Julieta (Shakespeare 1597/2002) estabelece a noção de amor implacável e incondicional, a tal ponto de levar os amantes a morte por suicídio em caso de separação. Tal concepção é importante para que o lucrativo negócio do casamento arranjado pela família fosse dissolvido. “Casar por amor é uma ideia radical que se propaga. Não somente os aristocratas e os intelectuais estavam começando a pensar que o amor poderia associar-se ao casamento, mas a classe média também” (Lins, 2012, p. 214)

As consequências contemporâneas desse discurso permanecem vivas nos crimes passionais e suicídio por motivação amorosa. Mesmo que eles ocorram desde a antiguidade clássica (Lins, 2012, pp. 62-63), o consenso cultural sobre a felicidade condicionada pela fusão de almas dentro do casamento é recente, favorecendo tais práticas. “Depois do crime, o criminoso passional não costuma fugir. Alguns se suicidam, morrendo na certeza de que o ser amado não pertencerá a mais ninguém.” (Lins, 2012, p.65). A irreversibilidade proposta pelo

amor romântico de fato é iniciática e irreversível, no entanto cabe a nós a pergunta feita por Tacey:

*Jungians too often want to see the ego 'mature' and 'develop' at all costs. But mature into what? And develop into what? Initiation is too often valued for its own sake, and questions are not asked about what the novice is being inducted into. There is an enormous privileging of the individual developmental process and a general lack of concern about the developmental process of society itself.*⁸ (Tacey, 1997, p. 105).

No que se refere ao amor romântico, Zoja (1992) tende a uma fixação na iniciação do indivíduo, mas não analisa os elementos culturais negativos que a fixação no amor romântico estimulam, como a dependência emocional e a possessividade, e estão em profundo processo de revisão cultural. O aspecto cultural perdido e supostamente arquetípico é privilegiado pelo autor em detrimento da análise detalhada das motivações internas que levaram ao esgotamento dos ritos iniciáticos, atribuindo tal esgotamento sempre a um fator externo. A obra, nesse aspecto, possui tom notoriamente saudosista por um tempo que não existe mais.

Quixotismo em psicologia analítica e tendência ao conservadorismo

A obra tende ao que chamaremos de "quixotismo" em psicologia analítica, que seria a busca num contexto moderno de elementos ultrapassados e que sobrevivem de forma um tanto moribunda, mas que são consideradas excessivamente estruturantes da psique. As mazelas atuais então são justificadas como resultado da falta desses elementos perdidos (como o amor romântico e os ritos sacrais). Tal leitura de crítica a contemporaneidade tende a justificar o enfraquecimento da dimensão mítica não por problemas e contradições oriundas de fraquezas e contradições internas aos ritos, mas sim a elementos externos. Em outras palavras, é mais fácil considerar que a sociedade atual **reprime** esses processos supostamente fundamentais (o que acarreta sintomas, já que são processos fundamentais) do que admitir que talvez **não sejam** processos fundamentais, e justamente por isso não encontram expressão na cultura atual, pois são formas superadas de relação com o mundo.

Tal postura, a título de exemplo, é semelhante a considerar que os problemas contemporâneos acontecem porque não mais nos utilizamos da astrologia para a tomada de decisões pessoais e políticas. Podemos considerar que nossa vida pública e privada tornou-se excessivamente dependente dos fatos, da razão e da experiência empírica, e que a astrologia

⁸ “Os junguianos muitas vezes querem ver o ego ‘maduro’ e ‘desenvolvido’ a todo custo. Mas amaduro no quê? E desenvolvido para o quê? A iniciação é frequentemente valorizada por si mesma, e as perguntas não são feitas sobre o que o noviço está sendo introduzido. Há um enorme privilégio do processo de desenvolvimento individual e uma falta geral de preocupação com o processo de desenvolvimento da própria sociedade.” (tradução livre)

nos conectava com essa dimensão. No entanto, não podemos nos levar por uma leitura saudosista na expectativa de uma conexão arquetípica. O arquétipo, se efetivamente arquétipo, encontra-se ativo e presente em todo momento mesmo que não tenha sido discernido, pois a base psíquica não pode ser dissolvida.

Usamos aqui a expressão quixotismo por considerarmos que existe uma tendência no campo junguiano, que pode ser observado em alguns aspectos no texto de Zoja (1992), na busca saudosista pelo encontro de elementos arcaicos e supostamente essenciais nos dias de hoje. Assim como Don Quixote (Cervantes, 1605/2013) brigava com moinhos de vento acreditando serem gigantes, os junguianos frequentemente tendem a olhar elementos ultrapassados e de uma outra época no presente de forma excessivamente literal e pouco metafórica. No caso do texto de Zoja, consideramos que ele se preocupa demais com o elemento formal e institucional dos ritos iniciáticos e pouco nas configurações contemporâneas que o tema da morte e renascimento se configuram.

Cabe destacar também que Quixote torna-se cavaleiro andante por ler romances de cavalaria em excesso. Isso denota um outro ponto importante: o olhar romantizado ao passado, principalmente a ideia de que no passado estávamos mais conectados com a natureza e nossas necessidades primárias. Isso inclui também uma leitura romantizada em relação aos povos indígenas de diferentes locais, assim como ao nosso próprio passado histórico e aos nossos ancestrais. Tal leitura tende a uma postura conservadora, pois a relação com o mundo fica excessivamente mediada pelo medo de perder algum elemento da tradição que possa ser excessivamente estruturante da personalidade. Podemos observar essa postura com mais nitidez na obra de Jordan Peterson (2018).

No texto de Zoja (1992) podemos observar essa tendência conservadora, pessimista e apocalíptica a respeito da contemporaneidade ao longo de todo o texto. Talvez a passagem mais drástica nesse aspecto seja a comparação, logo no primeiro parágrafo do livro, entre a perda dos ritos iniciáticos e o rompimento do tabu do incesto:

O tabu do incesto é considerando a instituição cultural mais primitiva, arraigada e disseminada. Considera-se também que o seu desaparecimento teria consequências tão amplas e complexas que mal se podem imaginar. Mas essa reflexão pode ser feita também acerca de outras instituições; por exemplo, acerca da iniciação, da qual nos ocuparemos aqui. Autores como Eliade afirmam que uma das grandes diferenças entre o mundo arcaico e o mundo moderno está justamente no desaparecimento da iniciação. (Zoja, 1992, p. 1)

Conforme citamos anteriormente, não existe consenso no campo antropológico de que de fato os ritos iniciáticos acabaram com a contemporaneidade, o que é ignorado por Zoja

(1992). Até mesmo o conceito de rito é pouco definido e passível de múltiplas interpretações (Da Matta, 1977/2013, p.20). Cabe destacar ainda que Huizinga (1938/2019, pp.18-21) considera que o jogo é um elemento mais importante e arcaico que o próprio rito, estando inclusive presente entre os animais, e evoluiu gradualmente na cultura humana até adquirir o posto de ato sagrado. É preocupante, a nosso ver, que um autor da relevância de Zoja (1992) para a psicologia analítica faça afirmações tão impactantes sobre a contemporaneidade e a importância dos ritos iniciáticos tradicionais com base em premissas tão pouco discutidas e fundamentadas ao longo de seu texto.

Em outras palavras, Zoja (1992) considera que a laicidade do Estado e, conseqüente, ausência de ritualísticas iniciáticas de religiões oficiais para todo um povo, como o batismo, entrada na vida adulta ou casamento, é potencialmente tão nocivo para a sociedade quanto relações sexuais entre pais e filhos. Concordamos que os impactos psicossociais e desafios impostos pela laicidade contemporânea são grandes e pouco discutidos. Nas culturas tradicionais comumente inexistia a cisão entre dimensão religiosa e o poder político, como por exemplo o sistema de castas no hinduísmo. Em nossa cultura globalizada, a tentativa de unificação entre poder político e religioso manifesta-se nas diferentes manifestações do fundamentalismo religioso. No entanto, os avanços civilizatórios proporcionados pela laicidade, inclusive para a manutenção da liberdade religiosa e suas ritualísticas, são grandes e não devem ser minimizados em prol de um movimento de “saudades do paraíso”. Essa busca de um retorno às origens, como bem salienta Mario Jacobi (2007), também é um movimento arquetípico que fatalmente frustra nossas expectativas.

Para combater esse olhar excessivamente estático na psicologia analítica, consideramos a importância de ressaltar o inconsciente coletivo como dinâmico e em transformação constante, assim como a dimensão autorreguladora da psique que tende a integração (Silveira, 1968/1992). Dessa forma, não precisamos atuar na vida e na cultura de forma excessivamente retraída, mas confiando na capacidade da psique coletiva produzir saúde social apesar dos diferentes movimentos compensatórios e que estão para além da capacidade egoica de compreensão. Compreender e contribuir com o fluxo e refluxo da psique coletiva torna-se um elemento muito mais importante do que nos preocuparmos em demasia com elementos arcaicos supostamente perdidos. Jung inclusive considera que não é possível o desenvolvimento individual e histórico sem o rompimento com a tradição (Lu, 2010, p.13): “Ninguém pode fazer história se não quiser arriscar a própria pele, levando até o fim a experiência de sua própria vida, e deixar bem claro que sua vida não é uma continuação do passado, mas um novo começo.” (Jung, 1964/2013 p.141)

Partimos da hipótese de que o arcaico não é reprimido pela consciência e por isso se torna sombrio, ele apenas não é notado em suas novas roupagem pela consciência egoica presa em antigos padrões de manifestação. O arquétipo está sempre presente e manifesta-se principalmente em paralelos com as fantasias que a cultura cria para o seu próprio futuro. É importante que passemos a adotar uma leitura teleológica e fenomenológica não apenas no trabalho clínico da psique individual, mas também no desenvolvimento da psique coletiva. Caso contrário tendemos a distorcer os fenômenos apresentados pela sociedade e pelo inconsciente coletivo para que se encaixem em nossas preconcepções.

Indutivismo ingênuo

Zoja (1992) faz paralelos pouco cuidadosos a partir da pressuposição de uma matriz estritamente biológica dos arquétipos. A comparação acerca do consumo de drogas em sociedades primitivas e modernas, por exemplo, tem limites. A diferença entre os dois fenômenos sociais são muito complexas para serem associadas apenas à perda de raízes culturais. O fato de seu paciente Carlos (Zoja, 1992, pp.91-109) não ter contato prévio com rituais envolvendo o uso de drogas e espontaneamente ter criado ritualísticas para a utilização do “nitro” não significa que trata-se necessariamente de um processo inato e de matriz biológica. O conceito de inconsciente para a psicologia analítica é abrangente o suficiente para supormos que possam existir outras influências não identificadas assim como fatores impossíveis de serem observados por operarem a nível psicóide.

O fato de que ritos iniciáticos existem não torna eles necessidades biológicas, mesmo que o caso de Carlos passe essa impressão. Inferir que algo é natural apenas devido à alta incidência na cultura humana é metodologicamente equivocado e uma forma de indutivismo ingênuo. O método indutivo pressupõe que, a partir da observação de um dado número de fenômenos é possível tratar esta regularidade como uma verdade geral, no entanto, “bastaria que apenas um enunciado aleatório fugisse à regra geral para que esta se tornasse completamente inválida” (Sobrinho, 2020, p.330).

Como forma de superar os problemas do indutivismo, o método da falseabilidade apresentado por Karl Popper pressupõe que todo sistema científico válido é potencialmente refutável. Dessa forma, “uma nova tese se desenvolve no sentido de solucionar os problemas que não puderam ser solvidos pela teoria antecessora.” (Sobrinho, 2020, p.332). É impossível falsear a hipótese arquetípica de Zoja (1992) pois ela baseia-se na crença indutiva na regularidade dos fenômenos observados pelo autor.

Embora haja o problema da indução, podemos inferir, no entanto, que a alta incidência de ritos iniciáticos indiquem que neles existem fatores psicológicos fundamentais de alta relevância para a humanidade em geral, mas não necessariamente os ritos em si. A lógica de que os ritos em si são fundamentais implicaria na impossibilidade de seu declínio na cultura humana, o que não é empiricamente observado e só pode ser sustentada a partir de uma leitura escatológica e não científica de humanidade.

Portanto, consideramos que Zoja extrapola os limites interpretativos possíveis a um estudo de caso, realizando generalizações e naturalizações para toda a humanidade com base em uma amostra excessivamente pequena, mesmo para os parâmetros de uma pesquisa qualitativa. Parte da pressuposição indutivista de que se muitas culturas possuem ritos iniciáticos, logo todas as culturas possuem ritos e, por indução, podemos concluir que essa é uma necessidade biológica que precisa ser realizada em todo o lugar.

A alta incidência e regularidade, no entanto, não são suficientes para tal generalização. Como Zoja (1992) conclui por indução que todas as culturas possuem ritos iniciáticos, o fato da cultura contemporânea não possuir tais ritos é lido como uma manifestação antinatural de uma norma humana universal. O autor, nesse aspecto, recusa os fatos em prol de sua construção teórica e da validade de seus pressupostos, não levantando a hipótese que a cultura contemporânea é uma possibilidade tão natural quanto as outras culturas.

Os limites do método do estudo de caso são pouco discutidos por Zoja, mesmo que a nosso ver precisem ser claramente reconhecidos e demarcados para sua adequada utilização. Exatamente pela impossibilidade de confirmação das hipóteses em amostras grandes de pessoas, como na pesquisa quantitativa, hipóteses com pretensões universais são excessivamente especulativos, sendo, no melhor dos casos, caminhos promissores para novas pesquisas.

Psicoterapia como oposta à concepção de iniciação de Zoja

O autor fala sobre três elementos básicos dos ritos iniciáticos que foram perdidos na contemporaneidade: a sacralidade, a irreversibilidade e a falta de alternativas (Zoja, 1992, p. 134). A sacralidade desaparece na sociedade moderna pela valorização da racionalidade. A ausência da irreversibilidade na contemporaneidade impossibilita a transformação radical e portanto a possibilidade de morte e renascimento psíquico (o fim da irrevogabilidade do divórcio é um exemplo). O desaparecimento da falta de alternativas apresenta-se na multiplicidade de escolhas em que vivemos, em detrimento de um caminho único. Segundo

Zoja (1992, p.136) “está na natureza da experiência da verdade a necessidade de fazer desaparecer no sujeito a dúvida e as ambivalências.”

Curiosamente observamos que esses três elementos básicos são alguns dos principais pontos atacados pela prática da psicologia. Os três elementos operam em um nível de literalidade excessiva que impede ou dificulta a possibilidade de elaboração e simbolização das experiências. O que é sagrado não é passível de mudança e frequentemente vinculado a sofrimentos e sacrifícios. A dessacralização das figuras parentais, por exemplo, é um importante processo dentro do contexto psicoterapêutico.

A crença na irreversibilidade e impossibilidade de reeditar as próprias experiências estimula a manutenção de relações baseadas em lugares fixos definidos pela tradição. A impossibilidade de alcançar a felicidade dentro dessas posições dadas é frequentemente atribuída à falha moral de quem ocupa aquele lugar e não à própria imobilidade da instituição. Podemos citar como exemplo os frequentes casos de mulheres religiosas que sofrem violência doméstica. O tabu da irrevogabilidade do casamento torna-se um impeditivo para a saída da situação de violência devido ao alto prejuízo que tal ato geraria em suas relações comunitárias e sociais.

A irreversibilidade também estimula relações permeadas pela hipocrisia, tendo em vista que as pessoas sentem-se forçadas a conviverem pela força da instituição, e não apenas pelo desejo genuíno de convivência mútua. Mais uma vez aqui o rito externo não garante necessariamente o subsídio psíquico necessário para um efetivo processo de morte e renascimento interno. O fenômeno de correspondência psíquica efetiva entre rito externo e transformação interna depende de predisposições específicas dos iniciados. A transformação interna efetiva pode nunca vir a ocorrer ou então ocorrer motivada por fenômenos desconectados ao rito formal. Celebrar formalmente um casamento, por exemplo, não implica necessariamente uma transformação subjetiva, assim como é possível que esta vinculação interna aconteça sem a necessidade do rito formal.

Aparentemente, Zoja (1992) tem dificuldade em separar o que Jung (1958/2013, pp.19-25) chamou de religião e confissão. Religião é a experiência numinosa em si e a experiência particular do sagrado. Confissão é a manifestação institucional de uma religião e que pode inclusive atrapalhar a experiência religiosa individual em prol de uma diluição na psique coletiva do grupo religioso. “Pertencer a uma confissão, portanto, nem sempre implica uma questão de religiosidade, mas, sobretudo, uma questão social que nada pode acrescentar à estruturação do indivíduo” (Jung, 1958/2013, p.21) Ao falar sobre os ritos, Zoja enfatiza a

fusão entre rito externo e experiência interna como necessariamente correspondentes em culturas anteriores a nossa, o que a nosso ver é uma leitura romantizada do fenômeno.

Por fim, a falta de alternativas aproxima-se do *modus operandi* do fascismo e do discurso totalitário. Se por um lado a experiência da verdade precisa de bases sólidas, por outro a impossibilidade de relativizar as próprias experiências impossibilitam o aprendizado e o desenvolvimento, inviabilizando a adequada elaboração das experiências vividas. Em contexto psicoterápico frequentemente é necessário questionar o que é certo e errado, relativizando narrativas maniqueístas. A recusa em recolher projeções da sombra é um dos fatores que impedem que pessoas fanatizadas busquem apoio psicológico, pois como detentores de uma verdade ontológica, não suportam a possibilidade de estarem errados.

Consideramos, portanto, que Zoja (1992) desconsidera que a própria prática da psicoterapia, incluindo a psicologia analítica, em muitos aspectos é oposta aos ritos iniciáticos tradicionais da forma como ele os apresenta. Isso favorece nossa hipótese de que os ritos iniciáticos não foram reprimidos, mas sim perderam suas características formais tradicionais em grande medida devido suas próprias contradições internas. A temática da morte e renascimento, no entanto, continua tão atual como sempre e pode ser observada, por exemplo, na visibilidade recente que recebem as diferentes configurações de gênero, em especial o processo de transição entre gêneros. O processo de elaboração psicológica que culmina em modificações na aparência em diferentes níveis assim como a adoção de um novo nome pode ser lido como um dos mais significativos ritos iniciáticos da contemporaneidade.

3.4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Destacamos que o presente trabalho limita-se a uma análise sincrônica e, portanto, focada nesta obra em específico de Zoja. Uma análise diacrônica e que leva em consideração como o autor desenvolve e modifica o conceito de ritos iniciáticos ao longo de sua vasta obra é desejável para um olhar panorâmico sobre o assunto. Não pretendemos com esse trabalho estabelecer uma leitura peremptória da obra de Zoja (1992), mas sim expandir seu campo de interpretações possíveis.

Apesar das críticas elencadas acima, não podemos desconsiderar a fundamental contribuição de Zoja (1992) para o estudo dos ritos iniciáticos pela perspectiva da psicologia analítica e sua atualidade mesmo após 36 anos de sua publicação original. É importante destacar que o próprio autor diz:

Resumindo, direi portanto que a meu ver a possibilidade de verdadeiras e reais instituições coletivas capazes presidirem hoje a passagem iniciática é efêmera.

Todavia, os ritos de passagem ainda existem: eles são graduais e duram a toda a vida. As instituições que os consagram não se encontram fora nem estão prontas. Surgem de regras que nos impomos gradualmente no decorrer do tempo através de um processo de autodisciplina. A vida pré-fabricada em que nos inserimos tem pouca alma. Por isso, ela exige essa alma de nós.

Trata-se de cultivar a autodisciplina (que não equivale a uma rigidez de regras) necessária para passar aos poucos do estudo ao saber, do apaixonar-se ao amor, da embriaguez ideológica ao empenho político-social; e assim por diante. Se conseguirmos impor a nós mesmos esta disciplina, a "passagem" já se consagrou. (Zoja, 1992, pp. 147-148).

O autor, portanto, concorda que a saída não é pela rejeição da laicidade e numa busca retrospectiva pelo retorno dos ritos, apesar de não desenvolver essa perspectiva de modo mais consistente. Percebemos no autor um sentimento de perda e frágil substituição frente a ruína desse modo de manifestação dessa necessidade arquetípica.

Diferente da perspectiva pessimista de Zoja (1992), consideramos que a morte dos ritos iniciáticos prenuncia necessariamente seu renascimento na cultura contemporânea sob outras formas, numa espécie de “iniciação da iniciação”. Podemos citar André Dantas (2019), que rejeita a proposição de que vivemos numa negação ou repressão da iniciação, conforme considera Zoja (1992). Irá considerar antes que a própria psicanálise, junto com a adolescência, são o paradigma iniciático específico da modernidade – a iniciação na própria individualidade e conseqüente negação da tradição (Dantas, 2019, p. 492). Um dos principais objetivos da psicanálise, portanto, não é a inscrição na cultura como é o caso das iniciações tradicionais, mas sim

diferenciar o paciente daquilo que os outros esperam que ele seja, levando-o a se apropriar dos seus desejos e de sua vida ao torná-lo consciente das projeções que ele faz nos outros e os outros fazem nele, rompendo, assim, a participação mística com o grupo precisamente a partir da participação mística com o psicanalista (Dantas, 2019, p.496).

O conceito de paradigma de Thomas Kuhn (2012) também possui pontos de contato profícuos com os ritos iniciáticos. O esoterismo e dogmatismo científicos podem ser considerados uma roupagem moderna e laica dos antigos ritos iniciáticos. O “culto”, portanto, acontece a partir da metodologia e da correta apropriação desta pelo cientista. O paradigma científico vigente, portanto, define uma série de dogmas aos quais o cientista deve filiar-se obrigatoriamente, sob risco de sofrer ostracismo e ser considerado pseudocientífico se assim não proceder. Sua submissão ao método e as autoridades científicas são, assim, análogas à submissão sacral dos ritos iniciáticos tradicionais à figura do patriarca. Penna (2005) salienta a grande proximidade entre o pensamento de Jung e de Kuhn, tendo em vista que o primeiro

já destacava a dificuldade em utilizar o método experimental no estudo da vida humana e do inconsciente e a interferência do observador na exatidão dos resultados observados.

Por fim, concluímos que os ritos iniciáticos estão enfraquecidos do ponto de vista formal, no entanto a potência arquetípica sem imagem específica de morte e renascimento manifesta-se das mais diferentes maneiras em nosso cotidiano. Principalmente nos saltos qualitativos e irreversíveis na nossa compreensão sobre a vida e o mundo, assim como nas transformações inevitáveis de nossa consciência individual e coletiva.

3.5 REFERÊNCIAS

- Alschuler, L. R. (2006). *The psychopolitics of liberation: Political consciousness from a jungian perspective*. Nova York-N.Y: Palgrave Macmillan
- Dantas, A. (2019). *Dialética da modernidade: o logos instrumental e o eros simpático* (Vol. 2). Fortaleza-CE: Clube de Autores
- Boechat, W. (org.). (2014). *A alma brasileira: luzes e sombra*. Petrópolis-RJ: Vozes
- Borges, P. R. (2013). *O declínio dos ritos de passagem e suas consequências para os jovens nas sociedades contemporâneas* (Tese de Doutorado) Universidade de São Paulo, SP,
- Bourdieu, P. (1989). *O poder simbólico*. Rio de Janeiro-RJ: Bertrand Brasil
- Cervantes, M. de (2005). *D. Quixote de la Mancha: primeira parte*. EbooksBrasil. (Trabalho original publicado em 1605) Recuperado de <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/eb00008a.pdf>
- Da Matta, R (2013). Apresentação. In. Van Gennep, A. *Os ritos de passagem*. (4. ed. pp. 9-20). Petrópolis-RJ: Vozes (Trabalho original publicado em 1977).
- Dias, L. & Gambini, R. (1999). *Outros 500: uma conversa sobre a alma brasileira*. São Paulo-SP: Senac
- Eliade, M. (2000). *Nascimento y renacimiento: El significado de la iniciación en la cultura humana*. Barcelona: Editorial Kairós (Trabalho original publicado em 1958).
- Han, B. C. (2021). *O desaparecimento dos rituais: uma topologia do presente*. Petrópolis-RJ: Vozes.
- Huizinga, J. (2019). *Homo Ludens: o jogo como elemento da cultura* (9. ed.). São Paulo-SP: Perspectiva. (Trabalho original publicado em 1938)
- Jacoby, M. (2007). *Saudades do paraíso: Perspectivas psicológicas de um arquétipo*. São Paulo-SP: Paulus
- Jung, C. G. (2013). Presente e futuro. In *Obras completas de C. G. Jung* (Vol. 10/1). Petrópolis-RJ: Vozes. (Trabalho original publicado em 1958)
- Jung, C. G. (2013). Civilização em transição. In *Obras completas de C. G. Jung* (Vol. 10/3). Petrópolis-RJ: Vozes. (Trabalho original publicado em 1964)
- Jung, C. G. (2013). A natureza da psique. In *Obras completas de C. G. Jung* (Vol. 8/2). Petrópolis-RJ: Vozes. (Trabalho original publicado em 1969)
- Kuhn, T. (2012). *A função do dogma na investigação científica*. Curitiba-PR: UFPR, SCHLA.
- Laurenti, C. & Lopes, C. E. (2016). Metodologia da pesquisa conceitual em psicologia. In. C. Laurenti, C. E. Lopes & S. F. Araujo (Eds.). *Pesquisa teórica em psicologia: aspectos filosóficos e metodológicos* (Cap. 3, pp. 41-69). São Paulo-SP: Hogrefe CETEPP
- Leuenroth, E. (2002). Por que os anarquistas não aceitam a ação político-eleitoral. *Verve*, 2, 10-19, (Trabalho original publicado em 1918) Recuperado de <https://revistas.pucsp.br/index.php/verve/article/view/4609/3200>

- Lu, K. (2010). Jung and history: Adumbrations of a post-Jungian approach to psychoanalytic history, In: Heuer, G, (Ed.). *Sexual revolutions: Psychoanalysis, history and the father* (Cap. 1, pp. 11-34). Londres: Routledge <https://doi.org/10.4324/9780203834718>
- Lins, R. N. (2005). *A cama na varanda: Arejando nossas ideias a respeito de amor e sexo*. Rio de Janeiro-RJ: Best Seller
- Lins, R. N. (2012). *O livro do amor* (Vol. 1). Rio de Janeiro-RJ: Best Seller
- Oliveira, H. (org) (2018). *Desvelando a alma brasileira: psicologia junguiana e raízes culturais*. Petrópolis-RJ: Vozes
- Penna, E. M. D. (2005). O paradigma junguiano no contexto da metodologia qualitativa de pesquisa. *Psicologia USP*, 16(3), 71-94. <https://dx.doi.org/10.1590/S0103-65642005000200005>
- Peterson, J. B. (2018). *12 regras para a vida: Um antídoto para o caos*. Rio de Janeiro: RJ: Alta Books Editora.
- Rodolpho, A. L. (2004). Rituais, ritos de passagem e de iniciação: uma revisão da bibliografia antropológica. *Estudos teológicos*, 44(2), 138-146. <http://dx.doi.org/10.22351/et.v44i2.560>
- Rodrigues, S. (2019). *Introdução ao uso de psicodélicos em psicoterapia (apostila do minicurso da Associação Psicodélica do Brasil)*. Rio de Janeiro-RJ: APB.
- Shakespeare, W. (2002). *Romeu e Julieta*. São Paulo-SP: Martin Claret (Trabalho original publicado em 1597)
- Shamdasani, S. (2005). *Jung e a construção da psicologia moderna: O sonho de uma ciência*. Aparecida-SP: Idéias & Letras
- Silveira, N. da (1992). *Jung: Vida e obra*. São Paulo-SP: Paz e Terra (Trabalho original publicado em 1968)
- Sobrinho, A. M. M. de S. (2020). Do indutivismo neopositivista ao racionalismo crítico popperiano: Uma discussão sobre os critérios de demarcação na epistemologia científica. *Revista de Filosofia Moderna e Contemporânea*, 8(1) 325-339 <https://doi.org/10.26512/rfmc.v8i1.28435>
- Tacey, D. J. (1997). *Remaking men: Jung, spirituality and social change*. Londres: Routledge
- TEDx Talks (2011, maio 10). *Coragem para pedir ajuda: Bernardo Toro no TEDxAmazônia* [Ficheiro em vídeo]. Recuperado de <https://www.youtube.com/watch?v=7oUUTuOx3eU&t=453s>
- Testa, A.L. & Serbena, C.A. (2019). Psicoterapia de grupos y Psicologia Analítica. *Revista brasileira de psicoterapia*; 21(2): 59-77. https://rbp.celg.org.br/detalhe_artigo.asp?id=318
- Van Gennep, A. (2013). *Os ritos de passagem*. (4. ed.) Petrópolis-RJ: Vozes. (Trabalho original publicado em 1909)
- Zizek, S. (2016, novembro 29). The left's fidelity to Castro-ation. *In These Times*. Recuperado de <https://inthesetimes.com/article/19677/the-left-fidelity-castration-slavoj-zizek-fidel-castro-cuba-che-communism>
- Zoja, L. (1992). *Nascer não basta: Iniciação e toxicodependência*. São Paulo-SP: Axis Mundi

INTERCAPÍTULO

O capítulo anterior tem por finalidade, no conjunto da dissertação, oferecer o subsídio teórico necessário para a desliteralização da necessidade da realização institucional dos ritos iniciáticos a fim de privilegiarmos sua realização na dimensão simbólica. Não poderíamos também utilizar o trabalho de Zoja (1992) como referência base para essa temática sem enfatizar as limitações da obra assim como perspectivavas do autor que vão de encontro as nossas.

A perspectiva de que a morte é um reprimido cultural, por exemplo, dificilmente pode ser aceita na realidade de violência e desigualdade social brasileira. A leitura freiriana da opressão social estrutural em que vivemos baseia-se exatamente no conceito de necrofilia (Freire, 1968/2011, p. 64), ou seja, de que nosso sistema política alimenta-se da morte e do anulamento das subjetividades. Num sistema econômico que funciona baseado na exploração e na morte literal e simbólica, apenas uma leitura elitista e que observa o fenômeno de um ponto de vista privilegiado socialmente pode considerar a morte como um elemento simbólico reprimido culturalmente.

Podemos constatar, no entanto, que tal postura pessimista de Zoja (1992) acerca da contemporaneidade seja uma perspectiva recorrente em diversos autores. Talvez a mais emblemática na psicologia analítica seja a obra “*Cem anos de psicoterapia – e o mundo está cada vez pior*” (Hillman & Ventura, 1995). Autores famosos para além da psicologia que abordam as questões contemporâneas como Zygmunt Bauman (2001) e Byung-Chul Han (2021) tendem a um acentuado pessimismo sobre os desdobramentos dos modos de vida contemporâneos.

Apesar dos inegáveis problemas decorrentes do neoliberalismo e da crise ambiental, especulamos que este pessimismo também é influenciado pela revolução digital, o que ocasionou um profundo e irreversível impacto em diferentes áreas de nossas vidas. Tais modificações quebram uma série de paradigmas e valores antes considerados fundamentais e excessivamente estruturantes da realidade vivida, estimulando leituras nostálgicas da realidade. Somado é isso, é comum autores em ciências humanas olharem com ressalvas para avanços tecnológicos, pois estes tendem a consolidar e fortalecer as políticas de Estado vigentes, seja a partir da ampliação de sua força ou do refinamento das técnicas de controle dos corpos.

Torna-se, portanto, tarefa das gerações que cresceram imersas na revolução digital sonhar novos sonhos a partir dos novos campos de possibilidades apresentados. A

“retrotopia”, o desejo de retorno melancólico ao passado denunciada por Bauman (2017), talvez seja fruto da incapacidade de mentalidades pré-revolução digital sonharem um mundo pós-revolução digital. Para além disso, as novas gerações enfrentam as consequências da falta de consciência ambiental das gerações anteriores, herdando a dupla tarefa de sonhar um novo sonho de futuro e, ao mesmo tempo, reparar os danos desviando da rota projetada pelos sonhos insustentáveis das gerações anteriores. Talvez isso explique o pessimismo dos diferentes autores citados que abordam a vida contemporânea, pois apesar da nostalgia pelo passado, existe o reconhecimento implícito de que este passado gestou as condições precárias do presente.

A fim de possibilitarmos novos horizontes vivenciais, novas utopias, precisamos desenvolver outras perspectivas sobre a inscrição das pessoas em sua cultura. Nesse sentido, Paulo Freire (1968/2011) apresenta-se como um autor profícuo devido sua persistência na esperança e enfrentamento de realidades aparentemente intransponíveis. Sua postura positiva e potente perante a vida é uma influência importante para a construção de perspectivas não fatalistas sobre a vida contemporânea.

No capítulo seguinte, utilizamos os ritos iniciáticos como metáfora, promovendo o eixo simbólico necessário para a utilização da *Pedagogia do Oprimido* (Freire 1968/2011) como chave hermenêutica para novas compreensão em psicologia analítica sobre a dimensão política e de inscrição dos sujeitos na cultura. Em contrapartida, a psicologia analítica possibilita novos olhares para a obra de Freire (1968/2011). Consideramos que o processo de humanização de Freire (1968/2011) é, em si, uma proposta de inscrição social análoga a morte e renascimento proposta pelos ritos iniciáticos.

O capítulo final, constitui-se, portanto, num esforço dialógico a fim de possibilitar e propiciar aproximações entre a psicologia junguiana e a pedagogia freiriana. Consideramos tal convergência um profícuo e novo campo de exploração teórico-conceitual para ambas as áreas, ponto já destacado por outros autores internacionais (Alschuler, 2006; Watkins & Shulman, 2008). Para nós, psicólogos junguianos do Brasil, uma aproximação mais consistente com autores nacionais é uma das formas possíveis para caminharmos rumo à decolonização dessa abordagem.

4 CAPÍTULO 3

RITOS INICIÁTICOS E O MÉTODO DE HUMANIZAÇÃO:

Diálogos entre Psicologia Analítica e a Pedagogia do Oprimido

INITIATION RITES AND THE METHOD OF HUMANIZATION:

Dialogues between Analytical Psychology and the Pedagogy of the Oppressed

RESUMO

Os ritos iniciáticos são importantes elementos de inscrição da psique individual na pólis, sendo campo privilegiado para o estudo da interseção entre o individual e o coletivo (psicopolítica). Devidos o enfraquecimento dos ritos iniciáticos tradicionais na contemporaneidade, consideramos importante e busca e o estudo de configurações atuais que sejam continentes da necessidade coletiva de morte e renascimento simbólicos, respeitando as especificidades culturais de cada povo. Este trabalho pretende demonstrar, do ponto de vista teórico, que o método de humanização proposto pela Pedagogia do Oprimido de Paulo Freire pode ser lido como análogo a um rito iniciático laico. Tal método exerceria a função simbólica de morte e renascimento assim como inscrição na cultura por meio do desenvolvimento da consciência crítica. Para fundamentar nossa hipótese sublinhamos passagens literais em que o autor associa o processo de humanização com a metáfora da morte e renascimento. Utilizaremos também como parâmetros as características basilares das iniciações consideradas perdidas na modernidade por Luigi Zoja (sacralidade, irreversibilidade e falta de alternativas) em consonância com elementos conceituais fundamentais da obra freiriana. Nesse aspecto, associamos a sacralidade ao cultivo dos valores do amor, humildade, fé e esperança no ser humano. A irreversibilidade acontece no nascimento do ser humano dialógico e crítico. A falta de alternativas é identificada na práxis como caminho incondicional para a transformação social. Para além disso, os ritos iniciáticos são uma alegoria profícua para o diálogo entre a psicologia analítica e a pedagogia do oprimido.

Palavras-chave: Ritos iniciáticos, Psicologia analítica, Pedagogia do oprimido, Paulo Freire, Luigi Zoja.

ABSTRACT

The initiation rites are important elements to the individual psyche inscription in the polis, being a privileged study field of the intersection between the individual and the collective (psychopolitics). Due to the weakening of traditional initiation rites in the contemporary, we consider it important to search and study current configurations that could be continents of the collective need for symbolic death and rebirth, respecting the cultural specificities of each people. This work intends to demonstrate, from a theoretical point of view, that the method of humanization proposed by Paulo Freire's Pedagogy of the Oppressed can be read as analogous to a lay initiation rite. Such method would exercise the death and rebirth symbolic function as well as an inscription in the culture through the development of critical consciousness. To support our hypothesis, we underline literal passages in which the author associates the humanization process with the death and rebirth metaphor. We will also use as parameters the basic characteristics of initiations considered lost in modernity by Luigi Zoja (sacredness, irreversibility and lack of alternatives) in line with fundamental conceptual elements of

Freire's work. In this aspect, we associate sacredness with the cultivation of the values of love, humility, faith and hope in human beings. Irreversibility happens at the birth of the dialogical and critical human being. The lack of alternatives is identified in praxis as an unconditional path to social change. Furthermore, initiation rites are a useful allegory for the dialogue between analytical psychology and the pedagogy of the oppressed.

Keywords: Initiation Rites, Analytical Psychology, Pedagogy of the Oppressed, Paulo Freire, Luigi Zoja.

4.1 INTRODUÇÃO

Paulo Freire é reconhecidamente um dos autores brasileiros mais relevantes no mundo. O autor está no ranking dos três autores mais citados do mundo em ciências sociais no Google Acadêmico (Green, 2016, maio 12). Seu livro, *Pedagogia do Oprimido* (Freire, 1968/2011) aparece como o único escrito por autor brasileiro na lista de 100 livros mais pedidos por universidades de língua inglesa (G1, 2016, fevereiro 17).

O interesse em pesquisas que estabeleçam diálogos entre a psicologia analítica com o campo amplo da política tem crescido no Brasil e no mundo. Os temas mais comuns encontrados foram: Desenvolvimentos do conceito de complexo cultural; Discussões sobre os conceitos de anima e animus para além da perspectiva essencialista; Debate e reformulações de proposições teóricas de Jung compreendidas como estruturalmente racistas por diversos autores; Posições políticas de Jung em vida e; Diálogos conceituais possíveis entre Jung e outros autores. Em relação a Paulo Freire em conexão com a psicologia analítica, podemos destacar os trabalhos de aproximação com Carl Gustav Jung (Alschuler, 2006) e James Hillman (Watkins & Shulman, 2008). No entanto, mesmo Paulo Freire sendo um autor brasileiro, não encontramos trabalhos em psicologia analítica no Brasil que dialoguem com ele ou como outros autores nacionais relevantes.

Além disso, são escassos os trabalhos que abordam diretamente os ritos iniciáticos, componente central da vida política e do processo de socialização, conforme demonstrado no trabalho anterior. Os impactos nas dinâmicas psicológicas contemporâneas proporcionado pelo fim dos ritos iniciáticos tradicionais são grandes (Tacey, 1997; Zoja, 1992). Eles representavam um deslocamento da vida infantil e orientada para a satisfação das próprias necessidades para uma vida orientada para sociedade, a partir da construção de uma identidade, proporcionando senso de pertencimento coletivo. Hoje, no lugar dos ritos iniciáticos, estabelecemos a adolescência como análoga aos ritos de margem (Van Gennep, 1909/2013), que são espaços limítrofes onde existe uma suspensão das regras usuais, demarcando o espaço transitório entre um antes e um depois. A adolescência, no entanto, é como um rito de margem estendido por anos, proporcionando sentimento de inequação, ansiedade e crises de identidade (Tacey, 1997, p. 128).

O espaço psíquico e objetivo onde tradicionalmente ocorrem os ritos de margem são perigosos tanto pelas diferentes provas quanto pela desestabilização intencional da personalidade a fim de possibilitar o nascimento de uma outra identidade. A adolescência é considerada então fase marginal e especialmente perigosa, pois promove longo período de angústia por indefinição através processo de separação da personalidade infantil para adoção

gradual da personalidade adulta. Tal contexto limítrofe favorece, entre outros fatores, o surgimento da toxicomania, da criminalidade e de comportamentos perigosos, incluindo o suicídio (Zoja, 1992, pp. 32-35).

A psicoterapia seria, nesse contexto, um dos poucos espaços de continência efetivamente seguros para a sustentação e realização de um processo análogo aos ritos iniciáticos. Porém, tendo que vista que a psicoterapia é um procedimento excessivamente pontual e individual, Tacey (1997, pp. 129-130) considera urgente que possamos desenvolver uma nova “cultura espiritual” com ritos iniciáticos adequados a nossa realidade. Como resultado desse vácuo cultural, observamos o retorno de movimentos patriarcais e fundamentalistas que compensam o sentimento generalizado de ausência de estrutura, tanto do ponto de vista da identidade quanto das instituições e do funcionamento da sociedade.

Devido nossa inabilidade em produzir uma cultura espiritual que ofereça continência à complexidade contemporânea, passamos a recorrer a formas antiquadas para reconstruir nossas necessidades arquetípicas de segurança e estabilidade existencial (Tacey, 1997, p.110-113). Isso é um dos fatores que justificam porque alguns autores famosos em psicologia analítica (Peterson, 2018; Estes, 1999; Johnson, 1987) realizam, de modo simplista, leituras que tendem ao essencialismo, aproximando o conceito de arquétipo aos instintos, com objetivo de proporcionar sentimento de estrutura e estabilidade frente as aparentemente incontornáveis indefinições contemporâneas.

Apesar das críticas pertinentes de Tacey e Zoja, consideramos que os autores enfatizam em excesso o vácuo cultural gerado pelo fim dos ritos iniciáticos tradicionais em detrimento de uma observação mais detalhada sobre as motivações inconscientes que levaram ao fim desses ritos. Os dois autores consideram que o excesso de racionalidade contemporânea, em sua unilateralidade, promove esse vácuo (Zoja, 1992, pp.28-31) o que gera um senso de verdade excessivamente relativizado, abrindo margem para a ascensão do fundamentalismo (Tacey, 1997, p.113). Entretanto, ambos não realizarão em suas obras uma análise mais aprofundada de como os próprios ritos iniciáticos se tornaram, devido suas contradições internas e oriundas do inconsciente coletivo, incompatíveis com a vivência contemporânea. Partimos da leitura, portanto, que os ritos iniciáticos não se tratam de um “reprimido cultural” (Zoja, 1992, p. 5), mas sim de um elemento cultural que tornou-se obsoleto em suas características gerais, não podendo ser revivido mesmo em novas roupagens. As dinâmicas psíquicas que sustentam os ritos iniciáticos não são mais extrovertidas como outrora – tornaram-se introvertidas e focadas em mortes e renascimentos interiores que promovem mudanças externas apenas a partir de um processo elaborado de

maturação. Ambos os autores identificam essa tendência à interiorização da libido referente aos processos iniciáticos, no entanto resistem a ausência de novas formas institucionais e socialmente nítidas dos ritos iniciáticos na vida contemporânea (Zoja, pp.147-148, Tacey, pp. 129-130).

Partimos, portanto, do princípio de que as necessidades arquetípicas são basilares na psique e não podem efetivamente ser perdidas, mas retornam na forma de novas configurações gerais. Valorizaremos, portanto, mais do que “fazer achados arqueológicos nas produções do inconsciente”, a realização do “contínuo processo de elaboração dos conteúdos do inconsciente” (Silveira, 1968/1992, p. 83). O movimento energético da psique coletiva por trás da necessidade de ritos iniciáticos é mais importante do que nos atermos a esta forma específica de canalização energética: *“It is not the rituals themselves that heal us, but the larger realities toward which the rituals point.”*⁹ (Tacey, 1997, p.129). A toxicomania (Zoja, 1992) como elemento central que demonstra a consequência da ausência arquetípica dos ritos iniciáticos na sociedade em geral, se assim o fosse, provavelmente geraria consequências sociais muito mais drásticas. É nossa tarefa, portanto, identificar elementos na cultura que possibilitem o reconhecimento potente de movimentos análogos aos ritos iniciáticos e consequentemente, sua valorização na cultura. Rejeitamos, portanto, a tese do vácuo cultural proposta pelos autores, por partirmos da hipótese de que não existe um vácuo, mas sim estamos inconscientes de como esse movimento psíquico coletivo, que convencionamos chamar de ‘arquetípico’, vem sendo processado na contemporaneidade.

A partir dessa perspectiva, buscaremos verificar nesse estudo se, do ponto de vista conceitual, o processo de conscientização de Paulo Freire (1968/2011) pode proporcionar função análoga aos ritos iniciáticos sem a necessidade de recorrer a perspectivas essencialistas e/ou fundamentalistas acerca do funcionamento social. O autor não realizará uma leitura por etapas do processo de conscientização. Tal modelo¹⁰ é proposto por Alschuler (2006) com finalidade de correlacionar a teoria freiriana da conscientização com o processo de individuação em Jung de forma didática. Para isso o autor divide o “método de conscientização” (Freire, 1968/2011) em três etapas (Alschuler, 2006, pp. 17-21):

1) consciência mágica – Sensação de impotência frente a uma realidade mítica e impossível de ser modificada pela atividade consciente. A responsabilidade pela situação é

⁹ “Não são os rituais em si que nos curam, mas as realidades mais amplas para as quais os rituais apontam.” (tradução livre)

¹⁰ Não incluiremos o conceito de *consciência liberada* (Alschuler, 2006, pp. 63-80) nesse trabalho. Tal conceito pressupõe uma ampliação do conceito de consciência crítica (Freire, 1968/2011) para uma síntese com a psicologia analítica. No entanto, o conceito de consciência crítica é amplo o suficiente para abarcar uma leitura junguiana, prescindindo da construção de um novo conceito.

atribuída a Deus, ao Destino, à Natureza, à “autoridade natural” de determinadas figuras políticas, etc. Resta à pessoa oprimida apenas a resignação acrítica frente às dificuldades na expectativa de que estas mudem por si mesmas ou por influência de práticas mágico-religiosas. Agir concretamente para a modificação da realidade é compreendido como tarefa inútil. É nessa esfera de consciência que tendem a localizar-se as leituras essencialistas, pois compreendem que a vida social segue regras imutáveis dadas pela natureza humana.

2) consciência ingênua – A realidade pode ser modificada a partir da vontade individual caso a pessoa oprimida siga o exemplo do opressor. Aqui a oprimido sai da passividade e passa a identificar-se com a ideologia do opressor, identificando-o como modelo de superação. Aqueles que destoam da ideologia do opressor são lidos como os responsáveis pelos males sociais, sendo marginalizados e hostilizados. A fonte dos sofrimentos sociais deixa de ter causas externas ao próprio sujeito para ser lida como puro resultado de sua conduta individual frente ao mundo. A pessoa é incapaz de perceber que a opressão é resultado do funcionamento normal de como a sociedade está estruturada. O pensamento político de Jung, segundo Alschuler (2006, p. 22), encontra-se nesse estágio devido seu foco excessivo na mudança da consciência individual, desconsiderando opressões estruturais da sociedade.

3) consciência crítica – A pessoa oprimida reconhece que vive em uma sociedade estruturalmente opressora e que, portanto, é incapaz de promover mudanças sociais efetivas de modo individualizado. Passa então a associar-se coletivamente a fim de promover alterações estruturais no modo de funcionamento da sociedade. O oprimido deixa de identificar-se com o opressor para ocupar seu próprio espaço enquanto agente de transformação social, recuperando sua autoestima e associando-se com pessoas em situação análogas a sua. Como exemplos podemos citar as organizações de movimentos operários urbanos e camponeses, movimentos étnicos em busca de reparação histórica entre outros.

É importante frisarmos que o desenvolvimento da consciência nesse modelo não é linear, logo podemos ter aspectos menos ou mais desenvolvidos. A leitura de que a consciência mágica é um estágio primitivo a ser superado pode ser compreendido como uma leitura excessivamente racionalista do processo de desenvolvimento da consciência. Como autor que se utiliza extensivamente do materialismo histórico e dialético, Freire (1968/2011) dá grande valor à racionalidade. No entanto, não devemos confundir pensamento mágico-religioso com o conceito específico de consciência mágica. Pensamento mágico-religioso (Van Gennep, 1909/2013, p.31) refere-se à ritualização da vida e ao elemento constitutivo de práticas religiosas em suas dimensões mágicas e metafísicas, enquanto a consciência mágica para

Freire (1968/2011) é um modo específico de observar problemas de ordem social pela via da naturalização dos fenômenos.

O objetivo desse estudo é avaliar, do ponto de vista teórico/conceitual e a partir da literatura disponível, se o desenvolvimento rumo ao estágio de consciência crítica para Paulo Freire, (1968/2011) opera de maneira análoga aos ritos iniciáticos e, portanto, pode ser compreendido como uma possível inscrição dos sujeitos na cultura. Inscrição cultural não pela via da conformidade e naturalização da desigualdade social, mas sim pela crítica social ao perceber suas nuances e funcionamentos não aparentes. Inscrição que se dá pelo engajamento num processo de transformação do contexto social, e, portanto, saindo do autocentramento infantil para a implicação com o coletivo.

4.2 MÉTODO

O presente trabalho pretende criar um diálogo visando a síntese entre o conceito de ritos iniciáticos na perspectiva da psicologia analítica e o método de conscientização de Paulo Freire (1968/2011) de modo que, um conceito lance luz sobre o outro e ambos passem a apresentar outras facetas e possibilidades de interpretação. Realizaremos esta análise dialética a partir do método utilizado por Alschuler (2006, pp. 11-80), salientando pontos de contato e divergências entre os dois conceitos. Sempre que possível, referenciaremos com citações literais os principais pontos de contato entre os autores, proporcionando base textual para nossas argumentações, minimizando interpretações vagas ou superinterpretações (Laurenti & Lopes, 2016, p.51).

Sobre a temática ritos iniciáticos para a psicologia analítica utilizaremos principalmente os livros *Nascer Não Basta: Iniciação e Toxicodependência* (Zoja, 1992) e *Remaking Men: Jung, Spirituality and Social Change* (Tacey, 1997) devido a relevância desses trabalhos, conforme sublinhado na introdução.

Quanto ao conceito de consciência crítica freiriano priorizaremos a *Pedagogia do Oprimido* (Freire, 1968/2011), texto mais conhecido do autor e onde ele desenvolve este conceito. Pretendemos, portanto, realizar um estudo focado na dimensão sincrônica deste conceito a partir desta obra, e não um estudo diacrônico extenso da evolução desse conceito em textos posteriores deste e de outros autores.

4.3 DISCUSSÃO

Consideramos que as demandas análogas aos ritos iniciáticos na cultura atual não foram reprimidas, mas sim retornam em formatos diferentes. Nesse sentido, consideramos que

o despertar da consciência crítica em Paulo Freire (Freire, 1968/2011) pode ser compreendida dessa forma. Utilizaremos como parâmetro as características essenciais da iniciação que foram perdidas na modernidade elencadas por Zoja (1992, p.134):

- Sacralidade, que desaparece nas sociedades modernas com o advento da laicidade;
- Irreversibilidade, pois reverter escolhas e opções retira a condição de transformação radical, com a morte da personalidade anterior e conseqüente renascimento
- Falta de Alternativas, pois na experiência subjetiva da verdade é necessário que não existam dúvidas e ambivalências.

Consideramos que a metodologia freiriana possui viés abertamente iniciático, visando formar não apenas professores, mas lideranças revolucionárias. O autor valoriza o “caráter eminentemente pedagógico da revolução” (Freire, 1968/2011, p. 75). Considera também que “não há outro caminho senão o da prática de uma pedagogia humanizadora, em que a liderança revolucionária, em lugar de se sobrepôr aos oprimidos e continuar mantendo-os como quase ‘coisas’, com eles estabelece uma relação dialógica permanente” (Freire, 1968/2011, p. 77). Para o autor, ser autenticamente um líder revolucionário é ser um educador humanista, assim como todo educador verdadeiramente humanista é um líder revolucionário.

A pedagogia do oprimido possui também uma dimensão ‘sagrada’ representada pela base metafísica, ontológica e de valores que sustenta toda a estrutura de sua cosmologia. A irreversibilidade manifesta-se quando os processos de opressão tornam-se conscientes para a pessoa oprimida e esta não pode mais abrir mão do confronto com a realidade de exploração e desigualdade social em que vive. A falta de escolhas manifesta-se na práxis como única via de superação das condições de opressão rumo a libertação. Cabe destacar, no entanto, que não existe um ponto estaque onde morre a consciência ingênua e nasce a crítica, sempre existirá pontos mais ingênuos e mais críticos em nossa leitura de mundo, tratando-se de um movimento contínuo de aprendizado.

Sacralidade

Em oposição a nossa tese de que a consciência crítica pode tornar-se um elemento análogo a uma iniciação secular, Zoja destaca que:

A maior parte dos movimentos revolucionários e reformistas propõe seu credo em termos racionalistas demais, isto é, de difícil ressonância arquetípica para a massa. Muitas vezes, o pensamento progressista se ocupou de mitologia e dos aspectos psicológicos dos movimentos políticos só relativamente tarde, depois de ter verificado que os movimentos fascistas conseguiam mobilizar não só quem deles esperavam certas compensações materiais como também grandes porções da massa que perdera seus mitos. (Zoja, 1992, p.29)

Nesse sentido a elevação da consciência crítica como fator iniciático relevante seria uma tentativa de enfatizar um elemento cultural de baixa ressonância psíquica. A crítica de Paulo Freire a consciência mágica, em certos aspectos, pode ser lida também como uma tentativa de anulação dessas bases arquetípicas e afetivas em prol de uma racionalidade excessiva.

Porém, é importante destacarmos que Paulo Freire é um autor católico que contribuiu com a Teologia da Libertação (Segala, 2010, p.627), sendo favorável a religiosidade principalmente no que se refere sua capacidade de fortalecer vínculos comunitários e transformação social a partir da fé no ser humano. Valorizará em muitos aspectos a dimensão da afetividade em sua obra, principalmente elencando diversos valores importantes para a humanização. Consideramos que estes valores, assim como o humanismo cristão, podem ser tratados como os fundamentos arquetípicos e numinosos de sua obra.

O diálogo genuíno pode ser considerado a categoria central do pensamento freiriano em Pedagogia do Oprimido: “somente na comunicação tem sentido a vida humana. [...] o pensar do educador somente ganha autenticidade na autenticidade do pensar dos educandos, mediatizados ambos pela realidade, portanto da intercomunicação.” (Freire, 1968/2011, p.89). Essa dialogicidade estende-se para todos os aspectos da vida humana, de modo que a falta de dialogicidade, de trocas, sempre é produtora de estagnação, cisão e morte em seu aspecto negativo. Numa perspectiva simbólica, podemos pensar a comunicação como o “sangue do mundo” numa relação de correspondência com a água, possibilitando a vida de todo o sistema. Intercâmbio implica troca e, portanto, movimento incessante rumo a novas configurações existenciais não presentes anteriormente.

Para que o diálogo e a mudança ocorram, no entanto, são necessárias certas condições afetivas e de valores, no caso a fé, o amor, a humildade e a esperança em relação ao ser humano. Fé no ser humano “é um dado a priori do diálogo” (Freire, 1968/2011, p. 112). “Crer no povo é condição prévia, indispensável à mudança revolucionária. Um revolucionário se reconhece mais por esta crença no povo, que o engaja, do que por mil ações sem ela.” (Freire, 1968/2011, p.66). Freire ainda fala da crença nos homens e em seu poder criador de transformação da realidade (Freire, 1968/2011, p.86). Encontramos aqui uma fé ontológica no ser humano assim como uma orientação teleológica para a inovação. Este “poder criador” é exatamente a capacidade de criar o que antes era impossível ou inimaginável, configurando-se, portanto, numa fé naquilo que ainda não é possível visualizar (fé no invisível). Crer no poder criador é equivalente a crer que um caminho sempre pode ser encontrado, mesmo contra toda evidência de obstrução no momento da caminhada. Sem esta

fé, ultrapassar as “situações-limite” (Freire, 1968/2011, p.125) que impedem a libertação torna-se impossível. Sem fé, o diálogo se torna “manipulação adocicadamente paternalista.” (Freire, 1968/2011, p.113).

Não basta apenas a fé na humanidade, mas também o amor, enquanto ato de coragem: “Se não amo o mundo, se não amo a vida, se não amo os homens, não me é possível o diálogo.” (Freire, 1968/2011, p.111). Da mesma forma, esse amor deve ser fundamentado pela humildade: “Como posso dialogar, se me sinto participante de um gueto de homens puros, donos da verdade e do saber, para quem todos os que estão fora são ‘essa gente’, ou são ‘nativos inferiores’?” (Freire, 1968/2011, p.111).

O amor, a humildade e a fé no ser humano, na leitura freiriana, são condições indispensáveis para que relações horizontais e de confiança se estabeleçam, assim como a possibilidade do diálogo (Freire, 1968/2011, p.113). A partir desses valores podemos identificar com facilidade a influência do humanismo cristão no pensamento de Paulo Freire (Garré & Henning, 2013) e as raízes religiosas de sua obra. No entanto, podemos considerar essa dimensão de seu trabalho uma forma de espiritualidade laica (Ferreira, 2016) devido à ausência de referências religiosas explícitas, favorecendo o ecumenismo e pluralidade religiosa.

A esperança, como último valor fundamental na cosmovisão freiriana, é compreendida como resultado da imperfeição humana que favorece nosso desejo de contínuo progresso. A esperança aproxima-se da fé, no sentido de crença no porvir de apresentar novos sonhos e possibilidades.

A desumanização que resulta da ‘ordem’ injusta não deveria ser uma razão da perda da esperança, mas, ao contrário, uma razão de desejar ainda mais, e de procurar sem descanso, restaurar a humanidade esmagada pela injustiça. [...] Movo-me na esperança enquanto luto e, se luto com esperança, espero” (Freire, 1968/2011, 114.p.).

Destacamos que aquilo que nomeamos de ‘sacralidade’ da obra freiriana transversalizará toda a sua obra, que constitui-se basicamente na utopia de uma humanidade fundamentada na dialogicidade e que emerge das classes oprimidas. Essa é a dimensão que consideraremos como o elemento de morte e renascimento no interior da teoria freireana ou de irreversibilidade na compreensão de Zoja (1992).

Irreversibilidade

O simbolismo da morte e renascimento é um dos maiores exemplos da irreversibilidade, característica que nossa cultura secular e laica perdeu (Zoja, 1992, p. 134).

A irrevogabilidade do casamento, por exemplo, é uma dessas modalidades de experiência. Hoje, pelo menos dentro de uma vivência ocidental globalizada, é nosso desejo que sustenta boa parte das decisões em nossa vida, e não as tradições do contexto sociocultural em que estamos inscritos. Aumentamos significativamente a autonomia para que as pessoas possam romper com suas tradições se assim desejarem, o que, em muitos casos, implica sair ou ser ressarcida por sofrer violências coletivamente aceitas e inclusive institucionalizadas.

Nesse sentido, apesar do desejo de Zoja e Tacey de uma ‘cultura espiritual’ não tão introvertida para que surjam novos ritos iniciáticos (Zoja, pp.147-148, Tacey, pp. 129-130) não é provável que isso aconteça, em nossa leitura, em uma roupagem sem contornos fundamentalistas. A ênfase na liberdade individual característica da cultura contemporânea é pouco compatível com tradições irrevogáveis: “*Belonging and conformity go together, so that stable initiations are synonymous with stable institutions. Ancient initiations and the modern ideal of freedom of will and action do not sit happily together.*”¹¹ (Tacey, 1997, p.104).

No entanto, consideramos que a proposta freiriana oferece um modelo laico e flexível de formação humana, incluindo o paradigma de morte e renascimento, mesmo sem o recurso externo dos ritos. A relação conceitual entre ritos iniciáticos e o desenvolvimento da consciência crítica pode ser observado em passagens onde o autor sugere explicitamente um processo de morte e renascimento:

A libertação, por isso, é um parto. E um parto doloroso. O homem que nasce deste parto é um homem novo que só é viável na e pela superação da contradição opressores-oprimidos, que é a libertação de todos.

A superação da contradição é o parto que traz ao mundo este homem novo não mais opressor; não mais oprimido, mas homem libertando-se. (Freire, 1968/2011, p. 48).

Dizer-se comprometido com a libertação e não ser capaz de *comungar* com o povo, a quem continua considerando absolutamente ignorante, é um doloroso equívoco. [...]

Daí que esta passagem deva ter o sentido profundo do renascer. Os que passam têm de assumir uma forma nova de *estar sendo*; já não podem atuar como atuavam; já não podem permanecer como *estavam sendo*. (Freire, 1968/2011, pp. 66-67).

Freire utiliza três conceitos que ilustram esse movimento de morte e renascimento: imersão, emersão e inserção (Freire, 1968/2011, p. 141). Imersão refere-se a estar mergulhado de forma implacável na situação, sem possibilidade de saída e sem a possibilidade de delimitar contornos bem definidos. É um estado de fusão das consciências com o meio circundante equivalente a participação mística para a psicologia analítica. Emersão significa

¹¹Pertencimento e conformidade caminham juntos, de modo que iniciações estáveis são sinônimos de instituições estáveis. As iniciações antigas e o ideal moderno de liberdade não se sentam felizes juntos (tradução livre)

afastar-se psicologicamente da situação para observá-la em perspectiva, não mais como fatalismo ou um dado da natureza imutável. Em psicologia analítica corresponde ao processo de recolhimento das projeções, reconhecimento das alteridades e consolidação do ego. Inserção representa a ação consciente e intencional dentro do contexto onde antes se estava imerso e inconsciente visando sua transformação. O movimento é paralelo a integração entre conteúdos conscientes e inconscientes na teoria junguiana. “A *inserção* é um estado maior que a *emersão* e resulta da conscientização da situação. É a própria consciência histórica.” (Freire, 1968/2011, p.141).

Este ser humano que surge de sua conscientização histórica, está em constante processo de libertação e conseguiu ingressar no estágio de consciência crítica, pode ser considerado em um estágio de maturidade psíquica análogo ao proporcionado pelas iniciações nas culturas tradicionais e tribais, porém sem os elementos restritivos e autoritários da iniciação. Pelo contrário, a consciência crítica é fundamentalmente prática e visa a transformação social a partir de uma postura de abertura para “ser mais”, ou seja, permitir que a relação dialógica com o outro possibilite a alteração da configuração subjetiva pessoal através do aprendizado mútuo e humanização (Freire, 1968/2011, pp. 40-41). Se Zoja (1992) nos indica que *Nascer Não Basta*, ou seja, é necessário ser inscrito na cultura humana por via da iniciação, Freire (1968/2011) nos aponta exatamente como podemos nos humanizar por meio de seu método de conscientização. Outros autores em psicologia analítica já abordaram como a teoria freiriana é convergente com o processo de individuação (Alschuler, 2006; Watkins & Shulman, 2008). Porém desconhecemos trabalhos que abordem especificamente esse diálogo a partir dos ritos iniciáticos.

A construção da utopia freiriana visa denunciar os mecanismos da opressão e anunciar um horizonte de libertação (Freire, 1968/2011, 102.p) não apenas de uma nova sociedade, mas também de um novo ser humano. Esse ser humano possui fé, amor, humildade e esperança assim como uma relação de abertura constante a novidades e ao diálogo, o que Freire nomeou como *ser mais* (Freire, 1968/2011, pp.40-41). Todas essas características tornam a pessoa humana em sua leitura. O processo de conscientização, portanto, é um processo de humanização rumo ao *homem dialógico* (Freire, 1968/2011), ou seja, o ser humano em abertura ao diálogo constante com seu meio social e natural.

Para o autor, ser humano é inevitavelmente ser dialógico, no entanto ressaltaremos o conceito de *humano dialógico*¹² nesse trabalho exatamente pois ele propõe mais claramente

12. Optamos por neutralizar o gênero do conceito proposto por Freire a fim de desnaturalizar a primazia do gênero masculino em sua obra como equivalente para todas as pessoas.

um processo formativo, e portanto, análogo aos ritos iniciáticos. Em síntese, humanizar-se é expandir a capacidade de estabelecer relações de alteridade – eu/tu – em oposição a relações de objetificação – eu/isso (Freire, 1968/2011; Buber, 1974/2003). O estabelecimento de relações de objetificação é lido por Freire como uma forma de desumanização, pois conduz a relações centradas na força de coagir e oprimir. Humanização é compreendida como vocação ontológica dos seres humanos que foi negada pela opressão: “Se admitíssemos que a desumanização é a vocação histórica dos homens, nada mais teríamos que fazer, a não ser adotar uma atitude cínica ou de total desespero.” (Freire, 1968/2011, p.40)

Para Freire, essa relação de objetificação das pessoas acontece a partir de uma leitura engessada e naturalista do mundo. Sua inscrição crítica na cultura acontece, portanto, principalmente pela via da desnaturalização e consequente historização da vida humana. Tal postura é oposta a função formativa tradicional dos ritos iniciáticos, que buscam inserir o indivíduo em uma realidade cultural e metafísica mais ampla tida como natural e imutável por aquela cultura, o que inclui proibições e tabus. Encontramos na reversão da tradição para a historização (Freire, 1968/2011, 115.p.) mais um elemento da irreversibilidade na obra freiriana: a impossibilidade de naturalizar o mundo humano. Após adquirida a consciência crítica, não é possível um olhar fatalista para a realidade pois ela não é compreendida como mítica e impossível de ser modificada pela ação humana. Em termos simbólicos, é a saída do arquétipo, em seu significado mais naturalizante, para entrada no devir. Por nos reconhecermos como seres inconclusos nos historicizamos constantemente a partir da educação: “a concepção problematizadora, que, não aceitando um presente ‘bem-comportado’, não aceita igualmente um futuro pré-dado, enraizando-se no presente dinâmico, se faz revolucionária” (Freire, 1968/2011, p.102.)

A luz da psicologia analítica podemos especular que o humano dialógico tratasse de uma repaginação do arquétipo do herói, do ser humano modelo. Isso significa que estamos tratando de um *mito* freiriano, com toda a ambiguidade que esse termo tem. Mito no sentido de base metapsicológica e metafísica para a construção do ser, com seus valores e paradigmas definidos, assim como mito representando um falseamento da realidade, exagero e caricatura do real, mas que possui lógica interna e capacidade de persuasão. Nesse sentido, o próprio ato de tornar-se um humano dialógico, assim como a própria individuação, não deve ser compreendido como um processo que possui um fim. Pelo contrário, o ser aumenta sua capacidade de dialogicidade quanto mais dialógico se torna. O humano dialógico tratar-se, portanto, de um modelo, servindo também como forma de denúncia e autocrítica acerca das nossas limitações em sermos efetivamente dialógicos.

A ascensão a tal patamar de consciência é compreendida como função ontológica dos oprimidos: “somente os oprimidos, libertando-se, podem libertar os opressores. Estes, enquanto classe que oprime, nem libertam, nem se libertam.” (Freire, 1968/2011, p.60). Observamos aqui o mito cristão dos oprimidos como salvadores e restauradores do equilíbrio no mundo a partir da ação revolucionária. Esse mito foi e ainda é amplamente utilizado para perpetrar diversas arbitrariedades contra os próprios oprimidos, o que é facilitado por sua grande gratificação egoica. A partir dele os oprimidos passam a significar sua condição de opressão como sinal de força e capacidade de libertação, e não debilidade.

Tal fortalecimento egoico é positivo, porém pode desencadear efeitos colaterais, entre eles a substituição da busca por libertação por uma ritualística que simula essa libertação sem efetivá-la, tornando-a um fim em si mesma. Práticas dessa modalidade visam apenas gerar gratificação egoica e não transformações reais, num pacto tácito e inconsciente com a estrutura opressora, tendo em vista que existe apenas uma tendência a repetição do gozo no lugar subjetivo constelado pelo arquétipo do salvador. Outro problema da ativação desse arquétipo é a compreensão de si como agente de salvação mesmo quando encerradas ou transformadas as condições de opressão, o que tende a gerar projeções a respeito dos comportamentos e situações que devem ser modificadas. A constelação do arquétipo do salvador, por exemplo, é um dos elementos que justificou o processo de catequização e escravidão dos indígenas brasileiros, considerados adoradores do diabo (Dias & Gambini, 1999).

Encontramos aqui um problema referente à ativação de arquétipos para finalidades específicas. O arquétipo do salvador é um dos elementos mais mobilizadores de nossa cultura, no entanto um arquétipo, depois de ativado e colocado em movimento no coletivo, ganha força e inércia que escapa às intervenções e juízos mais prudentes da consciência, em alguns casos, só perdendo força após um rastro de sangue. No entanto, é igualmente difícil imaginarmos uma grande transformação social sem uma grande mobilização de energias arcaicas e que tenham força o suficiente para mudanças estruturais. Por isso a radicalidade e consequente irreversibilidade no nascimento da consciência crítica se faz imprescindível.

A fim de evitar o insuflamento excessivo de forças arcaicas e fanatismos destrutivos, Freire enfatizará o papel da autonomia e da tomada da consciência crítica em oposição ao comportamento massificado (Freire, 1968/2011, p.32). A contínua expansão de relações eu/tu e o combate as relações eu/isso são, portanto, irreversíveis. Atualmente tal ampliação estendem-se inclusive para as discussões ambientais e de manejo de recursos naturais. A radicalidade do diálogo implica um processo contínuo de interação e transformação que não

pode restringir-se ao mero uso utilitarístico. Essa perspectiva também possibilita o retorno do debate acerca da dimensão política do conceito de Self de *anima mundi* no interior da psicologia analítica, conforme destaca Marcus Quintaes (Thiasos, 2021, junho 26).

A introversão do processo iniciático e sua irreversibilidade podem ser observadas pela constatação de que não é impossível *ser mais* e *ser menos* ao mesmo tempo. É contraditório estar constantemente aberto ao diálogo, mudança e a alteridade ao mesmo tempo estar fechado a essa experiência. Obviamente que podemos ter maior abertura ao diálogo em determinados pontos de nossa vida e menor abertura em outros. No entanto, algo que foi analisado pela consciência crítica não pode regredir para estágios anteriores de reflexão. Quando essa “regressão” aparentemente acontece, tendemos a considerar que a consciência crítica não foi efetivamente desenvolvida naquela pessoa. Por isso a práxis, a convergência entre teoria e prática, é condição incondicional para a efetivação da consciência crítica.

Falta de alternativas

Apesar do aparente otimismo da obra freiriana, é importante destacarmos que trata-se de um posicionamento radical, de modo que certas ambiguidades inviabilizarão a dialogicidade. Tal engajamento por parte dos oprimidos não é uma escolha a ser feita, como lembra Leonardo Boff (2017, agosto 7): “Vocês são aqueles condenados a ter sonhos, porque vocês são violados, desprezados e humilhados. E a defesa de vocês é sonhar um outro mundo, não só diferente, mas um mundo necessário.”

Tal libertação e este “mundo novo” apenas podem acontecer na práxis libertadora, pois a mera consciência da opressão é insuficiente. “Descobrir-se na posição de opressor, mesmo que sofra por este fato, não é ainda solidarizar-se com os oprimidos. (...) A solidariedade, exigindo de quem se solidariza que ‘assuma’ a situação de com quem se solidarizou, é uma atitude radical.” (Freire, 1968/2011, p.49). Portanto, toda reflexão, para ser verdadeira reflexão, precisa ser conduzida à prática, constituindo-se numa ‘razão nova’ gerada pela consciência oprimida em seu processo de libertação (Freire, 1968/2011, p.73).

O ato de dominação pode ser lido, do ponto de vista epistemológico, como consequência da dicotomia entre “seres pensantes” e “seres que fazem”. O fim desta dicotomia, que é sozinha uma revolução, significa a apropriação por aqueles que fazem, a classe operária, da capacidade de pensarem por si. Portanto, a mudança econômica sozinha não implica em mudança do status ontológico dos sujeitos, de modo que não existe revolução real fora da práxis. A mera redistribuição de renda de forma compulsória não é o suficiente

para finalizar o regime de opressão. A opressão é finalizada quando o pensar e o fazer críticos se tornam o *modus operandi* da sociedade.

Apesar da falta de alternativas proposta pela práxis e o modelo freiriano, não podemos considerar essa leitura sectária ou fechada em si mesma (Freire, 1968/2011, pp.35-37). O funcionamento dos sectários possui proximidade com o dos iniciados, pois ambos buscam primordialmente a preservação, ao máximo possível, de uma concepção de verdade imutável que não deve ser questionada ou colocada a prova, sob risco de perda da pureza ideológica. A radicalidade proposta por Freire, por outro lado, remete ao processo de enraizamento no solo cultural e, conseqüentemente, capacidade de operar e de criar dentro daquela referência cultural. Podemos considerar que o sectarismo aproxima-se da heteronomia devido à realidade estática em que vive e a radicalidade como tendendo mais a autonomia, no sentido da possibilidade de alteração das regras sociais a partir da consciência de suas lógicas norteadoras.

Nesse sentido, a valorização da dimensão do “mistério” na psicologia analítica pode ser um das justificativas para a manutenção do discurso conservador, tendo em vista que, frente a ele, tendemos ao comportamento do temor. Só passamos do temor a compreensão a partir de exaustivo trabalho de aproximação e compreensão. Porém, no que se refere ao inconsciente, em especial o inconsciente do modelo junguiano, essa aproximação está fadada à precariedade. No entanto, Nise da Silveira utilizou o elemento misterioso a favor da liberdade (Silveira, 1981), confiando que as tendências curativas da psique e o próprio inconsciente tendem a uma organização intuitiva e orgânica de tal modo que a interferência excessiva da consciência em processos tão naturais é desnecessária e inclusive não desejável.

Nova proposta iniciática

Por fim, se pensarmos na perspectiva freiriana como análoga a uma iniciação contemporânea, podemos destacar sua diferença para com as iniciações em contextos tradicionais. Estas possuem função adaptativa e de adequação do sujeito à cultura onde ele é iniciado, ao mesmo tempo que eleva o sujeito a uma condição de conhecimento superior à anterior, considerada infantil ou embrionária. Essa dinâmica funciona de modo análogo à relação oprimido-opressor (Freire, 1968/2011; Alschuler, 2006), de modo que o oprimido estaria no papel do não-iniciado e, portanto, aquele que não atingiu a maioria ou a possibilidade de ser considerado pessoa adulta. Tornar-se pessoa adulta/autônoma é lida, inclusive, como uma impossibilidade ontológica para determinados grupos, como por

exemplo os debates históricos a respeito da existência ou não de alma nas mulheres, indígenas, escravos, entre outros. Os ritos tradicionais podem, nesse aspecto, tender a uma relação mais próxima com a dualidade eu/isso.

Na interface entre psicologia analítica e a teoria freiriana podemos comparar a relação entre oprimido-opressor com o complexo dependência-paternalismo (Alschuler, 2006, pp. 23-40), onde o oprimido sente que necessita do opressor para sua sobrevivência enquanto o opressor sente que cuida dos oprimidos e é necessário para sobrevivência deles. Logo o opressor é visto como modelo paterno a ser seguido pelos oprimidos. Nesse sentido, a compreensão de que a iniciação à masculinidade é um “nascimento pelo pai” (Tacey, 1997, pp. 99-101) torna-se um forte indicativo de que as iniciações tradicionais são, pelo menos em parte, alternâncias no papel dialético entre oprimidos e opressores. A concepção de educação bancária (Freire, 1968/2011, pp. 79-106; Alschuler, 2006, p. 30), de que os alunos (oprimidos) são meros receptáculos do conhecimento dos professores (opressores) pode ser compreendido como um funcionamento que se aproxima muito do iniciático tradicional patriarcal, onde o iniciado é considerado um representante vivo do contexto onde ele foi iniciado e responsável pela manutenção e proteção de suas tradições.

A partir disso, podemos compreender que a iniciação representa o corte no par dialético criança-adulto a partir da ritualização da morte da criança e renascimento enquanto adulto. Essa cisão, no entanto, promove um adulto excessivamente centrado nas necessidades coletivas do grupo onde foi iniciado, não respeitando concomitantemente suas necessidades individuais genuínas. Do ponto de vista psíquico e simbólico o rompimento com a infância é também o rompimento com a potência criativa de buscar novas resoluções para antigas questões. A resignação e a repetição da tradição tornam-se o *modus operandi* central na personalidade, repelindo alterações.

O processo de conscientização rumo à consciência crítica (Freire, 1968/2011) é exatamente o oposto, tratando-se da tensão entre demanda vital e criativa (dimensão infantil) e responsabilidade coletiva (dimensão adulta). Pois os oprimidos precisam conectar-se com suas necessidades vitais e origens, distanciando-se da ideologia hegemônica imposta pelo opressor, para conseguirem construir meios de resolução para sua condição de opressão (Alschuler, 2006, pp. 63-80). A cisão entre mundo social e individual é rompida e passa a ser compreendida como faces de uma mesma moeda, tendo em vista que um conjunto de desconfortos sentidos na vida individual que mobilizam as forças sociais criativas responsáveis pela construção de soluções possíveis para a resolução desses problemas.

Nessa relação dialética, criança e adulto simbólicos modificam-se mutuamente de modo alternado a fim de corresponder às demandas concretas da realidade. Esse movimento não corresponde a um apego narcísico e rígido à dimensão infantil, ao qual podemos considerar exatamente como o elemento sombrio por trás das iniciações tradicionais e sua tendência ao fundamentalismo. No caso dessas últimas, o comportamento estereotipado e excessivamente identificado com a persona oculta uma criança ferida e incapaz de estabelecer contato produtivo/criativo com o ego e com o mundo. O aparente distanciamento emocional ou cólera busca ocultar a incapacidade de administrar as próprias emoções e frustrações.

Portanto, um dos elementos psíquicos que podemos destacar como fundamentais para esse processo de comunicação entre dimensão simbólica infantil e adulta é a manutenção do sentimento de esperança, em sua dimensão de atividade esperançosa ativa, e não de resignação. A esperança é o que possibilita a conexão potente e transformadora entre a atividade da fantasia (introvertida, infantil, teleológica, em conexão com os sonhos e projetos de futuro) e a capacidade pragmática (extrovertida, causal e adulta) de realização e efetivação no mundo. Isso proporciona ao sujeito o sentimento de propósito amplo de vida assim como de caminho a ser percorrido, o que é um importante fator no combate ao vazio existencial.

Não é, porém, a esperança um cruzar de braços e esperar. Movo-me na esperança enquanto luto e, se luto com esperança, espero.

Se o diálogo é o encontro dos homens para *ser mais*, não pode fazer-se na desesperança. Se os sujeitos do diálogo nada esperam do seu quefazer, já não pode haver diálogo. O seu encontro é vazio e estéril. É burocrático e fastidioso. (Freire, 1968/2011, p.114).

Ressaltamos que a manutenção da relação dialógica entre criança e adulto interno é elemento também presente na relação do próprio Paulo Freire com sua vida. Observamos isso em sua palestra no auditório do CDCC em 22 de novembro de 1994:

Essa forma sábia de falar [da criança] é também do adulto e é também da criança. Eu até diria: É do adulto que não matou o menino que tinha em si. E essa é uma das coisas que eu vou dizer a vocês com uma convicção enorme. Eu tenho 73 [anos], vejam bem, vocês estão longe desse nível. Mas eu sou o mesmo menino que fui e brigo para ser o menino que não pude ser, hoje ainda. É claro, só não faço as peraltices de um menino porque o meu físico não aguenta mais (risos). (USP CDCC São Carlos, 2014, março 18, 52:19-53:00)

4.4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A consciência crítica em Paulo Freire é uma consciência em situação, em contexto. Não tratasse de uma empreitada de crítica individual de estruturas dadas, mas antes, um processo de desconstrução e construção dentro do próprio contexto social onde ela se insere. Esse espaço livre e protegido, esse *têmenos*, precisa ser continente de desentendimentos e

desacordos. Podemos questionar, inclusive, se existe *têmenos* em contextos sociais de impossibilidade de discordância. A tendência, denunciada por Jung (1958/2013, p.11-19), dos grupos regredirem seus participantes, projetando no grupo suas expectativas de autorrealização, pode ser questionada, pois o acolhimento verdadeiro promove a individuação, e não o contrário. Talvez devêssemos nos questionar se os grupos conseguem efetivamente produzir um espaço efetivamente livre e protegido, o que implica também a liberdade de pensamento e a consciência crítica.

Podemos considerar então a livre circulação da consciência crítica dentro dos diferentes grupos sociais como indicativos do quão efetivos conseguem promover um acolhimento das individualidades, um *têmenos* de fato onde as transformações e experiências podem ser processadas. A consciência crítica exige, portanto, um terreno social onde ela é desenvolvida e acolhida, caso contrário não poderá efetivar-se enquanto práxis, permanecendo em estágio embrionário de desenvolvimento.

O acolhimento da consciência crítica não implica numa aceitação passiva das discordâncias, mas antes em engajamentos ativos dos diferentes integrantes na busca de sintetizar e integrar os elementos propostos por cada pessoa, sem uma sobreposição grosseira e autoritária de uma visão sobre a outra. Isso também implica a recusa a uma conformidade por conveniência e cordialidade, muitas vezes tão nociva quanto a alternativa autoritária.

Por fim, podemos identificar pontos de contato profícuos entre as hermenêuticas junguianas e freirianas para novos estudos. Consideramos que o aprofundamento desses debates possibilita que a psicologia analítica possa progressivamente adotar posturas cada vez mais engajadas de posicionamento ético e político a fim de possibilitar que as pessoas e modos de existências historicamente silenciados em nossa cultura possam ter voz, contem suas próprias histórias e tenhamos ouvidos para finalmente escutar.

4.5 REFERÊNCIAS

- Alschuler, L. R. (2006). *The psychopolitics of liberation: Political consciousness from a jungian perspective*. Nova York-N.Y: Palgrave Macmillan
- Boff, L. (2017, agosto 7). Conversas com Leonardo Boff: “O golpe está desmontando a nação”. *Crônicas do Sul*. Recuperado de <https://cronicasdosul.com/2017/08/07/conversas-com-leonardo-boff-o-golpe-esta-desmontando-a-nacao/>
- Buber, M. (2003). *Eu e tu*. (6. ed.). São Paulo-SP: Centauro (Trabalho original publicado em 1974)
- Dias, L. & Gambini, R. (1999). *Outros 500: uma conversa sobre a alma brasileira*. São Paulo-SP: Senac
- Estes, P. C. (1999). *Mulheres que correm com os lobos: Mitos e histórias do arquétipo da mulher selvagem*. Rio de Janeiro-RJ: Rocco

- Ferreira, D. (2016). A espiritualidade laica de Luc Ferry: Uma proposta terrena de salvação. *Revista de Teologia e Ciências da Religião da UNICAP (Descontinuada)*, 6(1), 165-179. <https://doi.org/10.25247/2237-907x.2016v6n1.p165-179>
- Freire, P. (2011). *Pedagogia do oprimido* (50. ed.). Rio de Janeiro-RJ: Terra e Paz (Trabalho original publicado em 1968)
- G1 (2016, fevereiro 17). Só um livro brasileiro entra no top 100 de universidades de língua inglesa. *G1*. Recuperado de <http://g1.globo.com/educacao/noticia/2016/02/so-um-livro-brasileiro-entra-no-top-100-de-universidades-de-lingua-inglesa.html>
- Garré, B. H., & Henning, P. C. (2013). O pensamento humanista cristão e algumas reverberações na pedagogia freireana. *Educação e Filosofia*, 27(53), 275-296. <https://doi.org/10.14393/REVEDFIL.issn.0102-6801.v27n53a2013-p275a296>
- Green, E. (2016, maio 12). What are the most-cited publications in the social sciences (according to Google Scholar)?. *The London School of Economics and Political Science*. Recuperado de <https://blogs.lse.ac.uk/impactofsocialsciences/2016/05/12/what-are-the-most-cited-publications-in-the-social-sciences-according-to-google-scholar/>
- Johnson, R. A. (1987). *We: a chave da psicologia do amor romântico*. São Paulo-SP: Mercuryo
- Jung, C. G. (2013). Presente e futuro. In *Obras completas de C. G. Jung* (Vol. 10/1). Petrópolis-RJ: Vozes. (Trabalho original publicado em 1958)
- Laurenti, C. & Lopes, C. E. (2016). Metodologia da pesquisa conceitual em psicologia. In C. Laurenti, C. E. Lopes & S. F. Araujo (Eds.). *Pesquisa teórica em psicologia: aspectos filosóficos e metodológicos* (Cap. 3, pp. 41-69). São Paulo-SP: Hogrefe CETEPP
- Peterson, J. B. (2018). *12 regras para a vida: Um antídoto para o caos*. Rio de Janeiro: RJ: Alta Books Editora.
- Segala, L, A, (2010) Religião/religiosidade. In Streck, R. D., Redin, E., Zitkoski, J.J.(Orgs.). *Dicionário Paulo Freire* (2. ed., pp. 266-228). Belo Horizonte-MG: Autêntica
- Silveira, N. da (1992). *Jung: Vida e obra*. São Paulo-SP: Paz e Terra (Trabalho original publicado em 1968)
- Silveira, N. da (1981). *Imagens do inconsciente*. Rio de Janeiro-RJ: Alhambra
- Tacey, D. J. (1997). *Remaking men: Jung, spirituality and social change*. Londres: Routledge
- Thiasos (2021, junho 26). *Marcus Quintaes – O Mundo é a morada do Self* [Ficheiro em vídeo]. Recuperado de <https://www.youtube.com/watch?v=fhIJ4vvMbdI&t=5210s>
- USP CDCC São Carlos (2014, março 18). *Prof. Paulo Freire* [Ficheiro em vídeo]. Recuperado de <https://www.youtube.com/watch?v=2C518zxDAo0>
- Van Gennep, A. (2013). *Os ritos de passagem*. (4. ed.) Petrópolis-RJ: Vozes. (Trabalho original publicado em 1909)
- Watkins, M & Shulman, H. (2008) *Em Direção às Psicologias da Libertação*, Londres: Palgrave Macmillan. Recuperado de: <https://mary-watkins.net/books/>
- Zoja, L. (1992). *Nascer não basta: Iniciação e toxicodependência*. São Paulo-SP: Axis Mundi

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entre os pontos de divergência epistemológica em nossa aproximação entre pedagogia do oprimido e a psicologia analítica podemos destacar a ausência de separação nítida entre natureza e cultura para a psicologia analítica e a separação categórica entre naturalização e historização para Freire (1968/2011). Nesse aspecto, Freire, numa perspectiva marcada pelo materialismo histórico e dialético, tende a considerar a dimensão histórica como a marca do humano, enquanto a dimensão natural como a-histórica e o campo da existência animal (Freire, 1968/2011, 122-124). A psicologia analítica, no entanto, tende a compreender que a dicotomia entre natureza e cultura é uma forma de neurose coletiva produzida pelo excesso de racionalidade em nossa cultura ocidental e que precisa ser compensada por um movimento de reconexão simbólica com a natureza (Jung, 1961/2016, pp. 248-254). É importante destacarmos, no entanto, que a natureza em psicologia analítica não representa meramente os princípios biológicos essenciais anteriores à cultura, mas um campo simbólico vivo e, portanto, mutável acerca dos fundamentos de nossa existência.

Se por um lado a naturalização favorece o pensamento mágico de fatalismo perante a realidade, na perspectiva freiriana, por outro a conexão com a *anima mundi* é prejudicada a partir de uma perspectiva excessivamente reificada sobre a vida. Em seu livro “*A Vida Não é Útil*” Ailton Krenak (2020) nos oferece importantes contribuições aos impasses ecológicos e sociais atuais, apresentando uma síntese equilibrada a essa aparente dicotomia entre consciência crítica e pensamento mágico. A personificação das coisas (plantas, formações geológicas, do céu, dos astros, entre outras coisas) em sua perspectiva possibilita a conexão profunda e significativa com a natureza (ou *anima mundi*, para a psicologia analítica). Essa conexão profundamente subjetiva e carregada de familiaridade, a ponto de considerar um rio como um avô, por exemplo, instala o profundo respeito, cuidado e proteção para com o meio ambiente. A mera coisificação do meio ambiente, considerado então como “recurso natural” é excessivamente racional e pouco conectado subjetivamente para produzir um senso significativo de pertencimento e responsabilidade.

Consideramos, portanto, que a dicotomia natureza/cultura é pouco favorável ao debate que estamos propondo. É mais profícuo focarmos na dicotomia ser menos/ser mais. Ou seja, a postura de fatalismo e bloqueio da potência de ação na vida em oposição à abertura dialógica para a alteridade e a construção do novo mesmo frente todo tipo de obstrução. A produção da vida, biofilia, em oposição a produção de morte, necrofilia (Freire, 1968/2011, pp. 61-66).

Diversos outros temas são pertinentes ao diálogo entre psicologia analítica e pedagogia do oprimido que não foram abordados nesse trabalho. Podemos aproximar o

processo de transformação da consciência dos oprimidos ao processo alquímico de transformação do metal inferior em ouro. O mergulho no inconsciente na busca pelo Self possui a sombra como primeiro obstáculo. A sombra, como elemento rejeitado em nós pela persona, precisa ser projetada no mundo e posteriormente recolhida no processo analítico para que possa ser reconhecida como tendo origem na pessoa. Nesse aspecto, numa transposição dessa leitura para o contexto cultural, a transformação da sociedade passa necessariamente pela análise de nossa sombra social, no caso o sistema de exploração, silenciamento e morte em que vivemos.

Gambini (2000) é o primeiro autor brasileiro em psicologia analítica a sublinhar que a alma do povo brasileiro necessita integrar este outro a quem nossa sombra cultural foi projetada, no caso os povos indígenas e de origem africana. Essa sombra precisa ser elaborada a partir de políticas de reparação histórica, num processo de autocrítica das pessoas brancas em relação às marcas negativas deixadas por seus antepassados. A recusa a essa reparação, segundo Gambini (2000), relegaria nossa cultura a uma condição de neurose coletiva, de uma cisão interna que torna incapaz o reconhecimento efetivo de si e o outro na cultura. Podemos observar com nitidez essa neurose social quando ocorrem depredações públicas a figuras históricas associadas ao extermínio indígena, como os bandeirantes e o recente caso da depredação da estátua de Borba Gato (Mercier, 2021, julho 24). Enquanto o neonazismo e sua apologia são mal vistos pelo imaginário social. O processo genocida de colonização do Brasil ainda hoje é lido como uma espécie de “mal necessário” para que a “civilização” fosse estabelecida nessa região, considerada uma terra de pessoas selvagens e sem alma.

Do ponto de vista ambiental, o excesso de produção de lixo destaca a gradual perda de importância simbólica e afetiva dos objetos para dar lugar um culto ao paradigma da eficiência e, conseqüentemente, da obsolescência programada. Do ponto de vista psicológico podemos considerar o lixo como o objeto menos investido de libido de todos. O objeto deixa de promover alguma função simbólica e prática para a pessoa e, portanto, é “jogado fora”. O lixo, desse modo, impõe-se também como uma metáfora de nossa sombra e dos oprimidos, literalizada na invisibilidade em diversos níveis que sofrem as pessoas em condição de pobreza.

Nesse sentido, consideramos que Nise da Silveira (1981) intuitivamente compreendia que por detrás das sombras e sobras era possível transformar lixo em ouro. Em seu trabalho na Terapia Ocupacional do Hospital Psiquiátrico Dom Pedro II conseguiu a façanha de revelar que por detrás do pesado diagnóstico de esquizofrenia e mesmo com todo a violência da institucionalização, ainda assim era possível a descoberta de artistas de grande valor para a

arte contemporânea. Silveira compreendia que o ouro, enquanto metáfora da libido, precisava ser encontrada e transmutada em meio as pessoas mais estigmatizadas e invisibilizadas socialmente.

Da mesma forma, os oprimidos para Freire (1968/2011) são os sujeitos efetivamente capazes de mudar a realidade histórica e seu paradigma. Aparentemente, quanto mais utilitarista, mecânica e eficiente tornamos a vida, menos ela tem valor. Se pretendemos realizar o encontro erótico com a *anima mundi*, como propõe Marcus Quintaes (Thiasos, 2021, junho 26), precisamos antes recuperar a capacidade nos conectarmos com as pessoas e objetos por sua relevância simbólica e afetiva, e não por sua eficácia prática. Nesse sentido, temos muito o que aprender com os povos indígenas e seus pensadores, que estabelecem relações anímicas e de parentesco com aquilo que nós brancos chamamos de “coisas” (Krenak, 2019). A eficiência para esses povos é derivada da relação respeitosa e íntima com os objetos e o mundo ao redor, e não atributos inerentes aos objetos. Os objetos mágicos, como maracás, tendem a ser mais poderosos quanto mais os pajés os utilizam e familiarizam-se com suas propriedades mágicas. Uma vida para além do consumismo, nesse sentido, passa pela revalorização afetiva e simbólica das pessoas e dos objetos para além de sua mera necessidade prática e funcional.

O confronto com a sombra, nessa perspectiva, não pode acontecer fora da cultura e apenas na psicodinâmica individual. A sombra estrutura-se em oposição à persona, que pode ser lida como o somatório das expectativas introjetadas sobre nós mesmos a partir da relação com nosso meio familiar, social e cultural. Portanto, quanto maior a sombra, mais culturalmente enraizada ela é. Quando elaboramos e trabalhamos nossa sombra, toda a rede de relações sociais que a constituem também precisam ser transformadas. Caso isso não aconteça, contribuímos para a manutenção de perspectivas individualistas do funcionamento psíquico, algo inadmissível para a psicologia analítica que parte do pressuposto de um inconsciente coletivo.

Na perspectiva do trabalho com os ritos iniciáticos em psicologia analítica podemos sublinhar o importante resgate das culturas tradicionais indígenas assim como o desenvolvimento das psicoterapias aliadas ao uso de psicodélicos (Rodrigues, 2019). Zoja (1992) destaca que a ausência de ritualísticas e efetivos processos de morte e renascimento simbólicos como elementos centrais tanto no uso abusivo de drogas como na própria marginalidade. Cita inclusive diferentes práticas de uso ritualístico de drogas em diferentes culturas com finalidades rituais. No Brasil possuímos diversas religiões de origem popular que compõem o uso de enteógenos na composição de seus ritos, como a ayahuasca e a jurema.

O resgate dessas nossas raízes ancestrais da invisibilidade é importante, pois promove o enraizamento psíquico em elementos ricos de nossa cultura brasileira, em oposição a cultura globalizada hegemônica focada na lógica neoliberal de produção de subjetividades.

Para além do tratamento de diversos transtornos mentais, é notório que o uso religioso da ayahuasca por religiões como o Santo Daime tem contribuído para a recuperação da toxicomania assim como para a reintegração a sociedade de pessoas apenadas, como pode ser observado no trabalho da ong ACUDA, em Rondônia (Fantástico, 2015, maio 24). Nesse sentido, o contexto terapêutico assim como o religioso podem oferecer a continência necessária, ou *têmenos*, para que os processos de morte e renascimento buscados nessa experiência possam efetivamente acontecer. Uma melhor inscrição social dessas pessoas também favorece o desenvolvimento da consciência crítica, tendo em vista que a opressão estrutural sofrida e conscientizada pode ser canalizada para transformações mais produtivas, e não como a frustração da violência horizontal (Freire, 1968/2011, p. 68) direcionada aqueles em condições semelhantes de vida.

Esperamos que com esse breve trabalho tenhamos possibilitado um vislumbre das amplas possibilidades que o estudo dos ritos iniciáticos e seu encontro com a pedagogia do oprimido (Freire, 1968/2011) proporcionam para a psicologia analítica. O encontro da transformação interna com a transformação externa possibilita novos olhares psicopolíticos para a psicologia junguiana assim como a pedagogia freiriana. Desejamos com este trabalho possibilitar um vislumbre de novas utopias possíveis, principalmente na gestão de novos modos de subjetivação. Esta obra terá cumprido seu papel se instigar em seus leitores, mesmo que por alguns instantes, o sonho de uma humanidade biofílica, dialógica, crítica e pautada por valores orientados ao cuidado mútuo e a vida.

REFERÊNCIAS

- Alschuler, L. R. (2006). *The psychopolitics of liberation: Political consciousness from a jungian perspective*. Nova York-N.Y: Palgrave Macmillan
- Arendt, H. (1999) *Eichmann em Jerusalém: um relato sobre a banalidade do mal*. São Paulo-SP: Companhia das Letras
- Bauman, Z. (2001). *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Bauman, Z. (2017) *Retrotopia*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Bobbio, N; Matteucci, N. & Pasquino, G. (1998) *Dicionário de política* (Vol. 1) (11. ed.). Brasília-DF: Universidade de Brasília.
- Buber, M. (2003). *Eu e tu*. (6. ed.). São Paulo-SP: Centauro (Trabalho original publicado em 1974)
- Boechat, W. (org.). (2014). *A alma brasileira: luzes e sombra*. Petrópolis-RJ: Vozes
- Boff, L. (2009) *Ética da vida: a nova centralidade*. Rio de Janeiro-RJ: Record
- Boff, L. (2017, agosto 7). Conversas com Leonardo Boff: “O golpe está desmontando a nação”. *Crônicas do Sul*. Recuperado de <https://cronicasdosul.com/2017/08/07/conversas-com-leonardo-boff-o-golpe-esta-desmontando-a-nacao/>
- Borges, P. R. (2013). *O declínio dos ritos de passagem e suas consequências para os jovens nas sociedades contemporâneas* (Tese de Doutorado) Universidade de São Paulo, SP,
- Bourdieu, P. (1989). *O poder simbólico*. Rio de Janeiro-RJ: Bertrand Brasil
- Byington, C. A. B. (2019a). A democracia e o arquétipo da alteridade. *Junguiana*, 37(1), 135-150. Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-08252019000100006&lng=pt&tlng=pt.
- Byington, C. A. B. (2019b). Futebol: a grande paixão do povo brasileiro. Um estudo da Psicologia Simbólica Junguiana. *Junguiana*, 37(1), 231-240. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-08252019000100012&lng=pt&tlng=pt.
- Byington, C. A. B. (2016). Uma explicação arquetípica da crucificação de Jesus pela teoria arquetípica da história. *Junguiana*, 34(2), 37-48. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-08252016000200005&lng=pt&tlng=pt.
- Cervantes, M. de (2005). *D. Quixote de la Mancha: primeira parte*. EbooksBrasil. (Trabalho original publicado em 1605) Recuperado de <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/eb00008a.pdf>
- Chomsky, N. (2011). *Notas sobre o anarquismo*. São Paulo-SP: Hedra.
- Chomsky, N. & Foucault, M. (2019). *Natureza humana: justiça vs. Poder - o debate entre Chomsky e Foucault*. São Paulo-SP: WMF Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1974)
- Da Matta, R (2013). Apresentação. In. Van Gennep, A. *Os ritos de passagem*. (4. ed. pp. 9-20). Petrópolis-RJ: Vozes (Trabalho original publicado em 1977).
- Dantas, A. (2019) *Dialética da modernidade: o logos instrumental e o eros simpático* (Vol. 2). Fortaleza-CE: Clube de Autores
- Dias, L. & Gambini, R. (1999). *Outros 500: uma conversa sobre a alma brasileira*. São Paulo-SP: Senac
- Eliade, M. (2000). *Nacimiento y renacimiento: El significado de la iniciación en la cultura humana*. Barcelona: Editorial Kairós (Trabalho original publicado em 1958).
- Estes, P. C. (1999). *Mulheres que correm com os lobos: Mitos e histórias do arquétipo da mulher selvagem*. Rio de Janeiro-RJ: Rocco
- Fantástico (2015, maio 24) *ONG oferece chá alucinógeno a presos em Rondônia* [Ficheiro em vídeo]. Recuperado de <https://globoplay.globo.com/v/4204008/>

- Ferreira, D. (2016). A espiritualidade laica de Luc Ferry: Uma proposta terrena de salvação. *Revista de Teologia e Ciências da Religião da UNICAP (Descontinuada)*, 6(1), 165-179. <https://doi.org/10.25247/2237-907x.2016v6n1.p165-179>
- Freire, P. (2011). *Pedagogia do oprimido* (50. ed.). Rio de Janeiro-RJ: Terra e Paz (Trabalho original publicado em 1968)
- G1 (2016, fevereiro 17). Só um livro brasileiro entra no top 100 de universidades de língua inglesa. *G1*. Recuperado de <http://g1.globo.com/educacao/noticia/2016/02/so-um-livro-brasileiro-entra-no-top-100-de-universidades-de-lingua-inglesa.html>
- Gambini, R. (2000). *Espelho índio: A formação da alma brasileira*. São Paulo-SP: Axis Mundi
- Garré, B. H., & Henning, P. C. (2013). O pensamento humanista cristão e algumas reverberações na pedagogia freireana. *Educação e Filosofia*, 27(53), 275-296. <https://doi.org/10.14393/REVEDFIL.issn.0102-6801.v27n53a2013-p275a296>
- Green, E. (2016, maio 12). What are the most-cited publications in the social sciences (according to Google Scholar)?. *The London School of Economics and Political Science*. Recuperado de <https://blogs.lse.ac.uk/impactofsocialsciences/2016/05/12/what-are-the-most-cited-publications-in-the-social-sciences-according-to-google-scholar/>
- Han, B. C. (2020). *Psicopolítica: O neoliberalismo e as novas técnicas de poder*. Belo Horizonte-MG: Âyiné.
- Han, B. C. (2021). *O desaparecimento dos rituais: uma topologia do presente*. Petrópolis-RJ: Vozes.
- Hillman, J. (1993). Psicologia, Self e Comunidade. Discurso proferido durante o jantar do Prêmio Cambridge em 17 de novembro de 1993. Disponível em: <http://humana.social/psicologia-self-e-comunidade/>
- Hillman, J. & Ventura, M. (1995). *Cem anos de psicoterapia – e o mundo está cada vez pior*. São Paulo-SP: Summus
- Huizinga, J. (2019). *Homo Ludens: o jogo como elemento da cultura* (9. ed.). São Paulo-SP: Perspectiva. (Trabalho original publicado em 1938)
- Jacoby, M. (2007). *Saudades do paraíso: Perspectivas psicológicas de um arquétipo*. São Paulo-SP: Paulus
- Johnson, R. A. (1987). *We: a chave da psicologia do amor romântico*. São Paulo-SP: Mercury
- Jung, C. G. (2013). A natureza da psique. In *Obras completas de C. G. Jung* (Vol. 8/2). Petrópolis-RJ: Vozes. (Trabalho original publicado em 1969)
- Jung, C. G. (2013). Presente e futuro. In *Obras completas de C. G. Jung* (Vol. 10/1). Petrópolis-RJ: Vozes. (Trabalho original publicado em 1958)
- Jung, C. G. (2013). Civilização em transição. In *Obras completas de C. G. Jung* (Vol. 10/3). Petrópolis-RJ: Vozes. (Trabalho original publicado em 1964)
- Jung, C. G. (2013). O desenvolvimento da personalidade. In *Obras completas de C. G. Jung* (Vol. 17). Petrópolis-RJ: Vozes. (Trabalho original publicado em 1954)
- Jung, C. G. (2012). A vida simbólica. In *Obras completas de C. G. Jung* (Vol. 18/2). Petrópolis-RJ: Vozes. (Trabalho original publicado em 1957)
- Jung, C. G. (2016). *Memórias, sonhos e reflexões* (30. ed.). Rio de Janeiro-RJ: Nova Fronteira. (Trabalho original publicado em 1961)
- Jung, C. G., Henderson, J. L., Von Franz, M. L., Jaffé, A., Jacobi, J., & Freeman, J. (2008). *O homem e seus símbolos*. Rio de Janeiro-RJ: Nova Fronteira. (Trabalho original publicado em 1964)
- Kimbles, S. L. (2013). The cultural complex and the myth of invisibility. In T. Singer (Ed.) *The vision thing: myth, politics and psyche in the world* (Cap. 10, pp. 157-169). London/New York: Routledge Taylor & Francis Group,

- Krenak, A. (2019). *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo-SP: Companhia das Letras
- Krenak, A. (2020). *A vida não é útil*. São Paulo-SP: Companhia das Letras
- Kuhn, T. (2012). *A função do dogma na investigação científica*. Curitiba-PR: UFPR, SCHLA.
- Laurenti, C. & Lopes, C. E. (2016). Metodologia da pesquisa conceitual em psicologia. In: C. Laurenti, C. E. Lopes & S. F. Araujo (Eds.). *Pesquisa teórica em psicologia: aspectos filosóficos e metodológicos* (Cap. 3, pp. 41-69). São Paulo-SP: Hogrefe CETEPP
- Leuenroth, E. (2002). Por que os anarquistas não aceitam a ação político-eleitoral. *Verve*, 2, 10-19, (Trabalho original publicado em 1918) Recuperado de <https://revistas.pucsp.br/index.php/verve/article/view/4609/3200>
- Lu, K. (2010) Jung and history: Adumbrations of a post-Jungian approach to psychoanalytic history, In: Heuer, G, (Ed.). *Sexual revolutions: Psychoanalysis, history and the father* (Cap. 1, pp. 11-34). Londres: Routledge <https://doi.org/10.4324/9780203834718>
- Lins, R. N. (2005). *A cama na varanda: Arejando nossas ideias a respeito de amor e sexo*. Rio de Janeiro-RJ: Best Seller
- Lins, R. N. (2012). *O livro do amor* (Vol. 1). Rio de Janeiro-RJ: Best Seller
- Mercier, D. (2021, julho 24) Estátua de Borba Gato, símbolo da escravidão em São Paulo, é incendiada por ativistas. *El País*. Recuperado de <https://brasil.elpais.com/brasil/2021-07-24/estatua-do-borba-gato-simbolo-da-escravidao-em-sao-paulo-e-incendiada-por-ativistas.html>
- Odajnyk, V. W. (1976) *Jung and Politics: The Political and Social Ideas of C. G. Jung*. New York: New York University Press
- Oliveira, H. (org) (2018). *Desvelando a alma brasileira: psicologia junguiana e raízes culturais*. Petrópolis-RJ: Vozes
- Otto, R. (2007). *O sagrado: os aspectos irracionais na noção do divino e sua relação com o racional*. Petrópolis-RJ: Vozes (Trabalho original publicado em 1917)
- Penna, E. M. D. (2005). O paradigma junguiano no contexto da metodologia qualitativa de pesquisa. *Psicologia USP*, 16(3), 71-94. <https://dx.doi.org/10.1590/S0103-65642005000200005>
- Peterson, J. B. (2018). *12 regras para a vida: Um antídoto para o caos*. Rio de Janeiro: RJ: Alta Books Editora.
- Rodolpho, A. L. (2004). Rituais, ritos de passagem e de iniciação: uma revisão da bibliografia antropológica. *Estudos teológicos*, 44(2), 138-146. <http://dx.doi.org/10.22351/et.v44i2.560>
- Rodrigues, S. (2019). *Introdução ao uso de psicodélicos em psicoterapia (apostila do minicurso da Associação Psicodélica do Brasil)*. Rio de Janeiro-RJ: APB.
- Samuels, A. (2019) Open Letter from a Group of Jungians on the Question of Jung's Writings On and Theories About "Africans": Notes on the Open Letter Published in The British Journal of Psychotherapy in November 2018, *Jung Journal*, 13:1, 27-34, <https://doi.org/10.1080/19342039.2019.1560790>
- Samuels, A. et. al. (2018), Open Letter From A Group of Jungians on The Question of Jung's Writings on And theories About 'Africans'. *British Journal of Psychotherapy*, 34: 673-678. <https://doi.org/10.1111/bjp.12408>
- Samuels, A. (2018). Jung and "Africans": a critical and contemporary review of some of the issues. *International Journal of Jungian Studies*, 10(2), 122–134. <https://doi.org/10.1080/19409052.2018.1454647>
- Samuels, A. (2017) The future of Jungian analysis: strengths, weaknesses, opportunities, threats ('SWOT'). *Journal of Analytical Psychology*, 62: 636– 649. <https://doi.org/10.1111/1468-5922.12351>
- Samuels, A. & Rubedo. (2003). *Dicionário crítico de análise junguiana*. Rio de Janeiro: Autor

- Samuels, A. (2002). *A política no divã: cidadania e vida interior*. São Paulo-SP: Summus
- Samuels, A. (1995). *A psique política*. Rio de Janeiro: Imago
- Schmitter, P. C. (1965). Reflexões sobre o conceito de política. *Revista de Direito Público e Ciência Política*, VIII(2), 45-60. Recuperado de <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/rdpcp/article/viewFile/59651/57996>
- Segala, L. A. (2010) Religião/religiosidade. In Streck, R. D., Redin, E., Zitkoski, J.J.(Orgs.). *Dicionário Paulo Freire* (2. ed., pp. 266-228). Belo Horizonte-MG: Autêntica
- Shakespeare, W. (2002). *Romeu e Julieta*. São Paulo-SP: Martin Claret (Trabalho original publicado em 1597)
- Shamdasani, S. (2005). *Jung e a construção da psicologia moderna: o sonho de uma ciência*. Aparecida-SP: Idéias & Letras
- Singer, T., & Kimbles, S. L. (2004). *The cultural complex: contemporary jungian perspectives*. New York: Brunner-Routledge
- on psyche and society
- Silveira, N. da (1992). *Jung: Vida e obra*. São Paulo-SP: Paz e Terra (Trabalho original publicado em 1968)
- Silveira, N. da (1981). *Imagens do inconsciente*. Rio de Janeiro-RJ: Alhambra
- Soares, C. B., Hoga, L. A. K., Peduzzi, M., Sangaleti, C., Yonekura, T. & Silva D. R. A. D. (2014) Revisão integrativa: conceitos e métodos utilizados na enfermagem. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, 48(2), 335-345. <https://doi.org/10.1590/S0080-6234201400002000020>
- Sobrinho, A. M. M. de S. (2020) Do indutivismo neopositivista ao racionalismo crítico popperiano: Uma discussão sobre os critérios de demarcação na epistemologia científica. *Revista de Filosofia Moderna e Contemporânea*, 8(1) 325-339 <https://doi.org/10.26512/rfmc.v8i1.28435>
- Solano, E. (org) (2018). *O ódio como política: A reinvenção das direitas no Brasil*. São Paulo-SP: Boitempo
- Tacey, D. J. (1997). *Remaking men: Jung, spirituality and social change*. Londres: Routledge
- TEDx Talks (2011, maio 10). *Coragem para pedir ajuda: Bernardo Toro no TEDxAmazônia* [Ficheiro em vídeo]. Recuperado de <https://www.youtube.com/watch?v=7oUUTuOx3eU&t=453s>
- Teoria & Debate (2019, abril 24). *Vladimir Safatle - neoliberalismo e profascismo: o caso brasileiro* [Ficheiro em vídeo]. Recuperado de <https://www.youtube.com/watch?v=sm9SMUDa-7w>
- Testa, A.L. & Serbena, C.A. (2019). Psicoterapia de grupos y Psicologia Analítica. *Revista brasileira de psicoterapia*, 21(2): 59-77. https://rbp.celg.org.br/detalhe_artigo.asp?id=318
- Thiasos (2021, junho 26). *Marcus Quintaes – O Mundo é a morada do Self* [Ficheiro em vídeo]. Recuperado de <https://www.youtube.com/watch?v=fhIJ4vvMbdI&t=5210s>
- Tsivinsky, V. (2019) No one here gets out alive: the Bluebeard story in therapy and in the culture. *Journal of Analytical Psychology*, 64: 485– 497. <https://doi.org/10.1111/1468-5922.12516>.
- Tsivinsky, V. (2016) Malchish-Kibalchish: cultural factors in a clinical case. *Journal of Analytical Psychology*, 61: 450– 464. <https://doi.org/10.1111/1468-5922.12242>.
- Tsivinsky, V. (2014), The spatial metaphor of Utopia in Russian culture and in analysis. *Journal of Analytical Psychology*, 59: 47-59. <https://doi.org/10.1111/1468-5922.12054>
- USP CDCC São Carlos (2014, março 18). *Prof. Paulo Freire* [Ficheiro em vídeo]. Recuperado de <https://www.youtube.com/watch?v=2C518zxDAo0>
- Van Gennep, A. (2013). *Os ritos de passagem*. (4. ed.) Petrópolis-RJ: Vozes. (Trabalho original publicado em 1909)

- Vosgerau, D. S. R., & Romanowski, J. P. (2014). Estudos de revisão: implicações conceituais e metodológicas. *Revista Diálogo Educacional*, 14(41), 165-189. <http://dx.doi.org/10.7213/dialogo.educ.14.041.DS08>
- Watkins, M & Shulman, H. (2008) *Em Direção às Psicologias da Libertação*, Londres: Palgrave Macmillan. Recuperado de: <https://mary-watkins.net/books/>
- Wiener, J. (2019) Models for training in Developing Groups: importing the traditional into unfamiliar cultures. *Journal of Analytical Psychology*, 64: 443– 461. <https://doi.org/10.1111/1468-5922.12513>.
- Wiener, J. (2017) Bureaucracy and creativity: do they make companionable bedfellows? *Journal of Analytical Psychology*, 62: 660– 669. <https://doi.org/10.1111/1468-5922.12354>.
- Wilhelm, R. (2006) *I Ching: o livro das mutações*. São Paulo-SP: Pensamento (Trabalho original publicado em 1924)
- Zizek, S. (2015, Fevereiro 5) O vínculo já rompido entre a democracia e a economia de mercado. Artigo de Slavoj Žižek. *Instituto Humanitas Unisinos*. Recuperado de <http://www.ihu.unisinos.br/noticias/539629-o-vinculo-ja-rompido-entre-a-democracia-e-a-economia-de-mercado-artigo-de-slavoj-iek>
- Zizek, S. (2016, novembro 29). The left's fidelity to Castro-ation. *In These Times*. Recuperado de <https://inthesetimes.com/article/19677/the-left-fidelity-castration-slavoj-zizek-fidel-castro-cuba-che-communism>
- Zoja, L. (1992). *Nascer não basta: Iniciação e toxicodependência*. São Paulo-SP: Axis Mundi